AÇÃO! uma homenagem à arte de pôr imagens em movimento

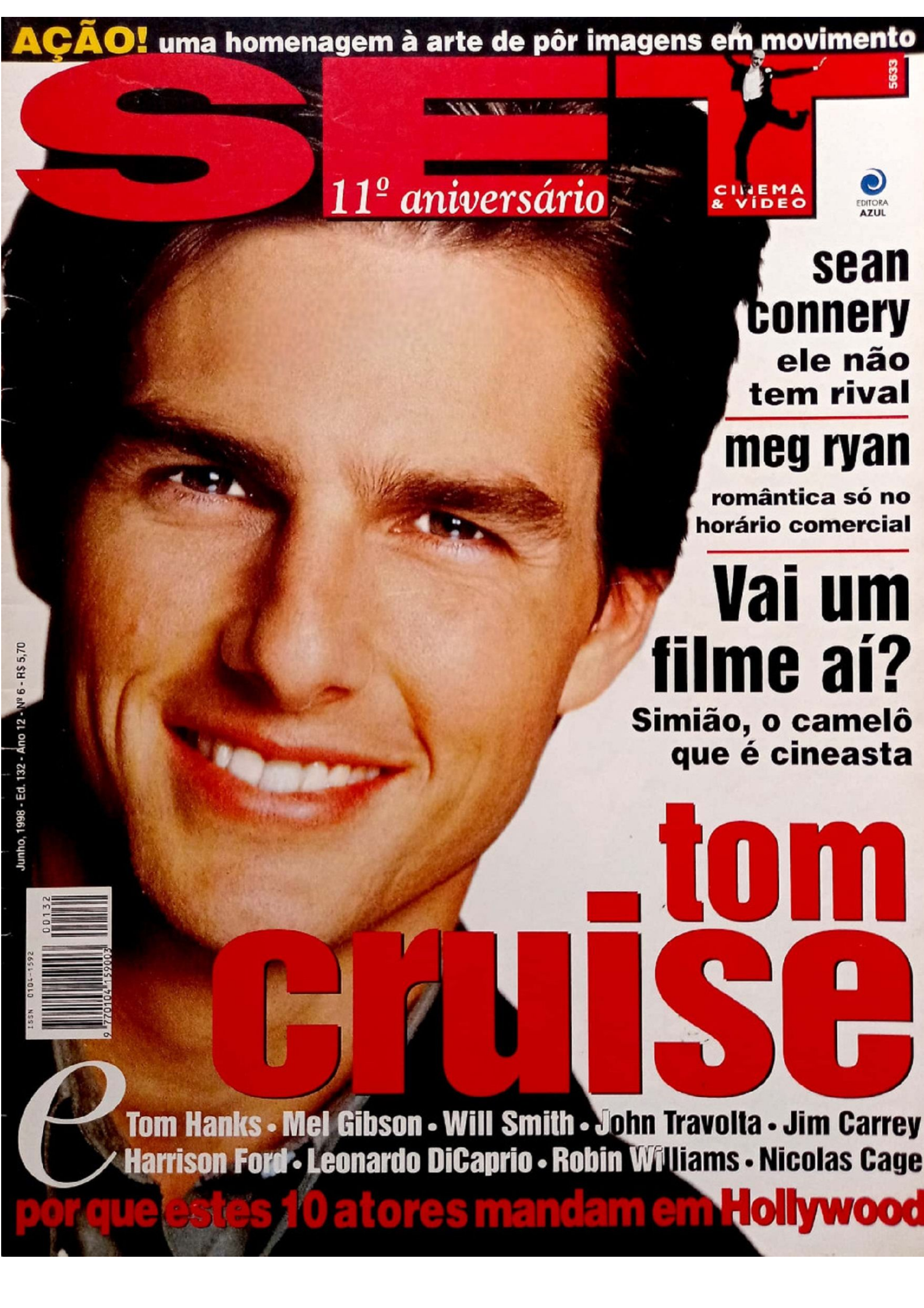
SET

5633

11º aniversário

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL



sean connery
ele não tem rival

meg ryan
romântica só no horário comercial

Vai um filme aí?
Simião, o camelô que é cineasta

tom cruise

e Tom Hanks • Mel Gibson • Will Smith • John Travolta • Jim Carrey
Harrison Ford • Leonardo DiCaprio • Robin Williams • Nicolas Cage

por que estes 10 atores mandam em Hollywood

Junho, 1998 - Ed. 132 - Ano 12 - Nº 6 - R$ 5,70

ISSN 0104-1592

ROBIN WILLIAMS

DISNEY

FLUBBER

UMA INVENÇÃO DESMIOLADA

© Disney

QG

Dublado e Legendado.

Um dos maiores astros de todos os tempos está na comédia mais desmiolada que você já viu.
Robin Williams inventou mais uma maluquice que você não pode perder.
FLUBBER, Uma Invenção Desmiolada, que já chegou nas locadoras e está pronta para invadir sua casa.
Vá voando e alugue FLUBBER, a fórmula da diversão.

SUA FAMÍLIA VAI PULAR, SALTAR, SE ESTICAR DE TANTO RIR. ALUGUE VOANDO!

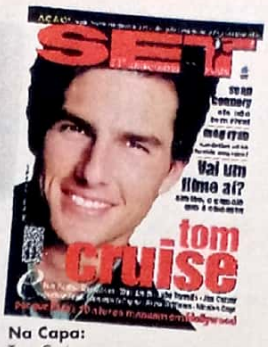
JÁ NA SUA LOCADORA!

Walt Disney HOME VIDEO

Great Oaks

Abril Vídeo

NESTA edição

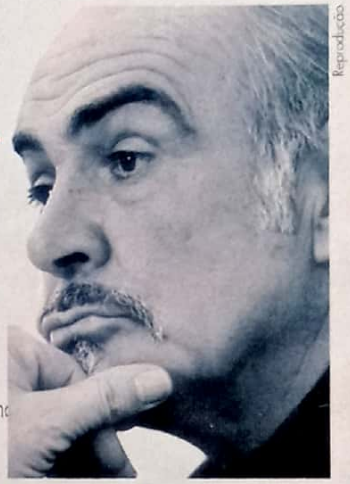


Na Capa:
Tom Cruise
(Greg Gorman/Gamma)

10 ELES TÊM A FORÇA!
Tom Cruise, Tom Hanks, Mel Gibson, Harrison Ford, John Travolta, Jim Carrey, Will Smith, Leonardo DiCaprio, Robin Williams e Nicolas Cage: por que eles estão dando as cartas em Hollywood

24 SEAN CONNERY
Ele é como o melhor malte escocês: é seco, insinuante e não tem rivais

32 VAI UM FILME AÍ?
Como o camelô Simião Martiniano virou o Ed Wood do sertão nordestino



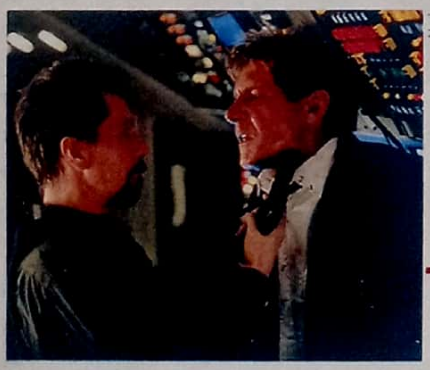
36 CIDADE DOS ANJOS
Nicolas Cage vive um ser celestial nesta versão americana do clássico *Asas do Desejo*, de Wim Wenders

38 MEG RYAN
Frágil, vulnerável? Não mesmo. "Nem romântica eu sou", jura a loirinha mais meiga do cinema

42 O QUE TERÁ ACONTECIDO A KEVIN COSTNER?
Depois do fracasso de *Waterworld*, o astro pisa de novo na bola com *O Mensageiro*

46 CINEMA EM MOVIMENTO
Uma homenagem muito especial aos artistas que fazem as *moving pictures* merecer seu nome

sempre em SET



5 TAKES Uma volta pelo mundo do cinema

55 NOVOS FILMES John Travolta interpreta um presidente muito parecido com Bill Clinton em *Segredos do Poder*

61 HOLLYWOOD BOULEVARD
As lembranças de Dulce Damasceno de Brito

63 VIDEOLANÇAMENTOS E dá-lhe presidente: agora é a vez de Harrison Ford em *Força Aérea Um*

69 MAIS TAKES E a voltinha pelo cinema continua

74 CARTAS Os leitores dizem o que pensam

78 NOSTALGIA Uma imagem para guardar

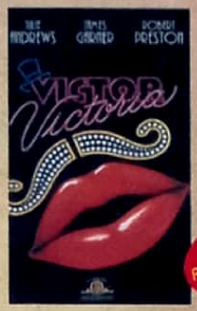
Promoção do Mês
Clássicos da Warner

R$ 17,50 Cada

R$16,50

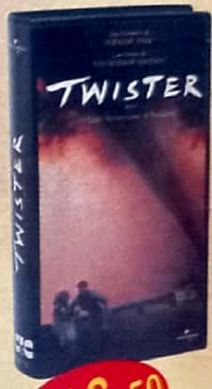
SABRINA'S

R$ 16,50 Cada



R$ 25,50 Cada

R$ 25,50 Cada



R$16,50

Preços não incluindo o valor do sedex

COLEÇÃO
CLINT EASTWOOD

Volume 1
R$ 109,00

CHEGOU A COLEÇÃO MAIS ESPERADA DE TODOS OS TEMPOS.

Volume 1

Coleção Atlândida

R$ 19,80 Cada

Av. Sumaré,1744
Tel:(011) 3872-4912
todos os dias até meia-noite
Estacionamento Próprio
São-Paulo-SP

Av. Cidade Jardim,1000
Tel:(011) 813-7546
todos os dias até meia-noite
Estacionamento Próprio
São-Paulo-SP

Av. Paulista,726
Tel: (011)288-4788
De segunda á sábado
até 21;00Hs
São-Paulo-SP

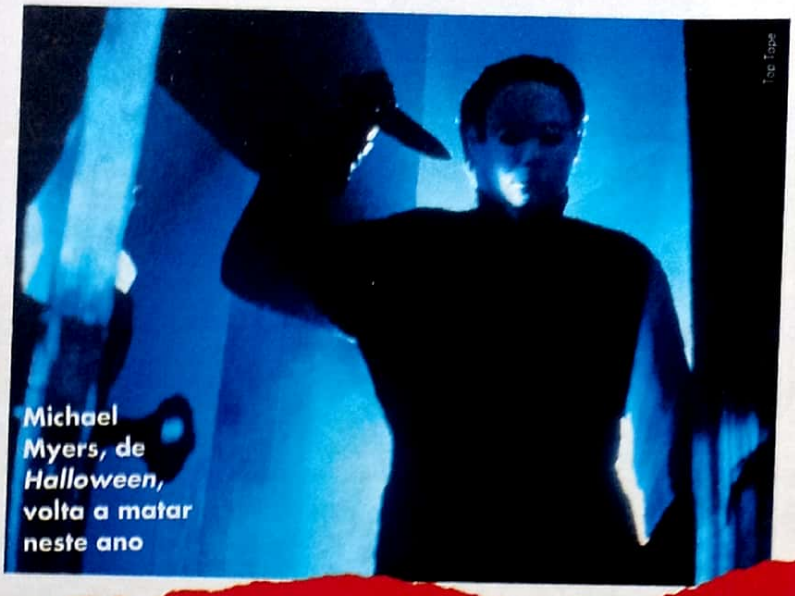
www.2001video.com.br e-mail 2001video@2001video.com.br

videoteca

ENVIAMOS PARA TODO BRASIL VIA SEDEX - ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

TAKeS

O sucesso da nova safra do terror resulta numa avalanche de refilmagens e continuações



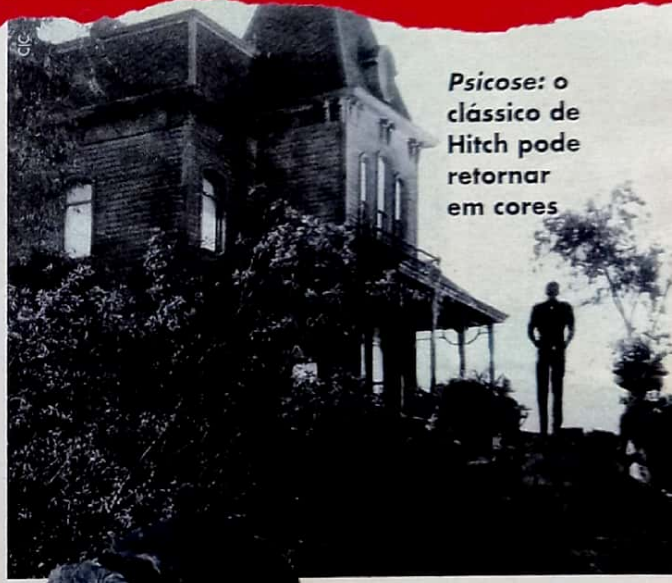
Michael Myers, de *Halloween*, volta a matar neste ano

TENHA MUITO MEDO!

Os detratores dos filmes de terror não devem estar nada contentes com os novos rumos do gênero – mas provavelmente também não deram uma espiada nas cifras de filmes como *Pânico*, *Pânico 2* e *Eu Sei o que Vocês Fizeran no Verão Passado*. Com o lucro proporcionado pelos novos exemplares do horror cinematográfico, os produtores estão correndo para dar uma cara nova a antigos sucessos do gênero. Como *Halloween*, o clássico de John Carpenter, que vai ganhar uma continuação (a sexta!) escrita pelo novo Midas do horror, o roteirista Kevin Williamson, que faturou alto com *Pânico*. Para emprestar um jeito de produção classe A ao filme, *Halloween – H20* será protagonizado por Jamie Lee Curtis, a mesma atriz que encabeçou o elenco do original há exatos vinte anos – daí o subtítulo *H20*. Curtis volta a interpretar Laurie Strode, irmã do assassino Michael Myers. Alcoólatra e dependente de drogas, ela tem de enfrentar seu medo para salvar o filho adolescente do psicopata imortal durante a festa do Dia das Bruxas.

Se *Halloween* já tinha cara de série, o que dizer de uma continuação de *Carrie – A Estranha*? Pode parecer absurdo, mas é verdade. O filme já está sendo rodado, com a atriz Amy Irving no papel principal. Para quem não lembra do original de Brian De Palma, Amy foi uma das sobreviventes do massacre proporcionado pela paranormal Carrie durante um baile do colégio. No novo filme, ela vai investigar uma outra paranormal, sendo obrigada a voltar ao local do banho de sangue do primeiro episódio.

A produção mais supérflua da lista, porém, é o novo *Psicose*, que deverá ser dirigido por Gus Van Sant e protagonizado por um bando de moleques da nova geração do terror hollywoodiano – talvez com Drew Barrymore repetindo a personagem de Janet Leigh, que é retalhada no banheiro do Hotel Bates pelo pirado Norman. Van Sant diz que vai utilizar o mesmo roteiro filmado por Alfred Hitchcock e também os mesmos ângulos de câmera – a única diferença é que o novo filme será em cores. Fica a pergunta: para que estragar o que é bom? ■



***Psicose*: o clássico de Hitch pode retornar em cores**

Vítimas do passado: Janet Leigh (*esq.*) e Carrie

TAKES

Divulgação

Delon: fora das telas

ALAIN DELON
CHEGA DE CINEMA

Talvez o motivo tenha sido as péssimas críticas que seus quatro últimos filmes receberam. Mas o fato é que, depois de quatro décadas de carreira, o astro francês Alain Delon vai pendurar as chuteiras. Aos 62 anos, Delon disse à imprensa francesa que já expressou todas as suas idéias no cinema e chegou o momento de se aposentar. Seu último filme é o ainda inédito *Une Chance Sur Deux*, no qual ele divide a cena com Jean-Paul Belmondo.

Lars e Matt: falar mal por causa de mulher não vale!

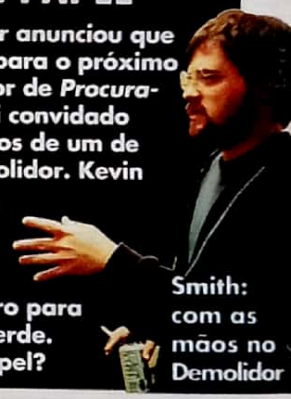
MATT DAMON
REMOENDO AS MÁGOAS

Matt Damon pode até ser o astro do momento, mas o que ninguém sabia é que ele ainda chora por um amor perdido. Numa entrevista recente, Matt disse que a única mulher que amou de verdade foi uma estudante de medicina que o trocou por "um roqueiro ruim com 80 milhões no banco e um jato particular". O único que se encaixa nessa descrição é Lars Ulrich, baterista do Metallica, que é casado com uma estudante de medicina chamada Skylar – não por coincidência, nome do objeto de desejo de Matt em *Gênio Indomável*. Um porta-voz de Ulrich afirma que, de fato, ele é casado com a ex-namorada de Matt – mas o músico preferiu não comentar a alcunha de "roqueiro ruim".

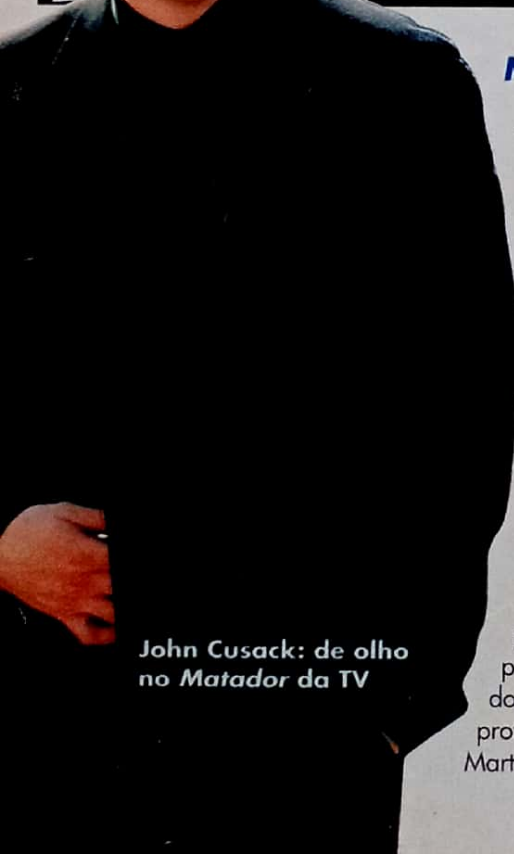
Reprodução

KEVIN SMITH
LOUCO POR HERÓIS DE PAPEL

Ninguém entendeu quando a Warner anunciou que não usaria o roteiro de Kevin Smith para o próximo filme do Super-Homem. Mas o criador de *Procura-se Amy* não se deixou abalar: ele foi convidado para escrever a revista em quadrinhos de um de seus personagens preferidos, o Demolidor. Kevin vai roteirizar seis edições da revista, as quais devem chegar às bancas gringas em setembro. Enquanto isso, ele estuda novas colaborações com a Warner e deve fazer um roteiro para outro herói da editora, o Lanterna Verde. Será que desta vez a coisa sai do papel?



Smith: com as mãos no Demolidor



John Cusack: de olho no *Matador* da TV

MATADOR EM CONFLITO
A CAMINHO DA TELEVISÃO

Um dos filmes mais legais e menos assistidos do ano passado foi *Matador em Conflito*, no qual John Cusack fazia um assassino profissional que volta à sua cidade para participar da reunião de dez anos de sua turma do colégio. Apesar de seu sucesso apenas modesto nas telas gringas, *Grosse Pointe Blank*, seu título original, deve ser transformado em uma série de televisão pelo canal da Warner. John Cusack vai participar do projeto, mas apenas como supervisor, para deixar intacto o humor mordaz do roteiro. O ator que fará o protagonista da série – o assassino Martin Blank – ainda não foi escolhido.

MARTIN SCORSESE
BOM PROGRAMA

O diretor Martin Scorsese vai concentrar seu talento na telinha da televisão. Ele se comprometeu a desenvolver, ao lado do roteirista Nicholas Pileggi (de *Os Bons Companheiros* e *Cassino*), treze episódios de uma nova série para a rede americana ABC. Segundo o acordo, Scorsese terá controle criativo total e a opção de dirigir um ou mais episódios. Mas os fãs devem ter um pouco de paciência: a série só chega à TV americana no final do ano que vem.

Divulgação

Scorsese: série para a televisão

COMO É MESMO O NOME DELA?

ELIZABETH PEÑA

TALENTO LATINO

Todos se rendem à beleza de Salma Hayek e Jennifer Lopez, o que ofusca o desempenho de outras atrizes de origem latina. A talentosa Elizabeth Peña não conta com o *sex-appeal* das estrelas citadas acima, mas é reconhecida pela crítica (que a elogiou em especial em *Lone Star*) e pela própria comunidade latina – em 1988, foi eleita a Mulher do Ano pelo Conselho Hispânico e, em 1993, recebeu o prêmio Viva Los Artistas. O talento está no sangue: seu pai era ator, diretor e roteirista, e sua mãe fundou e ainda administra o Latin American Theatre Ensemble, uma companhia bilíngüe e off-Broadway. Elizabeth nasceu em Nova Jersey, numa cidade curiosamente chamada Elizabeth, em 23 de setembro de 1961, mas passou os oito primeiros anos de sua vida em Cuba. A atriz estreou em 1979 no inédito *El Super*. Foi notada pela primeira vez como a empregada sensual de *Um Vagabundo na Alta Roda*. Seus filmes mais famosos são *La Bamba*, *O Milagre Veio do Espaço*, *Alucinações do Passado*, *O Despertar para a Vida* e *Free Willy 2*. Peña diminuiu um pouco o ritmo de trabalho por causa do nascimento de sua filha, em abril de 1997. De volta à ativa, participou do thriller *Nunca Dê Carona a um Estranho*, seu mais recente trabalho, já lançado em vídeo no Brasil.

Columbia

EYES WIDE SHUT

A ÚLTIMA LOUCURA DE STANLEY KUBRICK

Parece que vamos ter de esperar até o próximo milênio para assistir a *Eyes Wide Shut*, o novo projeto do diretor Stanley Kubrick. No final de abril, três meses depois de ter encerrado as filmagens, ele reconvocou o casal Tom Cruise e Nicole Kidman para fazer novas cenas do filme, que está sendo descrito como um "thriller psicológico". Curiosamente, Jennifer Jason Leigh, que tem cenas com Cruise, não foi chamada por Kubrick e deve ser substituída por outra atriz. O motivo oficial é que ela está filmando o suspense *eXistenZ*, de David Cronenberg. Mas o fato é que Kubrick não gostou da atuação de Jennifer e simplesmente decidiu refazer todas as cenas de seu personagem. Em outras palavras: Tom Cruise, o maior astro do cinema americano, não vai dar as caras por, pelo menos, mais um ano.

Sipa Press

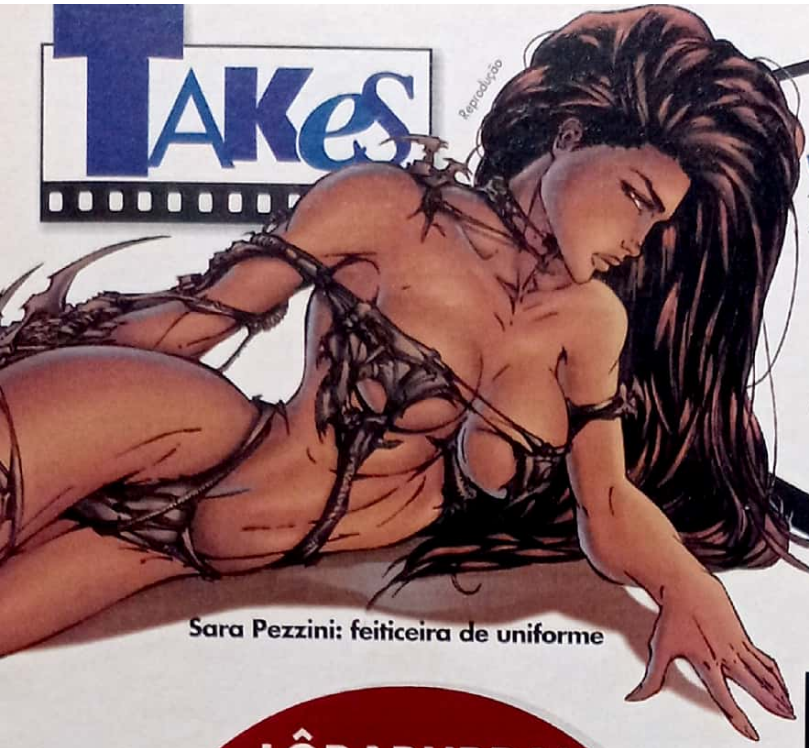
Laura: beldade bronzeada das praias televisivas

LAURA HARRING

TE VEJO NA TELINHA

Laura Harring é mais uma das centenas de aspirantes a estrela que pipocam na telinha em séries do tipo *S.O.S. Malibu* – na qual fez alguns episódios – e na igualmente bronzeada *Sunset Beach* (uma cópia de segunda categoria de *Malibu*). Não que ela não tenha tentado uma chance na telona: Laura participou de pérolas como *Lambada – A Dança Proibida* e *O Amor É uma Grande Fantasia*, dois fracassos monumentais. Até que abra os olhos, a bela Laura vai continuar sendo apenas isso: um colírio temporário que é esquecido com um pequeno toque no controle remoto.

TAKES



Reprodução

Sara Pezzini: feiticeira de uniforme

WITCHBLADE
POLICIAL SOBRENATURAL

A mais nova adaptação dos quadrinhos para a telinha é *Witchblade*, um sucesso de vendas nos Estados Unidos que será publicado ainda este ano pela Abril Jovem e transformado numa série da rede de TV a cabo TNT. A série, que será exibida no ano que vem, mostra o que acontece com a policial Sara Pezzini depois que ela descobre um artefato místico que lhe confere poderes sobrenaturais – mais ou menos uma mistura de *Arquivo X* com *Nova York Contra o Crime*. Promete.

LÔRABURRA!

"Acho que as pessoas estavam me rotulando como uma loira estúpida. Mas isso não vai acontecer mais, já que fiz dois filmes como morena."

De **Mira Sorvino**, *descobrindo os benefícios da tinta para cabelo*

Columbia TriStar

ANTONIO BANDERAS
SOLTANDO O VOZEIRÃO

Nem bem anunciou que iria entrar de férias depois do lançamento de *A Máscara do Zorro* e de *Caçadores da Névoa*, Antonio Banderas já se mostra disposto a encarar novamente um set de filmagens. Ele é o principal candidato a protagonizar o musical *O Fantasma da Ópera*, ficando à frente de John Travolta, que havia se interessado pelo projeto. Se o filme vingar, será a segunda adaptação de um musical de Andrew Lloyd-Webber (autor de *Evita*) protagonizada por Banderas, e também a terceira vez que ele cantará em cena.

Abril

STAR TREK 9
A NOVA FRONTEIRA

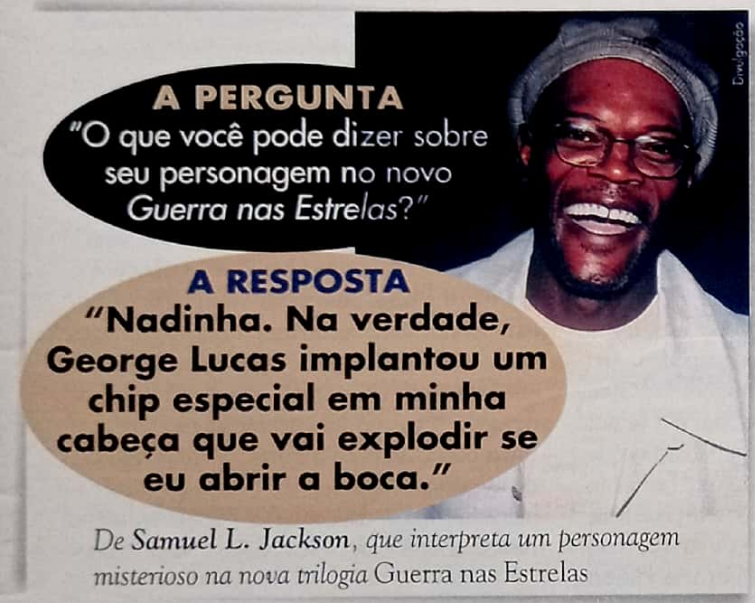
E as filmagens do nono episódio da série *Jornada nas Estrelas*, mais uma vez nas mãos competentes de Jonathan Frakes, continuam a todo o vapor. O novo filme, que tem o título provisório *Star Trek: Prime Directive*, mostrará a tripulação da Enterprise se rebelando contra a Federação. O motivo é a lendária fonte da juventude, encontrada pelo capitão Picard num planeta habitado por uma raça pacífica. Para impedir que os alienígenas sejam massacrados em razão da exploração da fonte, ele comete traição e bate de frente com seus superiores – especialmente um maligno oficial interpretado por F. Murray Abraham. O filme chega aos cinemas americanos no final do ano.

Fox TV

A série original da TV: pronta para faturar no cinema

TÚNEL DO TEMPO
DE VOLTA PARA O FUTURO

Enquanto os filmes baseados em antigos sucessos de televisão continuarem a dar lucro – como o recente *Perdidos no Espaço* –, Hollywood não vai parar de regurgitar séries clássicas na telona. A mais nova é *Túnel do Tempo*, em que dois cientistas responsáveis por um projeto ultra-secreto do governo americano são enviados numa interminável viagem temporal quando uma demonstração da máquina do tempo dá errado. A Fox quer George Clooney e Stephen Dorff nos papéis dos cientistas Douglas Phillips e Tony Newman, mais a talentosa Penny Marshall (de *Uma Equipe Muito Especial*) na direção.


Divulgação

A PERGUNTA
"O que você pode dizer sobre seu personagem no novo *Guerra nas Estrelas*?"

A RESPOSTA
"Nadinha. Na verdade, George Lucas implantou um chip especial em minha cabeça que vai explodir se eu abrir a boca."

De **Samuel L. Jackson**, *que interpreta um personagem misterioso na nova trilogia* Guerra nas Estrelas

CIC

BRUCE WILLIS
GUERRA SANTA

O marido de Demi Moore, o careca Bruce Willis, está a um passo de ser excomungado pela Igreja Católica. O motivo é um de seus próximos projetos, o polêmico thriller *The Sky Is Falling*, no qual ele interpreta um assassino cristão. Mas a encrenca está nos vilões do filme: dois padres que, depois de se entupir com drogas, iniciam uma série de estupros seguidos de assassinato porque descobriram que Deus não existe – um deles chega a cheirar cocaína em cima da *Bíblia*. Barra-pesadíssima.

Columbia TriStar

Bruce: herege

BOB HOSKINS
ENFIANDO A MÃO

Conselho de amigo: é melhor não provocar Bob Hoskins. Durante as filmagens do novo *TwentyFourSeven*, o baixinho de *Uma Cilada para Roger Rabbit* enfiou a mão na cara de seu parceiro no filme, o ator Bruce Jones. Era uma cena de briga, e o próprio Jones sugeriu que eles saíssem no braço de verdade, para dar mais autenticidade à pancadaria. Resultado: Jones quebrou a mão, duas costelas e uma clavícula, enquanto Hoskins arrebentou a mão. Provavelmente no nariz do colega.

2020 Vision

mais TAKes na pág. 69

Eles têm a FOR

Não é só talento, carisma ou o tamanho do salário: o que Tom Cruise, Tom Hanks, Mel Gibson, Harrison Ford, John Travolta, Jim Carrey, Will Smith, Leonardo DiCaprio, Robin Williams e Nicolas Cage têm em comum é um coquetel no qual entram também ingredientes como sorte, jeito para os negócios, sensatez, disposição para correr riscos, empatia e (estamos falando de Hollywood) bons agentes. Mas nem adianta tentar seguir uma receita: se ela existisse, a revista *Premiere* não se daria ao trabalho de, anualmente, elaborar sua aguardada relação das cem pessoas mais poderosas do cinema americano. A lista inclui uma porção de engravatados – produtores, agentes e executivos, além de diretores –, mas nós vamos direto ao assunto: os dez astros que, hoje, dão as cartas na terra do cinema.

1 tom C

Determinado, bem casado, milio

se

POR QUE ELE ESTÁ NO TOPO DA LISTA Os maledicentes acham que qualquer sujeito com um sorriso desses tem mais chance de vencer na vida. Mas, desde cedo, Tom vem tratando de rechear seu físico atlético com algo mais: idéias e *muita* determinação. Aos dezoito anos, ele se deu um prazo de uma década para firmar uma carreira – e, dia a dia, brigou para melhorar essa marca, num programa que incluía ir a pé para o trabalho e, poupando o 1,25 dólar da condução, seguir uma nutritiva dieta de hot-dog e arroz. Tom tinha apenas 24 anos quando virou o mais arrebatador astro americano com *Top Gun*, mas não caiu no meio do bem-bom por acaso. Parte do sucesso do filme veio das chateações que ele impunha ao diretor e ao produtor: "Temos de mudar essa cena" ou "Este diálogo não pode ficar assim" era a ladainha com que corria atrás de todo mundo, todos os dias, no set ou fora dele. Hoje o astro continua adepto da política de atordoar o inimigo, mas com brinquedos mais caros – como *Missão Impossível*, que produziu e do qual teve o prazer de despedir cada infeliz que respondia a uma sugestão sua com um impensado "Não dá".

MEU PAI, MEU ANTI-HERÓI Tom tinha onze anos quando sua mãe o acordou no meio da noite, colocou-o no carro com as três irmãs e dirigiu sem parar do Canadá ao Kentucky. A meta era driblar a perseguição do pai da família – tido como um sujeito meio brusco –, que Tom reviu poucas vezes até sua morte, em 1984. Desde que se casou com Nicole Kidman, em 1990, e adotou as crianças Isabella e Connor, o astro jurou ser um modelo paterno oposto ao que conheceu: é paciente, carinhoso e leva a garotada para todo lugar.

TOM TOM CLUB O astro diz que adora mulheres fortes – "tanto que me casei com uma". Como único varão da família, experiência é o que não lhe falta. Suas irmãs lhe apresentavam os namorados em busca de aprovação, e às vezes ganhavam algo mais. Mary, por exemplo, nunca entendeu por que um rapaz não a beijava – e era de medo: "Eu disse que quebraria a cara dele. Ele tinha outra", explica o irmão valentão. Apesar do traquejo, demorou a acertar nas escolhas românticas: antes de conhecer Nicole namorou Rebecca DeMornay e foi casado com Mimi Rogers.

POR ISSO EU CORRO DEMAIS Desde criança Tom adora correr – de kart, de moto e, desde que conheceu Paul Newman, de carro também. Curiosamente, ele diz que esse esporte lhe ensinou uma virtude com a qual não nasceu, a paciência – acelerar é fácil, diz, mas chegar ao final da corrida, não. Também longe das pistas ele é um cara apressado, desses que odeiam lentidão e trabalham 25 horas por dia. "Estou ficando velho", repete, lembrando que um tio e um avô foram os únicos homens da família que viveram além dos cinqüenta anos.

ÇA!

EU SOU MESMO ASSIM "Sim, sr. Scorsese; não, sr. Scorsese" – Tom tinha tanta admiração pelo grande diretor que, no set de *A Cor do Dinheiro*, demorou um mês até chamá-lo de "você". "Sou velho, mas não tanto", foi como o cineasta quebrou o gelo. Segundo Nicole, seu marido é capaz de ficar sozinho no canto da sala, numa festa, achando que ninguém quer conversar com ele – sem se dar conta de que os outros mortais estão nervosos demais para abordá-lo.

O BOM RAPAZ Ele salva crianças ameaçadas de pisoteamento, resgata náufragos e até cuidou de uma brasileira atropelada em Los Angeles, para quem pagou 7 mil dólares de hospital. Mas os exemplos do bom comportamento de Tom são mais numerosos. A mãe de Jon Voight ficou tão encantada com o astro que, à morte, pediu ao filho que mandasse seu carinho a Tom. De Ron Kovic, cuja trágica história protagonizou em *Nascido em 4 de Julho*, ganhou uma medalha conquistada no Vietnã. Depois de 21 anos sem entender o verdadeiro valor da condecoração, diz Kovic, ele a deu ao ator por "ter tirado da guerra a glória e colocado em seu lugar a verdade".

COMEÇAR É DIFÍCIL Como qualquer criança americana, Tom passou os verões de sua infância entregando jornais e cortando a grama dos vizinhos – e, quando se mudou para Nova York a fim de virar ator, descarregava caminhões. "Era ótimo. Eu vivia como um animal na selva." Mas Tom não foi descoberto carregando caixotes de camiseta regata. De um produtor de TV ouviu até que não era bonito o suficiente. Então quem é?

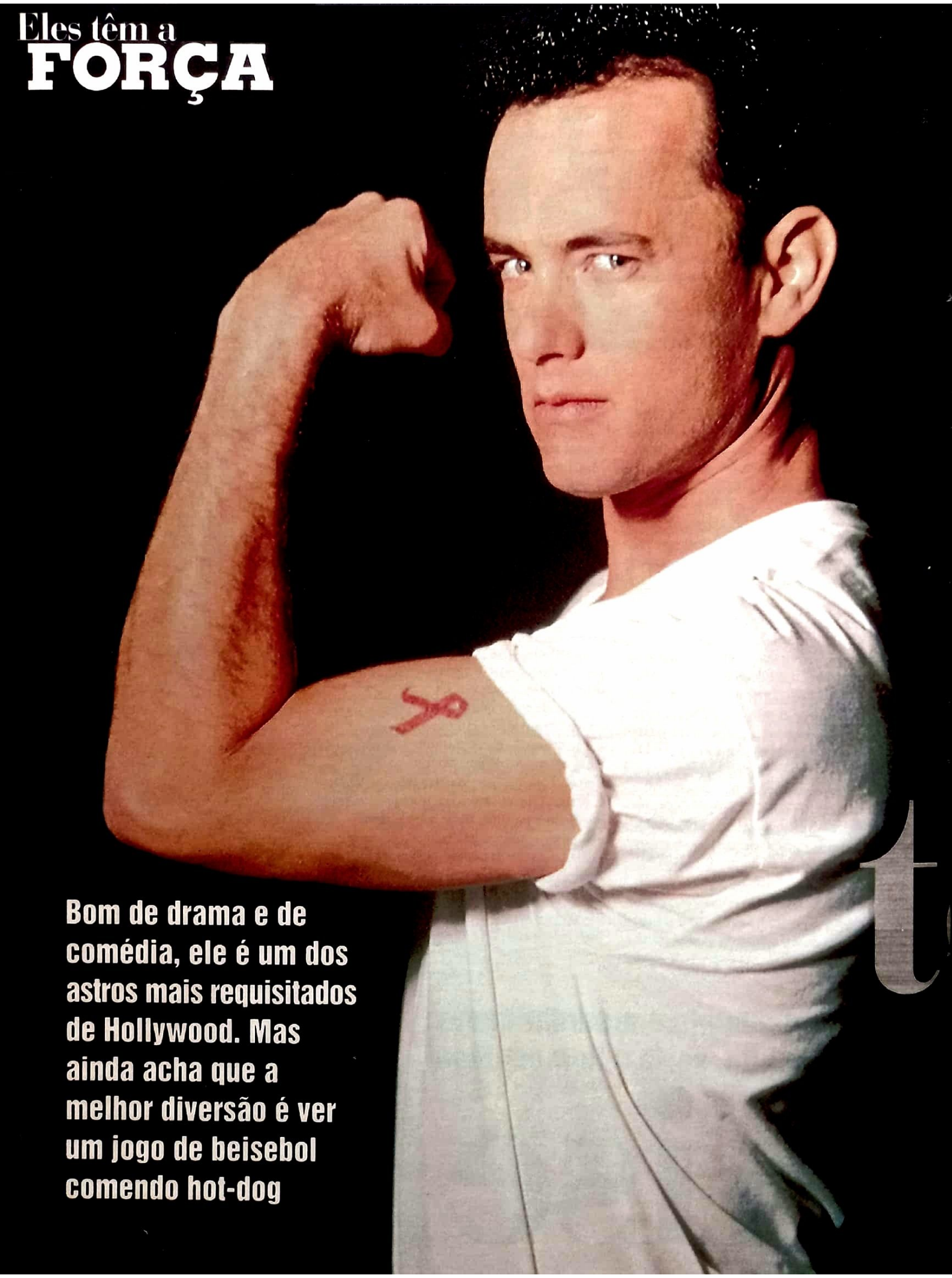
NÃO FALEM DE MIM Tanto sucesso atiça os invejosos, e Tom é alvo de variados boatos de mau gosto. Dizem que ele é gay, que teve de adotar filhos porque é estéril e – o mais doloroso – que, como ator, ele é um samba de uma nota só. Talvez Tom não seja mesmo um Laurence Olivier, mas só com muito mau humor para não notar que ele vem evoluindo em papéis desafiadores como os de *Rain Man*, *A Cor do Dinheiro* ou *Nascido em 4 de Julho*. E, em breve (ou não tão breve assim; só Deus sabe), o público assistirá ao teste máximo: *Eyes Wide Shut*, que o mítico Stanley Kubrick não se cansa de dirigir há dois anos e no qual o astro faz par com Nicole Kidman.

Isabela Boscov

nário, ator dedicado e produtor capaz: ele fosse bonito, seria o homem ideal

ruise

Eles têm a FORÇA



Bom de drama e de comédia, ele é um dos astros mais requisitados de Hollywood. Mas ainda acha que a melhor diversão é ver um jogo de beisebol comendo hot-dog

2 om Hanks

TALENTO SEM VAIDADE A fama mudou Tom? "É claro que sim", diz sua irmã Sandra. "O que não significa que tenha sido uma mudança *negativa*. Tenho muito orgulho da forma como ele lida com aquela perpétua puxação de saco que vigora em Hollywood", ela frisa. Segundo a maninha, até hoje a idéia de diversão de Tom é assistir a um jogo de beisebol no estádio dos Dogers, acompanhado de um hot-dog e um refrigerante diet. Gostos decididamente singelos para o único cara que divide com Spencer Tracy a honra de ganhar o Oscar de melhor ator por dois anos consecutivos, que soube evoluir de comediante simpático para intérprete de grande envergadura, que demonstrou inegável talento para a direção no modesto, mas correttíssimo, *The Wonders* e que virou um ícone americano com *Forrest Gump*. A próxima tarefa de Hanks é ajudar Steven Spielberg a fazer de *Saving Private Ryan* aquele filmaço que o cineasta está devendo há alguns anos.

COMO RESISTIR À BAJULAÇÃO Quando ele fez *Filadélfia*, foi convidado para passar a noite na Casa Branca, onde se banhou na mesma banheira usada pelo estadista Winston Churchill – e onde tomou um casual café da manhã com o presidente Bill Clinton. Depois do Oscar por *Forrest Gump*, a princesa Diana o convidou para tomar chá no palácio de Kensington – pena que ele não pôde comparecer. Ainda assim, a concessão máxima de Hanks quando o assunto é celebridade é admitir que é um astro de cinema muito rico – "o que tem seu peso, principalmente quando antes você era um carregador de malas muito pobre, como eu". Indagado sobre qual a sensação de ser um dos homens mais poderosos de Hollywood, ele devolve ao repórter: "Ahh, me sinto onipotente – e capaz de esmagar você", para logo em seguida cair na gargalhada com a própria gracinha.

PAU PARA TODA OBRA Ele é um cara adorável, mas sem um traço de babaquice – e essa é a única qualidade que permance constante em todos seus papéis. Como o mais famoso bom rapaz a precedê-lo, James Stewart, Tom é igualmente convincente em papéis cômicos, em papéis sérios em filmes cômicos e em papéis sérios em filmes sérios. A única dúvida que assombrou o início de sua carreira como protagonista, inaugurada em grande estilo com o sucesso *Splash – Uma Sereia em Minha Vida*, é por que ele insistia em escolher projetos muito abaixo de sua capacidade – por exemplo, seguindo o delicioso *Quero Ser Grande* com bombas como *Meus Vizinhos São um Terror* e *A Fogueira das Vaidades*. Mas esse é um mal do qual o astro já se curou: desde *Sintonia de Amor*, ele fez *Filadélfia*, *Forrest Gump* e *Apollo 13*. E caso encerrado.

PÉ NA ESTRADA Amos e Janet Hanks se divorciaram quando o futuro ator tinha cinco anos. O caçula da família, de seis meses, ficou com a mãe; Tom e seus dois outros irmãos passaram ao encargo do pai, e com ele aprenderam a não esquentar lugar, já que Amos era cozinheiro e se mudava o tempo todo atrás de trabalho. A criançada ficou meio bagunceira, mas não revoltada: sabia cuidar da casa, fazer as lições sozinha e preparar as próprias refeições (ou melhor, descongelar ervilhas). Mas foi por causa de seu pai também que, já adulto, Tom desistiu desse estilo de vida itinerante: uma doença renal condenou Amos a anos de internações em hospitais, e por pelo menos quatro vezes o astro se despediu do pai achando que era para sempre. "Quando ele melhorou, sosseguei; achei que era hora de estar por perto."

CRISE DE IDENTIDADE O pai de Tom se casava quase com a mesma freqüência com que mudava de cidade – e, graças às várias madrastas, o menino adicionou ao catolicismo experiências com rituais mórmons, nazarenos e outros de que nem consegue lembrar. Na hora de se casar com sua segunda mulher, Rita Wilson, o fez na Igreja Ortodoxa Grega, na qual "os noivos não precisam dizer uma palavra. Basta dar a volta numa mesa três vezes. Na primeira você ainda não está casado, na segunda também não e, na terceira, pronto!", resume. Mais recentemente, ao receber o Oscar por *Filadélfia*, preferiu um tradicional "Deus salve a América". Hoje, meio embaraçado, diz que a frase era sincera, mas foi a escolha típica de "um garoto meio bobo de Oakland, Califórnia".

A ARTE DA DIPLOMACIA Até a comédia *Um Dia a Casa Cai*, de 1986, Tom era o que define como "um pistoleiro de aluguel": assinava o contrato, entrava no set e fazia o que o diretor mandava. Aí começou a sentir uma certa comichão, uma fome de bola. Desde então envolve-se em todas as etapas da produção, e suas sugestões costumam ser apreciadas até pela mais sensível das raças – a dos diretores. "Ele sabe contribuir sem interferir", elogiou Daniel Petrie à *Premiere*.

L.B.

Eles têm a **FORÇA**

Mel Gibson 3

Não basta ter olhos azuis: tem de participar. Como ator, diretor ou produtor, ele não pára quieto

AS FACES DE UM ASTRO Aos 42 anos, Mel já provou que seu talento não reside em um par de sedutores olhos azuis. Ele também atua atrás das câmeras como produtor e diretor: fez o pouco visto *O Homem Sem Face*, mas seu filme seguinte, *Coração Valente*, levou o Oscar de filme e de direção. Seu próximo projeto como diretor deve ser a refilmagem da ficção *Fahrenheit 451*, estrelada por Tom Cruise. E Mel atuará em *Máquina Mortífera 4* e no policial *Payback*.

TAMANHO-FAMÍLIA Mel é casado há dezessete anos com a enfermeira Robyn Moore, com quem tem seis filhos. Famílias grandes não são novidade para o astro, que tem dez irmãos. Por sinal, Mel não é australiano, como muita gente pensa, e sim americano: depois que um acidente de trabalho impossibilitou seu pai de manter o emprego, a família rumou para a terra dos cangurus.

AMIGOS DO PEITO O diretor Richard Donner é um dos amigos mais queridos de Mel. A parceria começou em *Máquina Mortífera* e se estendeu por mais dois filmes da série, além do faroeste *Maverick* e de *Teoria da Conspiração*. A dupla, por sinal, está reunida mais uma vez em *Máquina Mortífera 4* – que recheará a carteira de Mel com mais 30 milhões.

GUERREIRO DA ESTRADA Mel fizera apenas um filme (o australiano *Verão de Fogo*, de 1977) quando o diretor George Miller o elegeu para a ficção futurista *Mad Max*. Daí foi correr para o abraço: o filme virou cult e carimbou a passagem do astro para a América – mas não sem antes rodar outros quatro filmes na Austrália, como o elogiado *Gallipoli*, que fez dele símbolo sexual.

MEL "CANABRAVA" A bebida era companheira constante na vida de Mel. Diz a lenda que ele não entrava em cena sem antes entornar umas cinco cervejas, misturadas a generosas doses de uísque. O astro se comportava nos sets, mas sua vida pessoal estava escoando pelo ralo. Em 1990, sua mulher deu o ultimato: "Ou a bebida ou eu". Como bom católico e defensor dos valores da família, Mel aposentou a garrafa – e também está conseguindo largar o cigarro.

SEM PAPAS NA LÍNGUA Mel não sabe ficar de boca fechada e costumava destilar veneno para quem quisesse ouvir. Delicadezas do tipo "feminismo é uma bobagem inventada por meia dúzia de solteironas" ou "só uso meu traseiro no banheiro" surgiam a cada nova entrevista. Ultimamente ele parece ter sossegado – mas as aparências enganam.

LÁBIOS DE MEL No set de *Maverick*, a sisuda Jodie Foster acordava com um sorriso de orelha a orelha. O motivo: teria cenas de beijo com Mel. A fama de bom beijador já vem de longe. Sigourney Weaver, parceira de *O Ano que Vivemos em Perigo*, até hoje suspira ao relembrar aqueles momentos íntimos. O mesmo vale para Diane Keaton (*Mrs. Soffel*), Helena Bonham Carter (*Hamlet*) e Rene Russo (*Máquina Mortífera 3* e *O Preço de um Resgate*). Já Julia Roberts, que fez *Teoria da Conspiração*, tem lembranças um pouco diferentes: para quebrar o gelo, o astro a presenteou com... um rato morto e congelado.

O FILME QUE NINGUÉM VIU Existe um filme de Mel que ninguém viu – e nem vai ver. Durante as filmagens de *O Preço de um Resgate*, o astro começou a se queixar de fortes dores no estômago e descobriu que precisava de uma cirurgia urgente para a retirada do apêndice. A operação, realizada com o auxílio de uma microcâmera, revelou um lado de Mel até então desconhecido: o lado de dentro. O astro guarda um videotape da cirurgia até hoje.

Roberto Sadovski

harrison Ford 4

Dirigir? Produzir? De jeito nenhum. Para ele, ser astro já é o melhor emprego do mundo

O ASTRO DO SÉCULO Harrison não produz nem dirige seus filmes. Também não se considera parte da indústria de cinema. E muita gente acha que ele está ficando velho para manter a imagem de astro. Ainda assim, ele possui uma qualidade rara em Hollywood: credibilidade. Só por causa de Harrison, filmes com roteiros absurdos como *Força Aérea Um* passam de uma grande bobagem a superproduções rentáveis num piscar de olhos.

HOMEM DE FAMÍLIA Harrison é casado com a roteirista Melissa Mathison, de *E.T.*, com quem tem dois filhos pequenos. Há doze anos ele vive num rancho em Jackson Hole, Wyoming, a milhares de quilômetros do agito de Los Angeles, e considera sua vida pessoal sagrada: ao contrário do que acontece com outros astros, seu passado não é propriedade pública. Sabe-se que ele é de origem irlandesa e judia russa, que pratica tênis (e só) para manter a forma e que já é avô – ele tem um filho mais velho de seu primeiro casamento, que mora em São Francisco. E mais nada.

ME ENGANA QUE EU GOSTO Ele diz que não é motivado pelo dinheiro, e sim pelo prazer de trabalhar. Tudo bem que, antes de sua carreira engatar, ele parecia satisfeito trabalhando como carpinteiro. Por outro lado, com um salário que atingiu os 22 milhões em *Força Aérea Um*, fica mesmo fácil não ligar para detalhes como grana.

NÃO HÁ LUGAR COMO O LAR As pessoas de Jackson Hole não o tratam como celebridade, e sim como outro membro qualquer da comunidade, que se envolve com problemas locais, freqüenta reuniões de pais e mestres e pratica outras atividades de pessoas normais. Por isso o ator garante que nunca fará nenhum filme perto de Jackson: ele detestaria ver seus amigos importunados.

ÁS DA AVIAÇÃO Se há uma coisa que Harrison gosta de fazer além de atuar é voar. Ele possui quatro aviões e um helicóptero e é piloto registrado, assumindo o comando sempre que possível – inclusive no Brasil. Quando foi ao Pantanal do Mato Grosso para o encontro de um grupo ecológico, ele pilotou um monomotor e deu várias rasantes sobre as planícies pantaneiras.

FORA DO SISTEMA A engrenagem que move o cinema americano parece não interessar a Harrison: ao contrário de outros astros, que vivem de olho na cadeira de diretor, ele garante que só tem olhos para a interpretação. "Já tenho o melhor emprego do mundo. Por que iria querer o pior?", indaga. Mas o astro não gostou nem um pouco quando a data de estréia de *Titanic* entrou em rota de colisão com *Força Aérea Um* nos cinemas gringos: ele ligou furioso para o presidente da Paramount e exigiu providências. Se isso não for interesse...

NADA DE EXÉRCITO Harrison não estava nem um pouco interessado em servir o exército. Para não ter de encarar a caserna, ele escreveu uma carta dizendo que a noção do "amar ao próximo como a si mesmo" era essencial em sua vida, e a idéia de tirar uma vida num conflito armado agredia sua religião. Ele deixou os oficiais de alistamento tão confusos que eles nunca o convocaram.

O HERÓI RELUTANTE Você acredita que o sujeito que interpretou Han Solo e Indiana Jones se sente desconfortável em ser um herói do cinema? Harrison acredita que o rótulo é fruto da mente de jornalistas que não observam atentamente seu trabalho, e acha que filmes como *Uma Segunda Chance* e *Sabrina* foram ignorados somente por não se adequar ao rótulo. Por outro lado, quando a comédia romântica *Six Days, Seven Nights* foi transformada em filme de ação, ele assinou embaixo – e diz que mal pode esperar para entrar no set de *Indiana Jones 4*.

R.S.

Eles têm a
FORÇA

Warner/MGM

Ele é fanático por aviões, mas tem os dois pés no chão quando o assunto é carreira

john Travolta 5

O SEGREDO DO EMBALO Parte da importância de Travolta no cenário de hoje é o fato de ser uma prova viva de que, às vezes, há uma segunda chance no voraz mercado de atores e poderes. Quinze anos de quase total ostracismo deram lugar, depois de *Pulp Fiction*, a uma série de sucessos de bilheteria – com exceção de *A Cor da Fúria* e *O Quarto Poder* – que o restabeleceram como *superstar*. Além disso, sua presença carismática provoca empatia instantânea, seja em filmes de ação, seja em dramas místicos.

A OUTRA FACE Travolta deve ter se divertido ao filmar *A Última Ameaça*: uma conhecida obsessão sua é pilotar avião. O desejo nasceu quando tinha cinco anos, e a primeira lição aconteceu aos dezesseis. Hoje, aos 44 anos, ele possui três aviões. No ano passado, publicou um romance sobre a primeira viagem aérea de um garoto, *Propeller One-Way Night Coach*. Semi-autobiográfico, o livro é dedicado a seu filho de cinco anos, Jett, batizado em homenagem à paixão paterna por jatos. O quarto do garoto, aliás, é decorado como um DC-8.

A CIÊNCIA DA VIDA Uma das coisas mais importantes na vida de Travolta é a cientologia, religião à qual aderiu há mais de vinte anos como forma de superar a morte da mãe e da atriz Diana Hyland, então sua namorada. Segundo o ator, a seita lhe deu uma melhor qualidade de vida, ensinando-o a controlar os fatos do dia-a-dia em vez de ser controlado por eles. Foi a religião que aproximou Travolta de sua mulher, a atriz Kelly Preston. Eles se conheceram nas filmagens da bomba *Os Espertinhos*; Kelly estava com problemas, e Travolta a ajudou com técnicas da cientologia. Eles tiveram de se casar duas vezes, pois a primeira cerimônia, realizada por um padre dessa crença, foi considerada ilegal. O ator veste a camisa da religião com tanto fervor que pediu a Bill Clinton que o ajudasse na campanha para legalizar a cientologia na Alemanha.

OS LUXOS DA FAMA Ganhando agora 20 milhões por filme, Travolta se cerca dos luxos a que tem direito. Mora em uma mansão de vinte quartos numa ilha do Maine, com vista para o mar e para uma floresta. Além disso, tem propriedades na California, na Flórida e no Havaí. O ator também se entrega aos prazeres gastronômicos sem dar a mínima à sua tendência para engordar. Para tanto, tem chefs à sua disposição 24 horas por dia. Mas luxo mesmo, e total demonstração de poder, é o fato de Travolta exigir a permanência, no local das filmagens, de um considerável grupo de amigos e parentes, ao custo médio de 3 milhões de dólares.

CRISE DE AMNÉSIA Travolta penou para recuperar o sucesso que conhecera no final dos anos 70: concorreu três vezes ao prêmio Framboesa de Ouro de pior ator (por *Os Embalos de Sábado Continuam*, *Perfeição* e *Shout*) e, em 1990, encarou a humilhação de ser indicado ao Framboesa de pior ator da década.

DE OLHO NO FUTURO Travolta precisa tomar cuidado, pois corre o risco de saturar o público – fez sete filmes entre *A Ultima Ameaça* (1996) e *Segredos do Poder* (1998). Mesmo assim, não dá sinais de reduzir o ritmo: tem uma pequena participação em *The Thin Red Line*, de Terrence Malick; está filmando *A Civil Action*, drama jurídico baseado em fatos reais; participará de *The Shipping News*, drama sobre jornalismo dirigido por Lasse Hallstrom; atuará no drama *Run for Your Life*; e, no ano que vem, no thriller *The General's Daughter*, no qual provavelmente contracenará com a mulher. Há ainda boa chance de interpretar Frank Sinatra sob o comando de Martin Scorsese. Quer atuar na adaptação da ficção científica *Battlefield Earth*, escrita pelo fundador da cientologia, L. Ron Hubbard. Além disso, pretende estrear como diretor, levando às telas um roteiro que escreveu com sua mulher, *The King of Hollywood*. Isso é que é ir com sede ao pote.

Christian Petermann

6 Jim Carrey

Ninguém subiu tanto em tão pouco tempo. Motivo: "Quero atenção!"

O REI DA COMÉDIA Apesar dos quaqüilhões que tem no banco, Jim ainda acha que o melhor prato do mundo é misto-quente com ketchup. Também, nem teria dado tempo de virar um conhecedor da cozinha californiana: faz só quatro anos que virou astro, em literalmente um único fim de semana. Até a sexta-feira do lançamento de *Ace Ventura – Um Detetive Diferente*, ele era um desconhecido; no domingo, era o sujeito que todos os produtores gostariam de ter sob contrato. À exceção de *O Pentelho*, que confundiu a platéia de Jim com suas piadas sinistras, o astro tem correspondido às expectativas mais otimistas, recheando o cofre dos estúdios com sucessos como o segundo *Ace Ventura*, *O Máskara*, *Débi & Lóide* e *O Mentiroso*.

VERSÁTIL? COMO ASSIM? Os irmãos Marx nunca fizeram um filme dramático, e nem por isso se diz que eles eram "só" comediantes. Então por que se cobra tanto de Jim Carrey que demonstre outros dotes além do cômico? É o mais estranho caso de amor e ódio do cinema: os executivos sabem que precisam das caretas e piadas de banheiro do astro para fazer a féria; o público não nega que esse é o Jim de que gosta mais; os críticos sabem que ele é inigualável no talento e na anarquia; mas, pelas costas, todos vaticinam que logo ninguém vai aturar seu estilo. Na dúvida, Jim está fazendo uma aposta arriscada, mas que tem boa chance de dar certo. Na comédia dramática *The Truman Show*, dirigida pelo Peter Weir de *A Testemunha*, ele é um sujeito que descobre que sua vida é uma farsa, especialmente encenada para a TV desde seu nascimento. Promete.

MELHOR NÃO PENSAR... No fim de *The Truman Show*, ele tirou dez meses de férias, achando que ia se divertir à grande. Enganou-se. "Depois de quatro meses parado, já tinha pensado todos os pensamentos negros do mundo", brinca. Jim nem tenta negar que é um cara cheio de altos e baixos – os quais já puseram fim a dois casamentos, com as atrizes Melissa Womer e Lauren Holly. "O casamento é uma arte que espero dominar um dia, porque é a única instituição que obriga você a reconhecer suas falhas", diz. Por enquanto, ele admite que sua filha, Jane, de dez anos, provavelmente terá de aprender por conta própria o que é um bom relacionamento conjugal.

...OU PENSAR SÓ NAQUILO "Quando descobri a masturbação, fiquei viciado", afirma Jim, que lembra de ter usado todos os objetos possíveis da casa como forma de estimulação sexual – inclusive um certo tapete verde, com o qual teve um longo namoro. Aos dezesseis anos, achou que era hora de tentar o sexo convencional. "Eu tinha de me livrar da minha virgindade" – que ficou na cama de uma mulher dez anos mais velha, motivo de celebração para o assanhado.

PROFETA DE SI MESMO No final dos anos 80, quando não era ninguém (mas queria ser), Jim fez um cheque em seu próprio nome, no valor de 10 milhões de dólares, a ser compensado em 23 de novembro de 1995. Mas o astro nunca chegou a descontá-lo, apesar de nessa data ter muito mais do que os fundos necessários: preferiu colocá-lo no caixão de seu pai. Que, segundo ele, morreu sem ter a chance de realizar um único sonho.

VIDA DURA Filho de um músico frustrado, que trocou o saxofone pela contabilidade, e de uma dona de casa de Toronto, no Canadá, Jim viu seus motivos para dar risada diminuírem sensivelmente quando seu pai, um funcionário exemplar, foi demitido. A família toda teve de sair para trabalhar – e todos como zeladores. "Nossa profissão era limpar pêlos pubianos de banheiros públicos", exagera o astro.

O PATRONO DE L.A. O cachê de Jim subiu no mesmo ritmo de seu sucesso – ou seja, numa atordoante progressão geométrica. Dos 350 mil dólares recebidos por *Ace Ventura*, ele saltou para um recorde histórico de 20 milhões por *O Pentelho*, apenas dois anos depois. O problema de tanto dinheiro, diz o astro, não é tê-lo (claro); é o que as pessoas pensam de alguém que o tem. "Paguei muitos dos semáforos de Los Angeles", ironiza.

MORAL DA HISTÓRIA "As pessoas que colhem as maiores recompensas são as dispostas a se jogar no precipício", acredita Jim, que não estaria nesse negócio de astro se não estivesse "desesperado" por atenção.

I.B.

Eles têm a FORÇA

RUMO AO TOPO Desde que mostrou seu rosto na telona pela primeira vez, Will Smith não parou de subir, consagrando-se um dos maiores astros do final do século ao protagonizar os arrasa-quarteirões *Independence Day* e *Homens de Preto*. Para ter uma idéia de seu prestígio, ele foi o primeiro nome que veio à mente dos produtores do thriller *Enemy of the State*, depois que Tom Cruise recusou o papel principal, e é ele quem lidera o elenco da comédia *The Wild, Wild West*, à frente dos pesos pesados Kevin Kline e Kenneth Branagh.

O CINEMA NÃO É TUDO Bem antes de trabalhar no cinema, Will já era um premiado artista de rap e abocanhou dois prêmios Grammy no final da década passada. Ele foi ainda o protagonista da série de televisão *The Fresh Prince of Bel-Air*, exibida de 1990 a 1996, e prepara-se para começar a exercitar seu talento como roteirista: Will escreveu o roteiro da comédia romântica *Love for Hire* com sua mulher, a atriz Jada Pinkett.

NADA DE DUREZA Apesar de seus pais terem se separado quando ele tinha treze anos, Will não foi marcado pela infância sofrida ou traumática que consta da biografia de tantos astros. Vindo de uma família de classe média, o astro é o segundo de quatro filhos e já era gente fina desde a infância. O apelido "fresh prince" foi dado por suas professoras de colégio, por causa da fala mansa do moleque que se livrava de qualquer encrenca na base do charme. Ele ainda ganhou uma bolsa de estudos no respeitadíssimo Instituto de Tecnologia de Massachusetts, mas preferiu encarar a carreira artística.

BICHOS ESCROTOS Will Smith tem um método bem peculiar para escolher seus projetos: se o roteiro incluir um monstro ou um bicho esquisito, ele topa na hora. O astro argumenta que alguns dos maiores sucessos do cinema – a exemplo de *E.T.*, *Jurassic Park* e *Tubarão* – se encaixam nessa descrição, sem mencionar *Independence Day* e *Homens de Preto*. Mas fica a pergunta: quem seria a criatura de seu novo filme, o policial *Enemy of the State*? Gene Hackman?

O PREÇO DA FAMA Will já passou por situações bizarras por causa da fama. Durante as filmagens de *Homens de Preto*, uma fã emparelhou seu carro com o do astro, começou a berrar e... não deu outra: bateu no veículo da frente. A primeira reação da moça não foi avaliar o prejuízo, e sim pedir um autógrafo. Dias depois, numa loja de discos lotada, outra fã exaltada pediu que ele autografasse seus seios – e levantou a blusa. Mas a experiência mais marcante foi proporcionada por uma senhora bem velhinha e desdentada, que agarrou Will e lhe tascou um beijo na boca.

NEGÓCIO PERIGOSO Quando alguém indaga que tal é lidar com as pressões de Hollywood, Will tem a resposta na ponta da língua: diz que agüenta qualquer parada porque já passou uma temporada no inferno durante sua carreira como rapper. "Não existe nada tão sórdido quanto o mundo da música", lembra. "Tive um empresário que chegou a me ameaçar de morte."

O AMOR ESTÁ NO AR Uma das experiências mais gratificantes da vida de Will foi ser pai: William "Trey" Smith III é fruto de sua união com Sheree Zampino, de quem se divorciou em 1995. Mas o astro não ficou solteiro por muito tempo. Desde o ano passado ele divide o mesmo teto com a atriz Jada Pinkett. Em tempo: ela está grávida.

O MÃO-ABERTA Aos dezoito anos, o rap já havia feito de Will um milionário. Mas o dinheiro não parava na carteira. Ele comprou uma mansão, jóias e seis carrões de luxo e chegou a fechar uma loja para torrar uma fortuna com os amigos. Só quando percebeu que podia perder tudo por causa da instabilidade do mundo da música é que passou a controlar seus impetos consumistas. É claro que, com o cachê de 16 milhões, ele não tem de se preocupar muito com grana.

R.S.

O mundo precisou de duas invasões alienígenas para descobrir o que ele já sabia: que é *muito* bom

Will Smith

Leonardo DiCaprio

No Japão já inventaram até reuniões para chorar por Leonardo. Mas ele avisa: "Não sou Romeu"

O REI DO MUNDO Depois do estrondoso sucesso de *Titanic*, não há mulher, do Alasca à Birmânia, que não admire o *baby-look* de Leonardo DiCaprio. Ele é o astro de mais rápida ascensão de que se tem notícia nos últimos anos. Seu salário pulou de 3 para 20 milhões de dólares, ele está na capa de incontáveis revistas bancas afora e seu talento é fato consumado. Depois do épico adolescente *O Homem da Máscara de Ferro* (que não deve ser recomendado a nenhum adulto), ele firma sua posição como um galã romântico como há muito não se vê.

UM GAROTO-FAMÍLIA "Meus pais, mesmo separados, fazem parte da minha vida assim como minhas pernas." É dessa forma anatômica que Leonardo descreve a boa relação que tem com a mãe, Irmelin, administradora de seus negócios, e o pai, George, que ajuda na escolha dos projetos. É comum ver o jovem astro comparecer às pré-estréias acompanhado da mãe, e não de uma paquera badalada. Ainda assim, Leo ensaia o corte do cordão umbilical. Ele comprou há pouco um apartamento em Los Angeles, mudando-se da casa da mãe, em Silver Lake.

INSTINTO MATERNAL Seu jeito juvenil, porém, continua despertando o instinto maternal de suas fãs mais velhas. Meryl Streep diz ter sentido inveja de Diane Keaton nas filmagens de *As Filhas de Marvin*: como sua personagem era dura e ríspida com Leo, ao contrário da tia compreensiva interpretada por Diane, o ator abriu-se mais com a última, deixando Meryl com uma estranha sensação de carência.

TUDO POR DINHEIRO Sua primeira aparição pública foi no jardim-de-infância, quando ninguém conseguiu segurá-lo em um número de sapateado. Aos onze anos, soube que seu meio-irmão ganhara 50 mil dólares com a gravação de um comercial. "Tanto dinheiro por tão pouco trabalho", pensou. Por ciúme e ambição prematura, Leo passou a alimentar o desejo de ser ator, mesmo sem nunca ter freqüentado uma escola de artes dramáticas.

COISAS DE GAROTO Leo é curioso e quer ampliar seu conhecimento em artes plásticas e literatura. Gosta da música negra dos anos 70 e fala alemão fluentemente. Mesmo com esses dotes incomuns, o ator é alegre, festeiro, obcecado por elogios e superlativos e ainda brinca de paintball com os amigos do colégio.

O MISTÉRIO RONDA O MITO Muito se tem falado e escrito sobre Leonardo, mas ele já alimenta uma aura de mistério digna dos maiores mitos de Hollywood. Qual a verdade sobre todas as supostas namoradas que teve, entre atrizes e modelos, cul-minando com seu grande amor, Kristin Zang? Será que "onde há fumaça há fogo" no que se refere aos boatos sobre sua homossexualidade? E o que dizer da alardeada noite de amor com Demi Moore, após um jantar em uma pizzaria do Sunset Boulevard? Leo ainda vai dar muito pano para manga.

O FUTURO É INCERTO Leonardo volta às telas, até o final do ano, em *Celebrity*, de Woody Allen, numa rápida aparição como um astro de rock assediado pelas fãs – algo que conhece bem. E agora quer descansar, se possível até 1999. Seu agente afirma que o astro gostaria de participar de *Trick Money*, novamente ao lado de Robert De Niro (seu parceiro em *Despertar de um Homem*). Mas não há contratos assinados. Enquanto ele repousa, atores como Matt Damon, Chris O'Donnell e Ethan Hawke pegam os papéis recusados pelo galã.

AVISO ÀS NAVEGANTES Há reuniões no Japão nas quais as adolescentes se encontram para *chorar* por Leonardo. As histéricas precisam saber: ele definitivamente não se considera um tipo romântico. "Não sou Romeu", afirma o ator, que não se vê declamando poemas no meio da noite nem muito menos escalando a parede de uma casa para visitar a amada.

Ch.P.

Eles têm a **FORÇA**

robin Williams 9

Todos o respeitam pelo que ele sabe fazer melhor: levar a comédia muito a sério

O SEGREDO DA FORÇA Não, não é o espinafre de Popeye – o personagem que marcou sua estréia no cinema. Robin, que faz sucesso democraticamente com crianças e adultos, já emplacou oito filmes que renderam mais de 100 milhões de dólares apenas nos EUA – e *Gênio Indomável* ganhou sinal verde somente quando o ator topou participar do projeto. Essa influência é o que justifica seu salário atual, de quinze milhões.

UM SUJEITO CASEIRO Robin já encontrou uma babá perfeita – e não é a Mrs. Doubtfire. Este ex-estudante de ciências políticas, que fará 46 anos em 21 de julho, é casado com a ex-babá de seu filho mais velho, Marsha Garces – que é também sua parceira na produtora Blue Wolf, sediada em San Francisco, cidade em que o ator mora (e que adora). Robin leva uma vida quase banal com a família: diverte-se dançando com a mulher ao som de Supremes e Temptations e gosta de passear de bicicleta ou de correr com os três filhos, Zachary, Zelda e Cody. Para estar sempre perto de casa, freqüentemente exige filmar ali pela vizinhança mesmo.

PARA FAZER RIR Joan Cusack, que trabalhou com ele em *A Revolta dos Brinquedos*, definiu bem: "Para Robin, uma pessoa só já é uma platéia".

EM OUTROS CAMPOS Robin está começando a explorar o trabalho atrás das câmeras: ele co-produziu com a mulher *Uma Babá Quase Perfeita* e irá produzir, ainda neste ano, *The Interpreter*. Também levou três prêmios Grammy (pelos audiolivros de *Bom-Dia, Vietnã* e *Jumanji* e pelo registro do show *Live at the Met*). Ele estréia agora no ramo da gastronomia, como sócio de Francis Coppola e Robert De Niro no restaurante Rubicon, em Nova York.

OS PALCOS DA VIDA Robin não pretende deixar o teatro – ele foi elogiado, por exemplo, ao contracenar com Steve Martin no clássico *Esperando Godot*. Outra coisa que ele adora é pegar um microfone, subir ao palco de um daqueles clubes cômicos de San Francisco e tourear a platéia, geralmente formada por gente que vaia sem dó qualquer piada ruim, venha ela de um astro ou de um estivador. "É uma droga melhor e mais barata que Prozac", explica.

UMA BOA ALMA Robin é um dos profissionais mais queridos de Hollywood. Há anos ele divide com Billy Crystal e Whoopi Goldberg a apresentação do *Comic Relief*, um evento anual que levanta fundos para os sem-teto. Envolve-se também em campanhas de conscientização sobre questões como Aids e não se faz de rogado em ajudar os grandes amigos – como Christopher Reeve, seu colega na Julliard School, a quem deu apoio moral e financeiro depois do acidente sofrido em 1995.

DEBAIXO DO TAPETE... Há duas coisas do passado que ele gostaria de esquecer. Uma delas já foi superada: o vício em cocaína. No início dos anos 80, Robin se dedicava a orgias químicas pesadas e foi uma das últimas pessoas a ver John Belushi vivo antes da overdose fatal. Quando o amigo morreu, o choque foi tão grande que Robin, às vésperas de se tornar pai, conseguiu dar um basta na dependência. A outra parte de seu passado negro levará muito tempo a ser esquecida: os muitos filmes ruins que ele já fez, como *Clube Paraíso, Um Conquistador em Apuros* e *Flubber*.

EM BREVE Ele está no novo filme de Woody Allen, *Celebrity*, e estrelará uma fantasia sobre o amor e a vida após a morte, *What Dreams May Come*. Será ainda um judeu do gueto em *Jacob the Liar* e atuará em *Patch Adams*, descrito como um *Bom-Dia, Vietnã* ambientado num hospital. E, apesar de o projeto estar congelado, ele espera levar a cabo a refilmagem de *Don Quixote*, fazendo o Sancho Pança para o inglês John Cleese.

Ch.P.

10 nicolas Cage

Entre mártir do cinema independente e herói de filmes de ação, ele mostra sua verdadeira face: o último romântico

HERÓI POR ENCOMENDA Ao contrário de muitos atores que se tornam "sérios" depois de ganhar um Oscar, Nicolas Cage só entrou no universo dos filmes de ação quando arrumou uma estatueta para decorar a lareira de sua casa. Ele deixou de ser o sujeito dos filmes independentes e comédias bobinhas para protagonizar filmes como *A Rocha*, *Con Air* e *A Outra Face* – sempre com bilheteria milionária. Seu salário cresceu na mesma proporção: foram 16 milhões de dólares para trabalhar com Brian de Palma no inédito *Snake Eyes*. Agora, Nicolas vai se arriscar como produtor com o filme *Tom Slick: Monster Hunter*. Aos 34 anos, esse menino vai longe...

DIREITO DE NASCENÇA Não é difícil ser um ator quando se tem o sobrenome Coppola. Mas Nicolas, sobrinho do premiado diretor Francis Ford Coppola, não parece ter dado muita importância a isso e tratou de rebatizar a si mesmo com a alcunha de um de seus personagens preferidos das histórias em quadrinhos, o super-herói negro Luke Cage. Mas não pensem que a herança famosa não ajudou: os primeiros filmes de sua carreira foram conduzidos justamente pelas mãos do titio Francis.

AMOR LOUCO Nicolas está casado com a atriz Patricia Arquette desde 1995 – e foi um caso clássico de amor à primeira vista. Ele a pediu em casamento no dia em que se conheceram, e Patricia, pensando que o sujeito era pirado, pediu-lhe três provas de amor impossíveis de obter, como o autógrafo do escritor J.D. Salinger. E não é que ele conseguiu? Mas a atriz, intimidada com a insanidade latente de Nicolas, pulou fora. Oito anos depois, eles se encontraram novamente, no mesmo lugar no qual se haviam conhecido, e acabaram juntos. Que lindo, não?

O HOMEM DE AÇO Um dos próximos projetos de Nicolas é protagonizar a mais nova série do Superman para o cinema. Só que o astro quer transformar o Homem de Aço num verdadeiro nerd. Explica-se: como Nic acredita que o público do Superman é basicamente infantil, ele quer mostrar o herói como um pária, alguém que se sente rejeitado por ser diferente dos outros e que pratica atos heróicos pelo desejo de ser aceito. Em outras palavras: ser diferente é legal! Vamos ver se vai dar certo.

DURO APRENDIZADO Se existe alguém que se dedica quando vai interpretar um personagem, é Nicolas. Vejamos: ele morou num carro durante as filmagens de *Valley Girl*, no qual interpretava um punk; usou venda nos olhos até fora do set para fazer um soldado cego em *Birdy*; gravou cenas de si mesmo bebaço quando se preparava para rodar *Despedida em Las Vegas*; comeu uma barata viva em *Um Estranho Vampiro*; e entrevistou condenados perigosos no presídio de Folsom para "entender melhor seu personagem" em *Con Air*. Já os trailers arrebentados e as cadeiras arremessadas janelas afora dos tempos de *Cotton Club* e *Feitiço da Lua* eram resultado de manha mesmo.

VIVA LAS VEGAS! Pode parecer brincadeira, mas, antes mesmo que possa perceber, Nicolas Cage está de volta a Las Vegas – e por mera coincidência. Ele pulou de pára-quedas nas ruas da cidade mais bizarra do planeta em *Lua-de-Mel a Três*, e foi lá que bebeu até morrer em *Despedida em Las Vegas*. E, no final de *Con Air*, quando um avião carregado de presidiários despencava em uma cidade americana, adivinhe onde ele foi cair?

O ÚLTIMO ROMÂNTICO Nicolas Cage é fascinado pelo conde Drácula. Não por ele ser uma criatura igualmente esquisita, e sim por causa da aura romântica que cerca o mais famoso vampiro da história. Sua fascinação por mitos medievais e histórias folclóricas o levou a escolher como residência um castelo – na verdade, numa réplica construída em Los Angeles, que tem até gárgulas no teto. Nic vai além: ele espera um dia construir um castelo de verdade, pedra por pedra, do modo como eram erguidos na Antiguidade.

R.S.

Roberto Campos, Deputado Federal / Alcides Lopes Tápias, Presidente do Conselho de Administração da Camargo Corrêa / Henrique de Campos Meirelles, Presidente Mundial do BankBoston / Jacks Rabinovich, Presidente do Grupo Vicunha / Afonso Brandão Hennel, Presidente da Semp Toshiba.

"Quando Faço o Planejamento da Minha Empresa, Falo o Tempo Todo com o Pessoal do Conselho"

Affonso Brandão Hennel, presidente da Semp Toshiba e leitor de EXAME

Fazer o planejamento de uma empresa não é nada fácil. Não importa o tamanho do empreendimento: tanto uma lojinha de esquina quanto uma multinacional terão algum tipo de problema. É por isso que Affonso Hennel, presidente da Semp Toshiba no Brasil, sempre consulta o seu conselho - que é formado pelas melhores cabeças do país presentes quinzenalmente nas reportagens de EXAME.

Já que com dinheiro não se brinca, ele tem sempre à mão as previsões e análise de mercado. "Cases" empresariais, trocas de informações e detalhes das vidas dos

grandes executivos do país estão a cada quinze dias nas mãos de Affonso Hennel, num relatório escrito de maneira simples e inteligente. A cada quinze dias, ele consulta a revista EXAME.

EXAME faz parte da vida de Affonso Hennel. E de milhares de executivos do país. Com EXAME, os líderes das empresas ficam sabendo tudo sobre o mercado financeiro, novas técnicas de gerenciamento e relações empresariais. Com artigos inteligentes e matérias bem escritas, a revista EXAME se tornou uma grande vantagem competitiva para as empresas brasileiras.

EXAME faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem não sabe as diferenças que existem entre um cronograma, um organograma e um quilograma.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esporte e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na vida dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · Quatro Rodas · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV

Guia Quatro Rodas · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Pais & Filhos

HBO BRASIL · Arte GAMES · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BravoBrasil · HORÓSCOPO · AD Arte&Decoração · UNIVERSO ONLINE · Terra · EURO CHANNEL

CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

sean Connery

O homem que é Re

Falsificações há várias, mas é impossível confundi-las com o original: seco, sedutor e insinuante como o melhor malte escocês, Sean Connery deixa no paladar de quem o prova uma sede que só mais um gole pode matar

Por Suzana Uchôa Itiberê

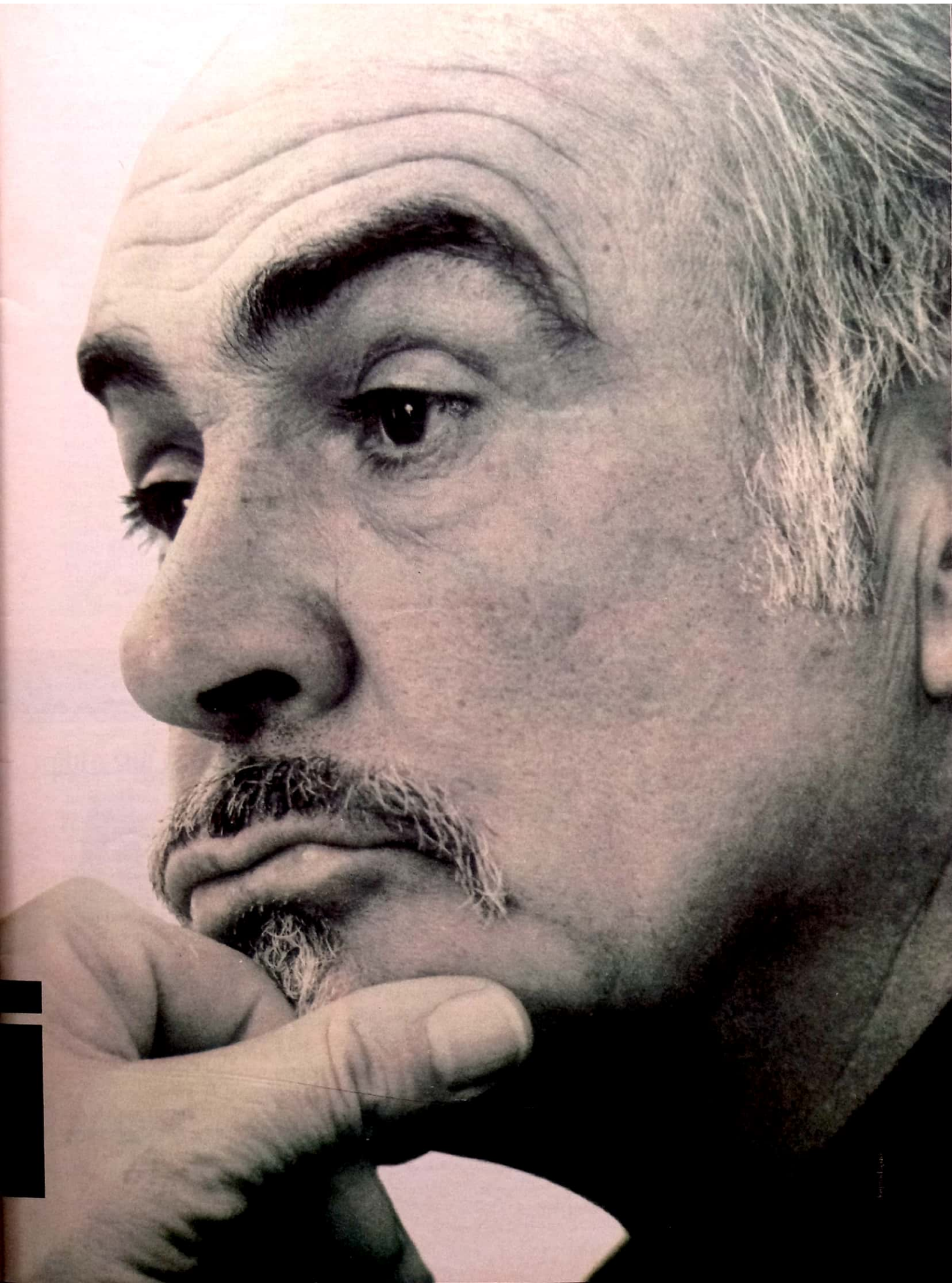
Por muito pouco o cinema jamais ouviria falar de Sean Connery. Não fosse o conselho do amigo e ator Robert Henderson, hoje ele poderia não passar de um pacato ex-jogador de futebol, gozando sua aposentadoria sob o nome de Thomas Connery. "Eu tinha uns vinte anos e estava fazendo uma ponta na peça *South Pacific* quando a companhia parou em Manchester", conta o ator. "Eu era um bom ponta-direita e, ao me ver jogando com amigos, o gerente do Manchester United me convidou para fazer parte do time profissionalmente."

A proposta era tentadora, ainda mais para um sujeito que, àquela altura, já tinha feito de tudo um pouco: Connery trabalhara como leiteiro, balconista, soldado da Marinha, modelo de nu em escola de arte e até lustrador de caixões. "Estava decidido a passar de emprego em emprego até encontrar aquele que me desse satisfação e dinheiro" – e, assim como as outras, a carreira de ator parecia destinada a ser somente mais uma da lista. Foi aí que entraram os conselhos valiosos do amigo: "Na sua idade, os anos no futebol estão contados; como ator, você pode continuar para sempre", ponderou Henderson. Connery entendeu a lógica desse raciocínio e, como primeiro passo, decidiu trocar de nome. Inspirou-se em Shane, o protagonista de *Os Brutos Também Amam*, faroeste que fazia sucesso à época, adicionou uma pitada de tempero e criou Sean.

Quando iniciou a nova carreira, em 1956, no filme *No Road Back*, o único plano do recém-batizado Sean era ganhar dinheiro suficiente para comprar uma propriedade e virar fazendeiro. "Quero envelhecer longe do show business", afirmava. Em 1995, com mais de sessenta filmes na bagagem, foi surpreendido por uma carta do Actor's Guild – o sindicato dos atores americanos – avisando que, a partir daquele momento, passaria a receber sua aposentadoria, no valor de mil dólares mensais. "Nem lembrei que estava prestes a me aposentar. Vou usar a pensão para pagar meu contador", brincou o ator, então com 65 anos. Se a questão fosse dinheiro, há muito tempo Sean poderia ter deixado o cinema para viver isolado e tranqüilo em alguma fazenda; a surpresa é que ele se apaixonou de fato pela profissão – e ainda hoje sua agenda, lotada até 1999, indica que não pretende parar tão cedo.

Atualmente Sean é um dos maiores astros de Hollywood, e não só de sua geração. Mas o título não foi conquistado por dádiva divina, talento nato ou mesmo por contatos influentes. O mérito é todo dele, de sua obstinação em se aprimorar, da determinação em alcançar o reconhecimento e, principalmente, da humildade em admitir os erros. "Sempre disse que escolhas nunca foram meu forte", admite. "Hoje aprovo 60% dos filmes que fiz – e estou orgulhoso da média."

Além da arrebatadora força interi- ➔



sean Connery

or, Sean contou com um dom que nunca fez mal a ninguém: seus atributos físicos. Os músculos esculpidos pelo fisiculturismo e distribuídos harmoniosamente por seu 1m88 de altura são o complemento ideal para o rosto forte, emoldurado por sobrancelhas espessas e arqueadas, o sorriso sexy e a insinuante voz de barítono. Desde cedo, esse conjunto privilegiado abriu muitas portas. Várias delas, porém, voltariam a ser fechadas não fosse a personalidade exuberante em igual medida, capaz de brigar sem trégua para se desvencilhar justamente do personagem com o qual o ator passou à história: Bond, James Bond, o agente 007.

Interpretado por Sean Connery, Bond era um animal de luxo – "uma pantera", segundo os produtores Harry Saltzman e Albert "Cubby" Broccoli. Incorruptível, vestia ternos feitos na exclusiva Saville Row londrina e camisas de seda vindas de Hong Kong. Usava colete de aço, era faixa preta de judô, sabia esfaquear e laçar, fumava cigarros marcados com dois anéis dourados, seduzia ao primeiro olhar e preparava como ninguém um drinque à base de vodca e algumas gotas de martíni. Era, enfim, um sonho que incendiava corações femininos e enchia de inveja os masculinos.

Bem que, no início, Sean adorou virar uma estrela – e até hoje agradece ao personagem os dólares que o enriqueceram em pouco tempo. Mas logo sentiu na pele o "efeito Conan Doyle". Assim como o autor de Sherlock Holmes não conseguiu livrar-se do estigma do detetive nem mesmo o assassinando, Connery percebeu que o vínculo com James Bond ficava mais forte a cada dia, dificultando sua tentativa de se desenvolver como ator e de dar vôos mais altos. "Sempre vi James Bond como pouco mais que uma história em quadrinhos", afirma. "O problema é que o herói não mudava, era limitado e não crescia psicologicamente. Fazê-lo foi se tornando cada vez mais frustrante", lamenta. As brigas com os produtores da série e a batalha para provar que tinha mais a oferecer do que o irresistível charme do agente secreto foram alguns dos obstáculos que Sean, como bom esportista, soube ultrapassar até contabilizar quarenta anos de uma carreira marcada por altos e baixos mas que, finalmente, parece ter encontrado o rumo correto e definitivo.

Uma cartomante disse à mãe de Sean que seu filho ser

Um dia, quando Connery era adolescente, sua mãe, Effie (de Euphania), atendeu à campainha da casa e deparou com uma cigana. De farra, Effie estendeu-lhe a mão. Entre outras revelações, ela ouviu da mulher que um de seus dois filhos seria uma pessoa muito, muito famosa. Ao fechar a porta, minutos mais tarde, ela caiu na risada – como um homem famoso poderia sair de tanta miséria? Effie era casada com Joseph, um motorista de caminhão que trabalhava numa fábrica de borracha em Edimburgo, na Escócia. Quando o primeiro filho, Thomas Connery, nasceu, em 25 de agosto de 1930, ela transformou uma das gavetas do armário no berço do bebê.

Thomas e seu irmão caçula, Neil, viveram uma infância de privações. Cresceram em uma casa sem banheiro nem água quente. Passavam os dias brincando na rua, andando de carrinho de rolimã e jogando futebol. Quando a Grã-Bretanha entrou em guerra com a Alemanha, em 1939, a situação financeira dos Connery se agravou. Aos treze anos, Sean se viu obrigado a largar os estudos para ajudar o pai a trazer dinheiro para casa, fazendo bicos como entregador de leite e ajudante de pedreiro. Com a idade, foi se revelando um jovem genioso e rebelde, típico garoto de rua que aproveitava o tempo livre para sair com sua turma distribuindo socos entre as gangues inimigas. Para os pais, o alistamento na Marinha Real era a única saída capaz de resolver esses problemas de atitude.

Três anos e duas tatuagens depois ("Escócia para sempre" e "Mamãe e papai"), ele foi liberado em razão de uma úlcera. Dizem que tinha sérios problemas para aceitar qualquer tipo de autoridade ou imposição. "Do meu ponto de vista, para chegar a algum lugar é preciso ser um pouco antisocial, senão você acaba devorado. Mas, se fui rude, em 50% das vezes foi em resposta a provocações", explica. "Bem, e sou também um pouco mal-humorado", admite. De volta à cidade natal, dedicou-se à musculação e ao trabalho como modelo em uma escola de arte. Ouviu falar do concurso de Mr. Universo em Londres, correu para lá e acabou com uma medalha de bronze. Logo depois fez um teste e conseguiu lugar no coro da montagem de *South Pacific*, na qual conheceu o ator e futuro mentor Robert Henderson.

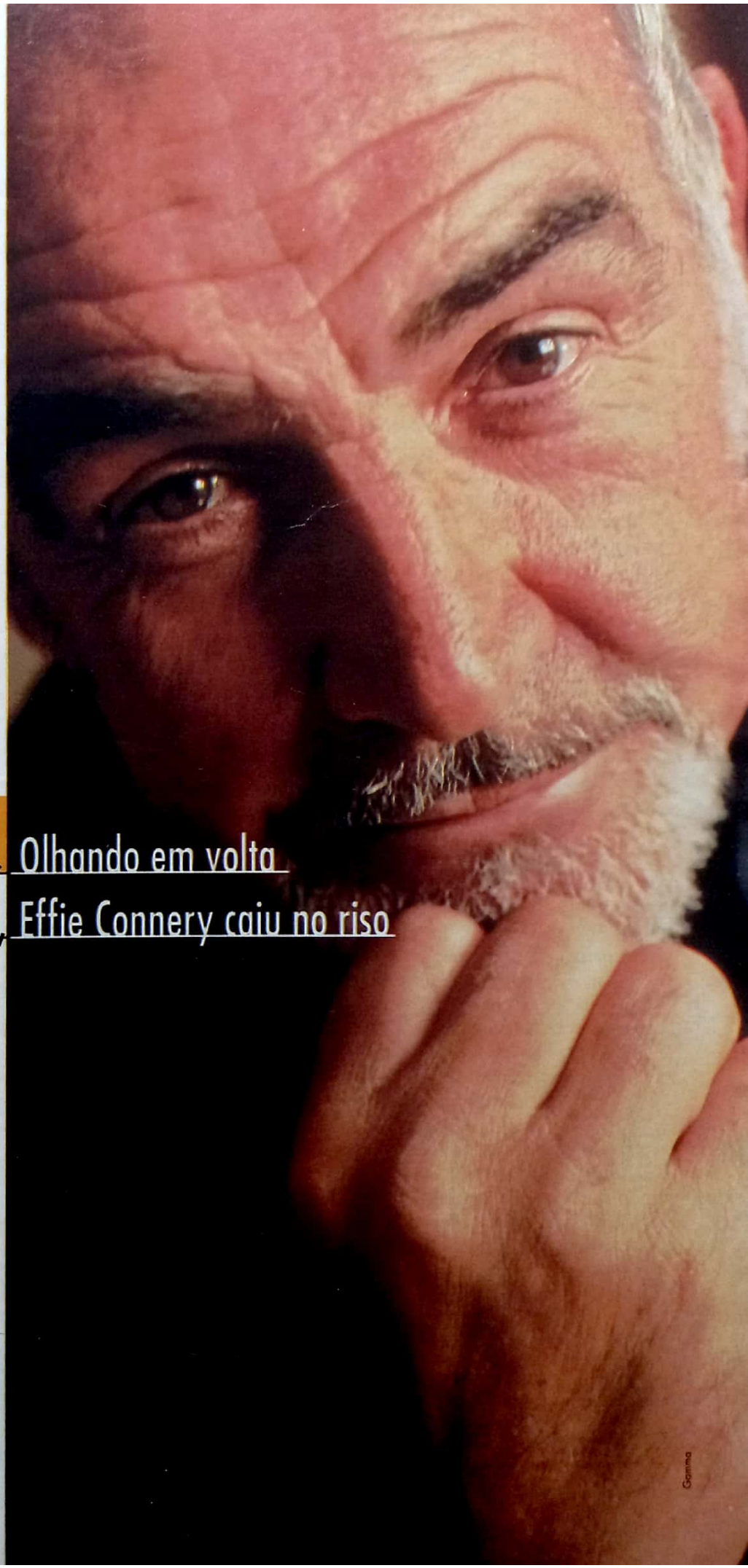
Durante a turnê da peça, a insegurança intelectual bateu forte em Sean. "Eu me impressionava com os atores e sua capacidade de articulação", conta. Henderson tratou de entregar-lhe uma lista das obras que considerava fundamentais para sua formação. Sean enfurnou-se nas bibliotecas: leu Proust, Joyce, Bernard Shaw, Thomas Wolfe, Shakespeare e até obras sobre o método Stanislavski de interpretação. Mais confiante, começou a fazer trabalhos na televisão, no cinema e no teatro. Nos sets de *Vítima de uma Paixão*, de 1958, em que contracenava com Lana Turner, o ator conheceu o lado sinistro de Hollywood. Furioso com os boatos sobre um romance entre Lana e Sean, o gângster Johnny Stompanato, que era amante da estrela, invadiu o estúdio e ameaçou Connery com um revólver. Os dois saíram no tapa, com desvantagem para Stompanato, que aca-

bou de nariz sangrando.

Nessa época Sean conheceu a atriz australiana Diane Cilento, indicada ao Oscar por sua atuação em *As Aventuras de Tom Jones*. Com ela, teve seu único filho, Jason. Foram onze anos de uma convivência que os amigos descrevem como feliz, ainda que intercalada por momentos turbulentos. "Lembro que estava com eles em Nassau, nas Bahamas", diz o ator Michael Caine. "Diane fez o almoço, e Sean e eu chegamos com duas horas de atraso. Assim que abrimos a porta, ele disse: 'Querida, chegamos' – e toda a comida que ela havia preparado voou pelos ares em nossa direção." Segundo Diane, além da ausência do marido, que quando não estava trabalhando passava o dia fora jogando golfe, o fim do casamento teve uma causa mais forte que todas as outras: James Bond. "Minha carreira foi para o buraco. Era humilhante ser conhecida como sra. Connery ou, pior, sra. Bond", justificou a atriz.

ia famoso. Olhando em volta para sua casa miserável, Effie Connery caiu no riso

"Aceitem-me como sou ou não me aceitem", disse Connery com seu característico sotaque escocês aos produtores Harry Saltzman e Albert Broccoli, na reunião em que definiriam quem seria 007 na adaptação dos romances de Ian Fleming para as telas. A lista de candidatos incluía nomes do calibre de Richard Burton, Rex Harrison, William Holden, Michael Caine, Peter O'Toole, James Mason, Richard Harris e Roger Moore. "Sean bateu os punhos na mesa e impôs suas condições. Aceitamos", resume Saltzman. "Quando ele saiu da sala, continuamos a observá-lo, enquanto atravessava a rua com seu andar confiante e digno de um verdadeiro super-homem." ➔



sean Connery

O contrato assinado em 1962 assegurava a Sean um salário básico de 6 mil libras esterlinas, que o obrigava a fazer vários filmes do agente secreto até 1967, com direito a filmar uma produção fora da série por ano. Aos 32 anos, uma idade crucial para a carreira de qualquer artista, Sean não tinha por que se trancar na prisão, mesmo dourada, de um contrato a longo prazo. Mas acabou seduzido pela proposta. Foi uma reação recíproca entre astro e platéia: desde a abertura, em que Sean é visto através de um olho, reagindo a um tiro e liquidando seu oponente, até a contribuição de Ursula Andress, que emergia do mar com seu sumário biquíni branco, o primeiro filme da série, O *Satânico Dr. No*, deixou a platéia entusiasmada.

Outros atores passariam pelo papel – George Lazenby, Roger Moore, Timothy Dalton e agora Pierce Brosnam –, mas nenhum deles conseguiu esse ajuste fino, feito de confiança, sofisticação e humor, com uma pitadinha de crueldade (fundamental num agente que tem licença para matar), que Sean soube personificar desde a primeira vez em que vestiu o smoking de 007. O que fez com que James Bond conquistasse instantaneamente o público foi a audaciosa combinação de elementos raros no cinema de aventura da época: erotismo, cenários exóticos e traquitanas da mais avançada tecnologia.

Cinco estrondosos sucessos depois (*Dr. No*, *Moscou Contra 007*, *007 Contra Goldfinger*, *007 Contra a Chantagem Atômica* e *Com 007 Só se Vive Duas Vezes*), Connery estava farto de James Bond, tinha comprado brigas homéricas com os produtores e era um homem rico. "Aprendi que um contrato feito de comum acordo, assinado e carimbado, não vale nem o papel em que é escrito. No momento em que o artista o assina, começa a ser roubado", diz o ator, que já processou quase todos os estúdios de Hollywood. "Acho que só falta a Paramount", ironiza. Se, para alguns, as brigas lhe valeram a reputação de mercenário, para outros são exemplo de coragem. Porque, convenhamos, é preciso coragem para ir a público fazer exigências financeiras só para depois entregar o dinheiro a fins beneficentes e causas como a independência da Escócia, que o astro defende fervorosamente. Sua opção política foi, diga-se de passagem, um dos motivos pelos quais, recentemente, a Inglaterra lhe negou o título de sir.

"Eu não mijaria em cima daqueles dois mesmo que estivessem pegando fogo", vociferou o astro certa vez. Embora rompido com Saltzman e Broccoli, os produtores da série, em 1971 ele aceitou fazer *Os Diamantes São Eternos* e impedir o fim de 007, cuja carreira nas telas ficou ameaçada com o fracasso do substituto George Lazenby em *007 A Serviço de Sua Majestade*. Sean, por sinal, investiu os lucros na criação do Fundo Internacional Escocês de Educação, que concede bolsas de estudos a jovens menos afortunados, como ele. Não foi só pelo dinheiro, porém, que ele topou a empreitada. Tinha uma condição: que a United produzisse um filme de sua escolha, *Até os Deuses Erram*, a ser dirigido por Sidney Lumet.

Sean não escondia o descontentamento por ter a imagem atrelada à de James Bond. "Com todo esse sucesso como 007, o senhor acha que conseguirá fazer algo diferente?", indagou uma repórter. "O que eu posso fazer, pregar na testa uma placa dizendo que já fiz grandes clássicos no teatro, que li Proust e Shakespeare?", explodiu, pouco antes de se internar em uma clínica para tratamento de um colapso nervoso. Na verdade, Sean fez outros filmes no período em que se dedicou a Bond, mas a maior parte deles passou despercebida ou recebeu críticas negativas. Nem mesmo a dupla com Brigitte Bardot, no faroeste *Shalako*, agradou. "Não poderia dar certo mesmo", diria mais tarde. "Era um western inglês, realizado na Espanha por um americano, com um escocês e uma francesa nos papéis principais", reclamou. À lista somam-se algumas produções elogiadíssimas como *Marnie*, de Alfred Hitchcock, e O *Homem que Queria Ser Rei*, de John Huston, que somente anos mais tarde seriam apreciadas em todas as suas qualidades.

Quem o ajudou a enfrentar a crise que parecia interminável foi a pintora Micheline, que Sean conheceu em 1975, durante um campeonato de golfe no Marrocos. Campeã da categoria feminina, ela havia nascido em Nice, crescido no Norte da África e nunca vira um filme de James Bond na vida. "Apaixonei-me à primeira vista. Mas Sean era uma pessoa sem entusiasmo. Achava que todo mundo era mais talentoso do que ele e tinha uma visão pessimista do mundo", relembra. "Sei que lhe trouxe a segurança e a alegria de viver que lhe faltavam", gaba-se a companheira de mais de vinte anos.

Micheline ofereceu todo seu apoio, também, na época em que o marido se submeteu a um tratamento a laser para retirar pólipos da laringe. Em pouco tempo, a imprensa divulgou que ele estava morrendo de câncer. Sean quase assistiu ao próprio enterro quando uma confusão de nomes resultou na notícia de sua morte. "Muita gente me telefonou – mas aproveitei, sobretudo, para observar quem *não* ligou. Soube, afinal, quem eram meus verdadeiros amigos."

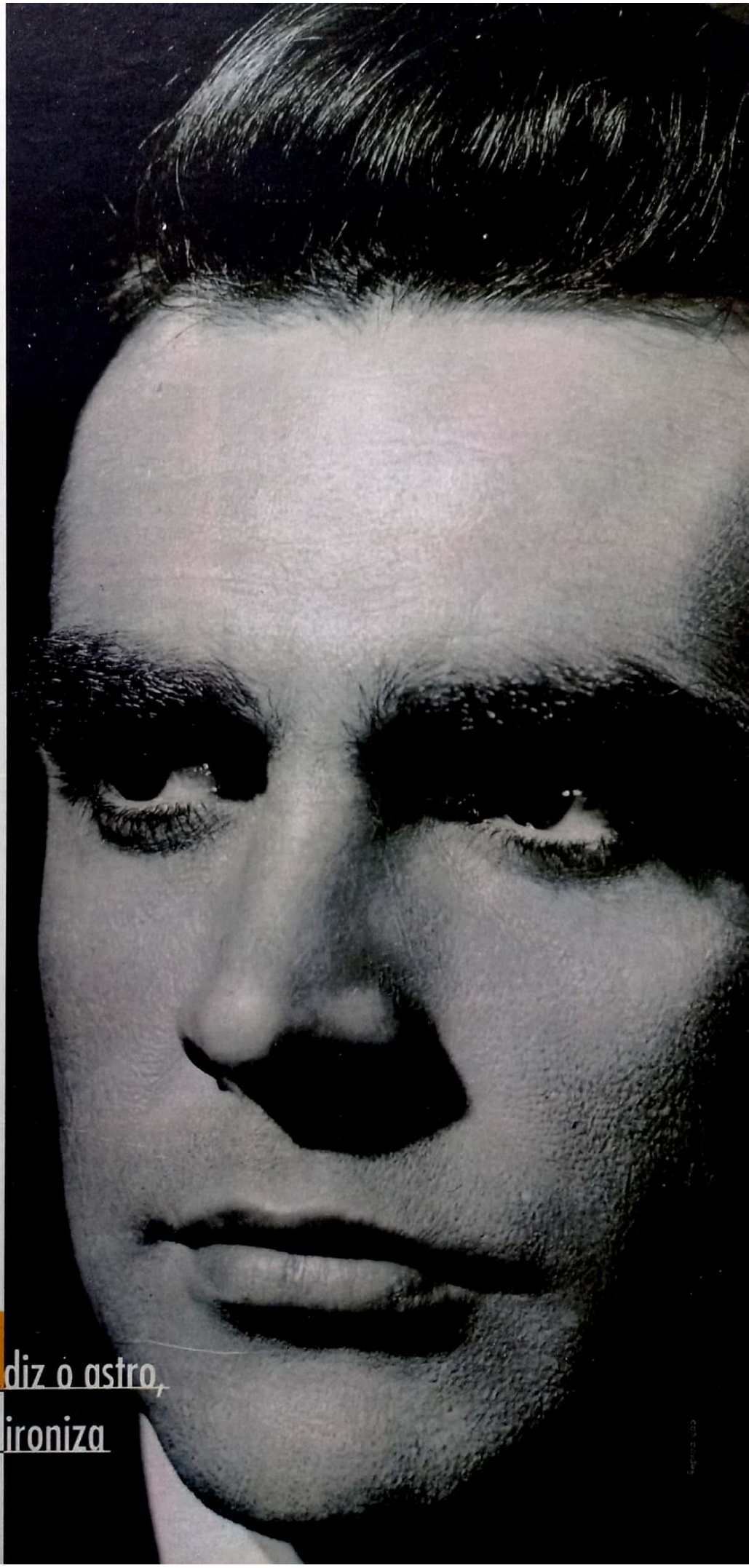
Esses verdadeiros amigos contam que, apesar do personagem mulherengo que o tornou famoso, o próprio Sean sempre foi homem de uma mu-

"Assim que assina um contrato, o artista começa a ser
que já processou quase todos os estúdios de Hollywood. "Acho

lher só. "É bom mesmo, porque se alguma chegar perto demais eu mato", ameaça Micheline. No que depender da liga feminista, esse é um risco que a pintora não corre: sempre muito franco em suas opiniões, o astro é o autor de comentários que lhe renderam a fama de machista e provocaram a ira das feministas.

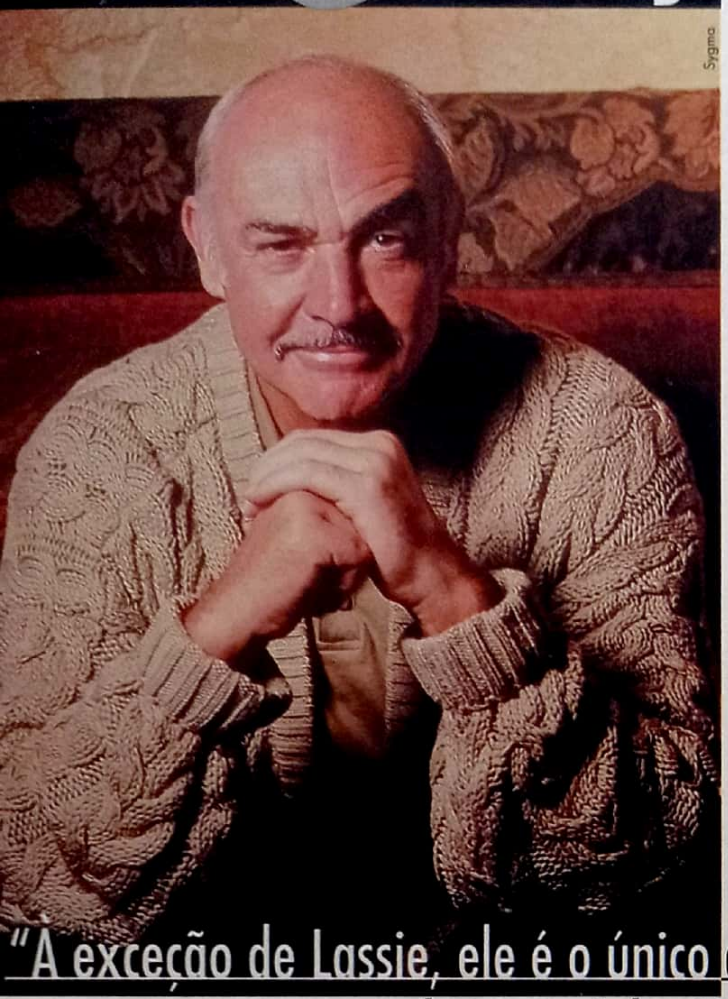
"Não vejo nada de particularmente errado em dar uns tapas. Só recomendo não usar muita força", afirmou Sean em entrevista à *Playboy*, em 1965. "Uma palmada pode ser a solução quando a mulher está histérica e todas as outras opções falharam", continuou. Tempos depois, em 1991, ele tentou desfazer a polêmica. "Só quis dizer que nem sempre a violência física é o maior dano que se pode fazer à mulher. A violência psicológica pode ser ainda mais traumática." Quando perguntaram se já havia batido em Micheline, respondeu: "Ela nunca provocou". E o alvoroço estava formado novamente.

Sidney Lumet, que dirigiu Connery em filmes como *Assassinato no Orient Express* e *Negócios de Família*, afirma que o ator é de fato meio áspero. "Ele é intolerante. É muito capaz e exige o mesmo dos outros. Sean não agüenta incompetência", comenta. Seu temperamento seco chega a intimidar, mas o estilo rigoroso também encontra defensores, até entre aqueles que já brigaram com ele, como o dramaturgo Tom Stoppard. "Muito de sua língua ferina tem a ver com a vontade de fazer as coisas do modo correto", argumenta Stoppard. De qualquer forma, Sean não parece preocupado em agradar. "Quando faço um filme, dou tudo de mim, e espero que retribuam na mesma medida", determina. ➔



roubado", diz o astro, que só falta a Paramount", ironiza

sean Connery


Sygma

"À exceção de Lassie, ele é o único astro que não liga p

brincou John Huston, diretor de Sean no genial *O Homem*

Mesmo depois de ter se libertado de 007, Sean enfrentou dificuldade para se firmar como ator sério e viveu momentos de extrema desilusão. "A certa altura, dispensei meu agente e exigi poder de decisão sobre o roteiro e o elenco de meus filmes, mas nem sempre acertei", admite. "Já cheguei a parar por três anos porque não estava satisfeito com o rumo da minha vida e com as pessoas com as quais trabalhava."

Sua carreira, segundo ele, tem-se mostrado cíclica. "Tenho fases ótimas e outras deprimentes." Os anos 80 e 90, no entanto, foram decisivos. Steven Spielberg declarou certa vez que Hollywood tem apenas sete atores que merecem ser chamados de astros – e um deles é Sean Connery. "Ele mudava o roteiro várias vezes por dia", lembra o cineasta, que o dirigiu em *Indiana Jones e a Última Cruzada*. "Sean é da velha geração de atores que sabem fazer de tudo." Prova disso é que ele não se intimidou em assumir o papel de pai de Harrison Ford, mas deu ao personagem um viés viril e provocador. "A diferença entre Bond e Indy são as mulheres", brinca. "Indy fica acanhado quando belas jovens se jogam em cima dele; Bond as devoraria no café da manhã."

Depois da aclamada atuação como o monge sherlockiano de *O Nome da Rosa*, em 1986, Connery parecia finalmente ter alcançado aquilo que tanto almejara: o respeito e o reconhecimento. O Oscar de coadjuvante conquistado com a esplêndida interpretação do policial Jimmy Malone em *Os Intocáveis*, de Brian De Palma, serviu apenas para sepultar definitivamente o longo passado de limitadas realizações profissionais. "Quando se está ao lado de Sean, sente-se na pele que é a estrela dele que ocupa o centro da galáxia", elogiou seu parceiro no filme, Kevin Costner.

Apesar de a crítica ter torcido o nariz para algumas das produções mais recentes do ator, como *Sol Nascente*, *Justa Causa* e *Highlander*, sua atuação é sempre motivo de elogio. "À exceção de Marlon Brando e Laurence Olivier, Sean é o único ator a que adoro assistir", disse a impiedosa Pauline Kael. Embora tenha abandonado a pose de Bond, Sean é talvez o único ator a ultrapassar a barreira dos sessenta anos que continua presença constante em filmes de ação como *A Rocha* e *A Caçada ao Outubro Vermelho*.

"Gosto de filmes mais agitados", revela. Talvez por isso, em 1983, ele tenha achado até divertido se contradizer perante o mundo todo e voltar a encarnar o herói do qual, doze anos antes, jurara distância eterna. Que recebeu uma bolada para entrar novamente na pele de James Bond, isso é certeza. O título de pura ironia, *Nunca Mais Outra Vez*, foi sugestão de Micheline. Ao lado da *bondgirl* Kim Basinger, Sean provou que era, indiscutivelmente, o único e melhor 007 da história. "Eu tinha fantasias sobre fazer cenas de amor ao luar com Connery", suspirava a então novata Kim.

Hoje Sean é uma unanimidade. Aos 68 anos, ele não disfarça as rugas, nunca escondeu a precoce careca, a não ser que assim pedisse um papel, e jamais se preocupou com a barriga que arredondava. Acha que nenhum filme, por pior que seja, esconde um bom ator. Dá sugestões aos mais novos, como Christopher Reeve, que penou anos a fio sob o rótulo de Super-Homem. "Arrume um bom advogado e livre-se dos conselhos dos imbecis", ensinou.

A ironia é outra característica marcante de Sean. Quando, em 1989, a revista *People* o elegeu o "homem vivo mais sexy do mundo", ele indagou: "Quer dizer então que existe um homem morto mais sexy do mundo?" Sean não tem assessor de imprensa nem agente de viagens, dirige seu próprio carro e mora há trinta anos na mesma casa, na praia espanhola de Marbella. Verdade que também possui uma propriedade em Nassau, nas Bahamas, mas ela nem de longe lembra uma mansão cinematográfica. Em comum, os dois lugares têm um detalhe vital para Connery: campos de golfe, sua paixão. "Não conheço nenhum outro esporte que faça a pessoa passar

da maior alegria ao desespero profundo. O golfe ensina a manter o controle sem perder a agressividade", define, dando uma boa mostra das virtudes que mais preza.

"À exceção de Lassie, ele é o único astro que conheço que não liga para a fama", disse certa vez John Huston, diretor do magnífico *O Homem que Queria Ser Rei*, no qual Connery interpreta um mercenário confundido com um deus pelo nativos da remota província do Kafiristão. Para o cineasta Fred Schepisi, de *A Casa da Rússia*, Sean é uma das raras pessoas que deixam transparecer nas telas sua experiência de vida. "Ele tem uma energia fantástica, que exala mesmo quando está parado", elogia. Mas trabalhar com ele não é moleza. "Não estou aberto a sugestões", provoca. "Gosto de fazer as coisas do meu jeito. Pode ser que nem sempre ele seja o melhor jeito, mas essa é outra história."

Connery diz que jamais escreverá uma autobiografia porque acha sua vida pobre. Também não tem ambição de dirigir; prefere deixar essa dor de cabeça para os outros. Este ano ele estará em *The Avengers*, releitura da série de TV que traz no elenco Ralph Fiennes e Uma Thurman. Para a véspera do ano 2000, confirmou presença no drama *Dancing About Architecture*, ao lado de Dennis Quaid e Madeleine Stowe.

Há rumores de que Sean sofra do mal de Epstein-Barr, que provoca profundo cansaço (não é fatal, porém incurável). "Estou envelhecendo e não tenho por que negar. Só que apaguei a palavra aposentadoria do meu dicionário", ressalta. "Além do mais, gosto de me imaginar como um velho de face generosa. Meu sonho é ficar parecido com Pablo Picasso ou Alfred Hitchcock." Quanta inocência: talvez Sean não se dê conta, mas a verdade é que ele sim é o ideal de velhice que todo cidadão que se preze deveria almejar. ■

ara a fama",

ue Queria Ser Rei

Warner/MGM

OS VÍDEOS DIGNOS DE Sua Majestade

Os filmes de Sean Connery que merecem ser vistos ou revistos

1996 A Rocha (*também co-produtor*)

1995 Lancelot – O Primeiro Cavaleiro

1993 Sol Nascente

1991 Robin Hood – O Príncipe dos Ladrões (*ponta não-creditada*)

1990 A Caçada ao Outubro Vermelho

1989 Indiana Jones e a Última Cruzada

1987 Os Intocáveis

1986 O Nome da Rosa
Highlander – O Guerreiro Imortal

1983 007 – Nunca Mais Outra Vez

1981 Os Bandidos do Tempo
Outland – Comando Titânio

1979 O Primeiro Assalto de Trem

1976 Robin e Marian

1975 O Homem que Queria Ser Rei

1974 Assassinato no Orient Express

1971 007 – Os Diamantes São Eternos

1967 Com 007 Só se Vive Duas Vezes

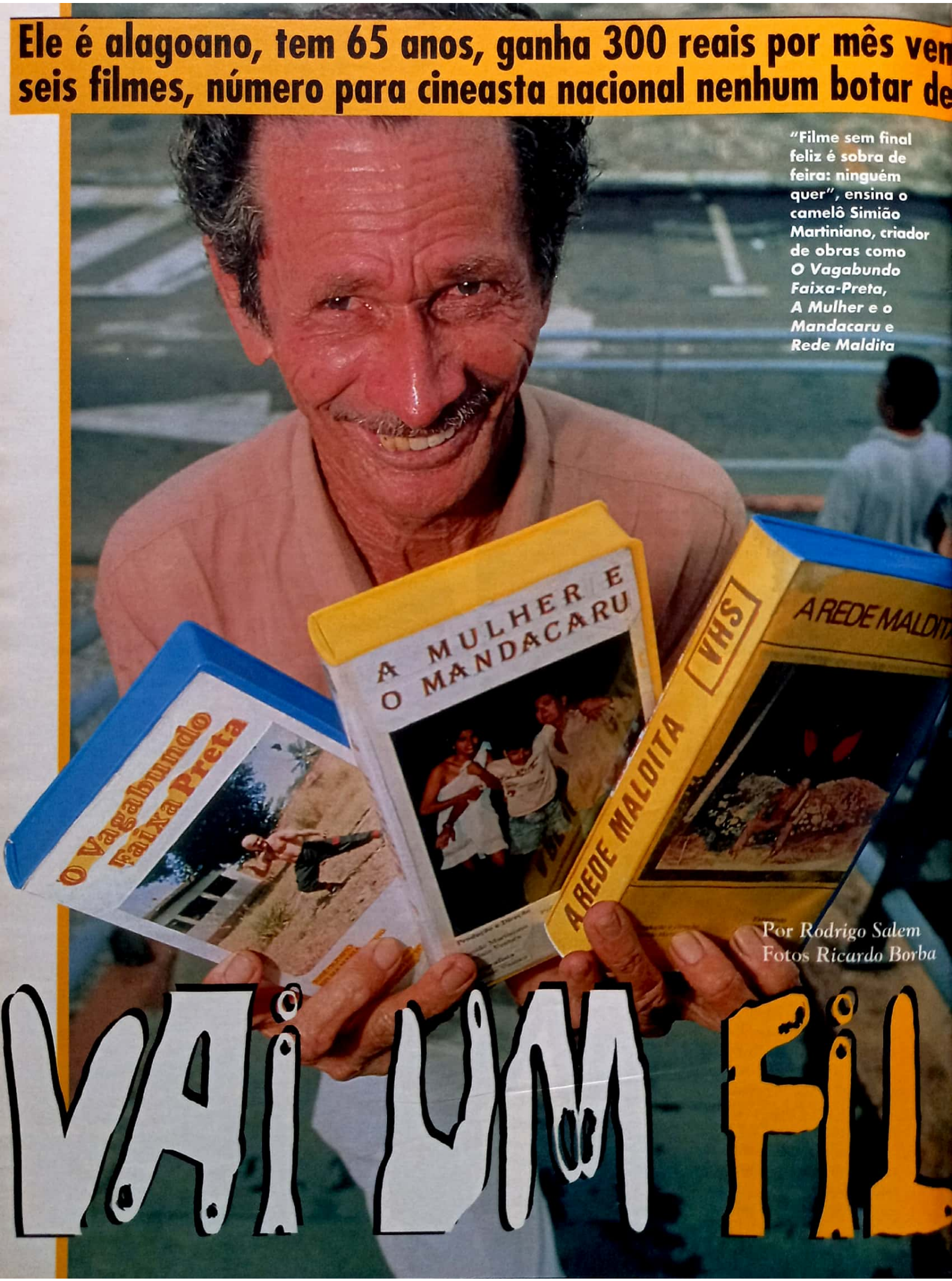
1965 007 Contra a Chantagem Atômica

1964 Marnie – Confissões de uma Ladra
007 Contra Goldfinger

1963 Moscou Contra 007

1962 007 Contra o Satânico Dr. No

Ele é alagoano, tem 65 anos, ganha 300 reais por mês ven seis filmes, número para cineasta nacional nenhum botar de



"Filme sem final feliz é sobra de feira: ninguém quer", ensina o camelô Simião Martiniano, criador de obras como *O Vagabundo Faixa-Preta*, *A Mulher e o Mandacaru* e *Rede Maldita*

VAI UM FIL

Por Rodrigo Salem
Fotos Ricardo Borba

dendo discos de vinil no camelódromo do Recife e já dirigiu feito: palmas para Simião Martiniano, o Ed Wood do sertão

Imaginem Ed Wood, o pior diretor da história de Hollywood, nascendo nas brenhas do sertão nordestino, fazendo bico como pedreiro e terminando a vida tentando vender fitas de vídeo de seus próprios filmes num camelódromo, em meio a paradas de ônibus lotadas e barulhentas. A cena pode não ser protagonizada pelo autor de *Plan 9 from Outer Space* e *Glen ou Glenda*, mas o cenário é real e está montado na cidade do Recife, onde o camelô Simião Martiniano, entre uma venda e outra, se aplica a fazer filmes de baixo orçamento que são verdadeiras pérolas *trash* do cinema brasileiro.

A comparação com o cineasta americano é inevitável. Assim como Wood, Simião é, acima de tudo, um apaixonado pela arte cinematográfica. Afinal, de que outra maneira poderíamos definir um senhor de 65 anos que criou obras singulares como *O Vagabundo Faixa-Preta*, *A Moça e o Rapaz Valente* e *A Mulher e o Mandacaru*? Mais estranho ainda é quando o cineasta explica que *A Mulher e o Mandacaru* é apenas a primeira parte de uma saga épica autobiográfica – algo como *Coração Valente* encontra *Banzé no Oeste* – com mais de quatro horas de duração e batizada *Traição no Sertão*, que atualmente se encontra em plena fase de montagem.

Quando o vídeo de *Traição no Sertão* aportar entre os discos brega que respondem pelo grosso das vendas na barraca de Simião, ele estará realizando um sonho que cultiva desde a adolescência. "Essa saga foi o primeiro filme que dirigi, ainda em super-8. Ela é a história da minha vida, mas com um toque de imaginação", descreve este alagoano de União dos Palmares, que passou por mais desventuras do que qualquer um de seus filmes poderia comportar. Ainda menino, Simião ficou responsável pela guarda dos cinco irmãos, quando sua mãe, cansada das bebedeiras do marido, abandonou a tropa toda e partiu para o mundo carregando apenas o caçula da família. "Desde o dia em que ela foi embora, eu nunca mais a vi. Queria tanto encontrá-la... Já mandei até carta para a Porta da Esperança do Silvio Santos", lamenta-se o cineasta-camelô.

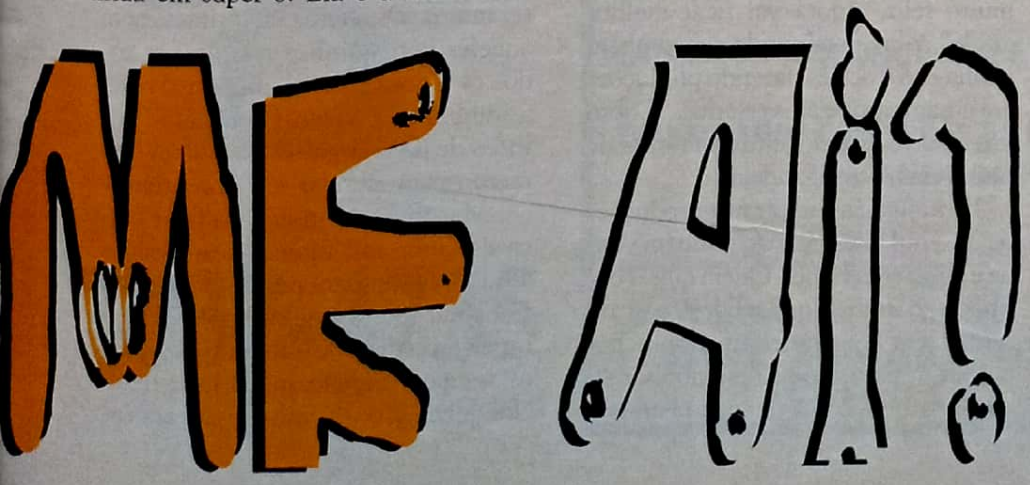
Apesar de a tristeza ter marcado a infância de Simião, sua cinebiografia não deixa transparecer, mesmo com toda a boa vontade do autor, nenhum sinal de baixo-astral. *A Mulher e o Mandacaru*, por exemplo, é de dar inveja a Zé do Caixão. As interpretações são tão ruins que se tornam engraçadas, e é impossível se conter quando a atriz que representa a mãe de Simião se queixa ao observar o marido pinguço caminhar para a cidade: "Oh, meu Deus. Meu marido é um bêbado e um jogador. O que é que eu faço?", pensa a coitada, antes de levar umas porradas do bebum.

Listar as qualidades *trash* do filme de Simião é coisa para tese de mestrado – mas basta uma rápida olhada para encontrar algumas maravilhas do cinema amador: 1) o carro dos bandidos, um Monza vinho acabado, é o mesmo usado pelos mocinhos; 2) passados dez anos, os meninos não crescem e ainda usam as mesmas roupas; 3) durante uma cena de dança, em um cabaré, o diretor corta tantas vezes o filme que a platéia é obrigada a ouvir a mesma música de Beto Barbosa no mínimo quinze vezes seguidas; 4) os atores são obrigados a dormir em camas sem colchão, pois, como as locações são invariavelmente emprestadas, as casas ficam sem móveis o tempo todo; 5) quando o pai de uma prostituta tenta vingar-se dos bandidos, ele convoca seu exército, incrivelmente formado por dois soldados a pé.

Toda essa história dramática é baseada no folheto de cordel *Minha Vida em um Romance*, de autoria do próprio Simião Martiniano. O conto de 32 páginas foi escrito no final dos anos 70, quando o diretor ainda fazia pontas em filmes obscuros como *Luciana – A Comerciária* e *O Palavrão*. Aliás, foi dessa forma que Simião descobriu a paixão pelo cinema. "Eu trabalhava como pedreiro, em 1956, quando um colega de serviço me contou que estava participando de um filme. Enchi o coitado até ele me levar para conhecer as filmagens e os atores. Terminei ganhando o papel de um soldado holandês", lembra. O filme em questão, *Quando um Gigante Desperta*, nunca chegou às telas, privando o pedreiro de seus almejados quinze minutos de fama, que só chegariam muitos anos mais tarde.

Passar de peão de obra a cineasta não foi algo que aconteceu da noite para o dia. Há dezoito anos Simião batalha no camelódromo do Recife para juntar uns trocados e sustentar a mulher, Noêmia Lídia de Araújo, os cinco filhos e ainda poupar para alugar os equipamentos que usa na filmagem de suas obras. Na banquinha em que vende discos de vinil, o camelô apura cerca de 300 reais nos meses mais promissores, mas sua fama de diretor vai tão longe que até os administradores do local procuram pelas fitas. "Tem um que está doidinho pela continuação de *A Mulher e o Mandacaru*", entusiasma-se.

Com o lançamento de *Traição no Sertão*, em outubro, Simião terá finalizado a quinta produção em VHS de sua vida. A primeira foi *O Herói Trancado*, de 1989, em que conta a história da vingança do protagonista contra os bandidos que mataram seu irmão – afo- →



"A continuação de A mulher nua, tiroteio e

Simião é só alegria no meio de suas estrelas Jaqueline Alessandra e Michelle Burgo

gado num caldeirão de mel de engenho. Em *A Rede Maldita*, lançado em 1992, a trama é de puro suspense, contando a história do roubo de um tesouro amaldiçoado. "Os ladrões roubam uma botija cheia de dinheiro e não deixam a alma do dono subir para a galacha." Mas que diabos é "galacha"? Segundo Simião, é o paraíso: "Existe a galacha espiritual e a das trevas. É aquilo que fica depois das nuvens, onde o avião passa". Pensando melhor, pode-se deduzir que o camelô é o criador de uma versão inédita da palavra "galáxia". Tudo bem, ele pode.

Tentando mostrar sua incrível versatilidade, em 1993 Simião Martiniano lançou *O Vagabundo Faixa-Preta*, a incrível aventura de um mendigo perito em caratê. É nesse filme que o diretor desenvolve sua técnica em brigas falsas: os socos passam a quilômetros de distância, as armas são de alumínio e quase não há seqüelas. A diversão dos filmes de artes marciais acabou quando, em 1995, saiu do forno o clássico *A Mulher e o Mandacaru*. "Mas a continuação é que vai ser arretada. Vai ter mais porrada, mulher nua, tiroteio e até um estupro. Eu adoro continuação", revela, sem tirar o olho da barraca.

Até o final do ano, o diretor deve lançar *A Moça e o Rapaz Valente*, no qual trabalha com o mesmo elenco das últimas três produções. O palco das filmagens é Moreno, uma pequena cidade distante 40 quilômetros do Recife, cenário da maioria de suas obras. Por isso fica difícil encontar o cineasta trabalhando no camelódromo: "Filmo nas sextas e nos fins de semana. Mas, como agora sou famoso, quase não tenho tempo para ficar na minha barraca", comenta. A fama a que ele se refere não é fictícia: desde que o curta-metragem *Simião Martiniano, Camelô do Cinema*, de Clara Angélica e Hilton Lacerda, levou vários prêmios no festival de Cinema Nacional do Recife, a notoriedade de seu personagem ultrapassou em muito os limites do camelódromo. Ninguém pense, contudo, que Simião tirou os pés do chão. "De jeito nenhum. Tenho fama, mas não grana. Vou viver humildemente até que alguém tenha pena de mim e me passe recursos."

A sorte já está dando as caras. Até o começo do ano, o diretor não tinha nenhuma câmera VHS profissional, sendo obrigado a alugar uma nas tevês e produtoras locais. Mas, recentemente, os produtores do curta vencedor deram ao cineasta a primeira oportunidade de gravar com meios próprios. "Fiquei muito feliz. Agora vai ficar melhor ainda", vibra, lembrando que também ganha uns trocados fazendo produções em casamentos e aniversários. "Cobro uns 100 reais por quinze minutos de filmagem", propagandeia.

Para ajudar a custear suas produções de 2 a 3 mil reais, Simião também vende e aluga seus filmes. Quem quiser conhecer o trabalho do Ed Wood do sertão tem de, primeiramente, achar o diretor, para depois desembolsar 40 reais por uma cópia de vídeo barata e mal gravada. "Meus filmes são inéditos e novos, por isso têm de ser caros", explica o vendedor nato. Com um pouco de insistência e lábia, o cinéfilo pode conseguir um desconto ou a oportunidade de alugar um dos vídeos por apenas 2 reais. "Mas é só para amigos", avisa o diretor, que mora numa casa em Jaboatão dos Guararapes, periferia da capital pernambucana.

Apesar de quase todos os recursos saírem do magro bolso de Simião, os atores e produtores contribuem para as realizações com boa vontade exemplar. O motivo é simples: "Não é qualquer um que entra nos meus filmes, não. Tem muita gente se oferecendo para trabalhar comigo", diz o camelô, com uma cara meio sacana. As atrizes preferidas do diretor confirmam o apoio. "Nós ajudamos mesmo. Só desse jeito o filme sai", explica Michelle Burgo, atriz de vinte anos que protagoniza *Traição no Sertão*. "Adoramos trabalhar com Simião. Ele é um sujeito sério", confirma Jaqueline Alessandra, dona de um papel em *A Moça e o Rapaz Valente*. Dinheiro é bom, mas não é tudo. Apesar da simplicidade de seu trabalho, Simião acredita realmente no que faz e não aceita desaforo. "Já despedi ator meu porque ele dizia que tudo que eu fazia era cinema de brincadeira. Hoje ele corre atrás de mim", regozija-se.

Antes, uma das alegrias do camelô era ir ao cinema. Ultimamente, mais ocupado e mais velho, nada parece ser bom o suficiente para o tirar de casa – a não ser o fenômeno *Titanic*, do qual nem Simião conseguiu escapar. "Gostei muito. Os efeitos são ótimos, com aqueles bonequinhos caindo por todos os lados. É muito dinheiro, né?", assombra-se. E como. Com os 250 milhões de dólares gastos por James Cameron para afundar seu transatlântico, Martiniano conseguiria fazer cerca de cinco mil filmes a seu estilo e ainda sobraria para nunca mais ter de trabalhar como camelô. Apesar de gostar do recordista de bilheteira de todos os tempos, Simião mudaria o final. "Eu deixaria o mocinho vivo para to-

Mulher e o Mandacaru vai ser arretada. Vai ter porrada, até um estupro", revela Simião, sem tirar o olho da barraca

do mundo sair feliz." As fãs de Leonardo DiCaprio agradecem comovidas.

Por incrível que pareça, os filmes criados por Simião têm características bem hollywoodianas – claro que adaptadas a seu universo brejeiro. "Todo filme tem de ter quatro linhas obrigatórias: amor, tristeza, sexo e violência. Tem cineasta americano que não sabe nem disso", manda, sem pestanejar. "Até meus filmes de caratê têm, no mínimo, duas linhas. Se ficar só com uma, pode ter certeza de que vai ter tosse no cinema." E não fica por aí. Nenhuma produção de Simião termina sem final feliz. Mais comercial, impossível. "Filme sem final feliz é sobra de feira, ninguém vai querer. Para que o cabra (homem, no dialeto cangaceiro de ser) vai lutar o filme todinho para morrer no final? É uma burrice", diz, com a autoridade de quem pode gabar-se de fazer um filme a cada dois anos.

Simião Martiniano dedica sua obra aos grandes atores de sua época, como "Burt Alancaster (sic), Mazzaropi e Roy Rogers". O camelô é fanático por filmes de caubói e chanchadas brasileiras, preferências que têm reflexos diretos sobre seu trabalho: apesar de católico ("mas só vou à igreja paquerar"), em suas produções sempre aparecem mulheres seminuas, do tipo figurante de calendário. "E eu lá vou botar mulher feia nos meus filmes? Tem de ser bonita e saber trabalhar. Elas não podem ter vergonha. São atrizes de verdade. E homem feio é só para ser vilão", explica o diretor, que faz pontas em todos os filmes. Em *A Mulher e o Mandacaru*, por exemplo, ele é um cego que se mata após sentir que o único filho que lhe restara acaba de morrer. Pena que os filhos ainda estavam vivos e prontos a voltar na seqüência do bairro-buster. "Me matei à toa", lamenta.

O último passo para a consagração de Simião na indústria milionária do cinema é percorrer o tapete vermelho do Shrine Auditorium para receber o Oscar. "Ainda vou ganhar esse prêmio. É meu desejo estar entre os artistas famosos, com todo mundo me aplaudindo", imagina. Segundo o camelô, o maior problema do prêmio é a falta de uma categoria na qual ele possa concorrer. "Eles têm de criar o Oscar de VHS", clama. Bem, se Ed Wood conseguiu, mesmo indiretamente, concorrer à estatueta, por que nosso representante não poderia sonhar com a possibilidade? Quem sabe Tim Burton não larga os milhões de *Superman Reborn* e se manda para o Nordeste tupiniquim filmar *Simian Martin – The Movie*? No mundo do *trash*, tudo é possível. ■

Para anunciar ligue:

3037-4735

PATY'S
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

NA PATY'S, VOCÊ ENCONTRA TUDO PARA MONTAR OU AMPLIAR SUA LOCADORA

AQUI VOCÊ GANHA BRINDES ESPECIAIS

• ESTOJOS • ACESSÓRIOS • PORTA POSTERS
• REBOBINADOR • EXPOSITORES • MATERIAL PROMOCIONAL

MONTANDO SUA LOCADORA, O FRETE É POR NOSSO CONTA PARA TODO O BRASIL.

TRABALHAMOS COM TODOS OS LANÇAMENTOS E CATÁLAGOS COM PAGAMENTO E PREÇO ESPECIAIS.

O NOSSO MAIOR OBJETIVO É ATENDELO-LO EM 1º LUGAR.

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana - São Paulo - SP - CEP 02035-020
Disk Vendas: (011) 298-1899
Telefax: (011) 298-1822

Nicolas Cage e Meg Ryan: o anjo apaixonado e seu objeto do desejo

CIDADE DOS ANJO

Nicolas Cage e Meg Ryan protagonizam uma bela e vazia refilmagem do clássico alemão *Asas do Desejo*

Em 1988, o alemão Wim Wenders concebeu uma pequena obra-prima: *Asas do Desejo*. Uma metáfora das mudanças sociais que cercavam a Alemanha antes da queda do muro de Berlim, *Asas do Desejo* encantou o público com a história do anjo Damiel (Bruno Ganz), que observava a humanidade e com ela se fascinava, sem nunca poder interferir. Depois de refletir sobre sua própria imortalidade – e de se apaixonar por uma trapezista de circo –, o anjo abre mão de sua condição divina para caminhar entre os homens. Tudo entrecortado por diálogos repletos de considerações existenciais e por uma belíssima Berlim fotografada em preto-e-branco.

Dez anos depois, o muro de Berlim está no chão, o talento de Wim Wenders idem, e *Asas do Desejo* ganha sua inevitável versão ianque, batizada de *Cidade dos Anjos*. O filme, dirigido pelo mesmo Brad Silberling de *Gasparzinho*, deixa de lado as metáforas, as considerações existenciais e a Berlim em preto-e-branco para se tornar mais uma história de amor ambientada numa Los Angeles colorida e melancólica.

O anjo Damiel é agora chamado Seth, e, no lugar da voz firme de Bruno Ganz, temos Nicolas Cage esbanjando olhares de cachorro perdido. Ele observa Los Angeles ao lado de uma legião de seres celestiais, que levam o espírito dos mortos para um outro plano de existência, testemunham o nascer e o pôr-do-sol na praia e reúnem-se numa biblioteca, sempre prontos a oferecer conforto aos homens. Mas o anjo Seth não está contente com sua condição imortal. Na verdade, ele imagina como seria poder experimentar o toque de outras pessoas, sangrar, sentir dor, cansaço, fome – coisas que são negadas aos anjos. O que ele anseia é entender por que a vida, mesmo tão frágil, é o bem mais precioso da humanidade.

Mais do que tudo, Seth deseja aproximar-se da cirurgiã Maggie (Meg Ryan). Deprimida após perder um paciente na mesa de operação, ela tem uma crise de consciência e questiona a validade de seu trabalho e o que faz para tornar o mundo melhor – tudo acompanhado pelo olhar compreensivo do anjo, irremediavelmente apaixonado. Apesar dos riscos, Seth decide se tornar visível para Maggie, passando a fazer parte de sua vida e conquistando sua afeição. É quando ele abre mão de sua imortalidade.

Nada divino: o ex-anjo Dennis Franz recebe uma visita inesperada do celestial Nicolas Cage

Cidade dos Anjos possui o mérito de passar longe dos clichês que entopem os dramalhões gringos. Mas seu enorme sucesso nas telas americanas – mais de 30 milhões de dólares arrecadados em duas semanas – se deve principalmente à fascinação por temas místicos e esotéricos que assola a humanidade com a proximidade da virada do milênio.

Mesmo assim, o filme falha por causa de um roteiro capenga. Em *Cidade dos Anjos*, Los Angeles tornou-se o lar das pessoas mais amáveis do planeta. Embora capazes de ler pensamentos, os anjos não enxergam nenhuma idéia ruim nem egoísta. Além disso, a personagem de Meg Ryan não parece incomodada pelo fato de um estranho acompanhar cada um de seus passos: ela deixa Seth entrar em sua vida sem nunca questionar quem é aquele homem misterioso que só possui respostas enigmáticas e que está sempre metido num sobretudo preto. São detalhes assim que vão minando a credibilidade da história.

Não que vá fazer muita diferença. Quando *Cidade dos Anjos* avança para seu final – meticulosamente orquestrado para deixar cada pessoa da platéia com os olhos encharcados de lágrimas –, o público já está hipnotizado pelo visual belíssimo e pelo retrato tão suave e ao mesmo tempo tão amargo das emoções humanas. Infelizmente, essa é a prova de que o cinema hollywoodiano não é feito por artesãos, e sim por operários, que ralam numa indústria preocupada apenas em manter o público entretido pelo espaço de duas horas. Não que isso seja ruim – mas um pouco de conteúdo e de reflexão não fazem mal a ninguém.

Roberto Sadovski

(City of Angels, EUA, 1998) **Direção:** *Brad Silberling.* **Com** *Nicolas Cage, Meg Ryan, Andre Braugher, Dennis Franz, Colm Feore, Robin Bartlett, Joanna Merlin, Sarah Dampf. 114 min.*

Meg Ryan romântica,

Frágil, chorona, vulnerável? Esqueça. Fora do horário comercial, a estrela do novo *Cidade dos Anjos* prefere adjetivos como forte, prática e decidida

"*Tarde Demais para Esquecer*? Uma *droga* de filme!", decreta Meg Ryan, talvez na esperança de dissipar um pouco da confusão entre atriz e personagem. Em *Sintonia de Amor*, ela se esvaía em lágrimas só de pensar nas atribulações do romance vivido por Cary Grant e Deborah Kerr; livre das obrigações do trabalho, Meg diz que sofrer em silêncio, como fazia a prestimosa Deborah, não é com ela – "e de romântica, aliás, não tenho nada". Como explicar, então, que ela se tenha casado com o ator Dennis Quaid num sugestivo Dia dos Namorados, em 1991? "Acordamos num hotel e pedimos à portaria para achar um pastor, que saiu de um almoço do Rotary e veio nos casar", ela conta, com a calma de quem recorda um pedido ao serviço de quarto. Mas, principalmente, como se explica que uma mulher tão pragmática seja a líder absoluta da comédia romântica? Combinando aquela aura virginal de Doris Day ao ar cômico, ligeiramente amalucado, que Goldie Hawn exercitava nos anos 70, Meg criou um tipo híbrido, cujas doses corretas só ela parece conhecer: a garota meio perdida na vida, que oscila entre o meigo e o voluntarioso mas que é sempre adorável – e que fica linda quando chora.

Meg certamente é uma atriz mais capaz do que demonstra. De indecisa, vulnerável e frágil ela tem mesmo muito pouco. Filha de uma dona de casa e um professor, Margaret Mary Emily Anne Hyra tinha quinze anos quando virou o centro de decisões da família: sua mãe decidiu ser atriz e saiu de casa, deixando o marido com os quatro filhos. Por ser a mais sensata do grupo, Meg teve de arcar com um volume desproporcional de responsabilidades. Essa reviravolta, claro, traria várias conseqüências. A mais previsível é que o atrito entre mãe e filha permanece irremediável; a inesperada é que a garota virou uma mulher otimista, disposta a tirar o melhor do pior. Quando Meg conheceu Dennis, por exemplo, ele vivia às voltas com álcool e drogas. Quatro anos depois, ao dizer o "sim" para aquele pastor, já era um sujeito regenerado e pronto a se tornar o pai do moleque Jack Henry, hoje com seis anos.

Se casar-se com um dependente de cocaína não estava nos planos de Meg, o mesmo pode-se dizer de ser atriz. Sua meta era o curso de jornalismo da Universidade de Connecticut, que, sempre boa aluna, ela foi pagando com aparições em comerciais de TV. Nem é preciso dizer que a carreira de jornalista ficou na saudade: aos vinte anos, faltando dois para a formatura, Meg ganhou um papel como a filha de Candice Bergen na comédia *Ricas e Famosas* e passou, literalmente, para o outro lado do balcão.

Desde então, essa loira magrinha e de olhos candidamente azuis já fez mais de vinte filmes, nos quais interpretou não só namoradas, mas também uma viciada, uma alcoólatra, uma neurótica, um soldado e até uma cirurgiã (no novo *Cidade dos Anjos*), como ela pacientemente faz questão de contabilizar a cada nova entrevista. Por mais que ela resista e esperneie, porém, é daquela Meg doce e engraçada que o público gosta mais, romântica a ponto de se encontrar com um viúvo desconhecido no topo do Empire State Building ou cínica o bastante para encenar um falso orgasmo à mesa de uma delicatessen. Fazer o quê? "E... Acho que, para mim, fazer comédia romântica é como voltar para casa", ela entrega.

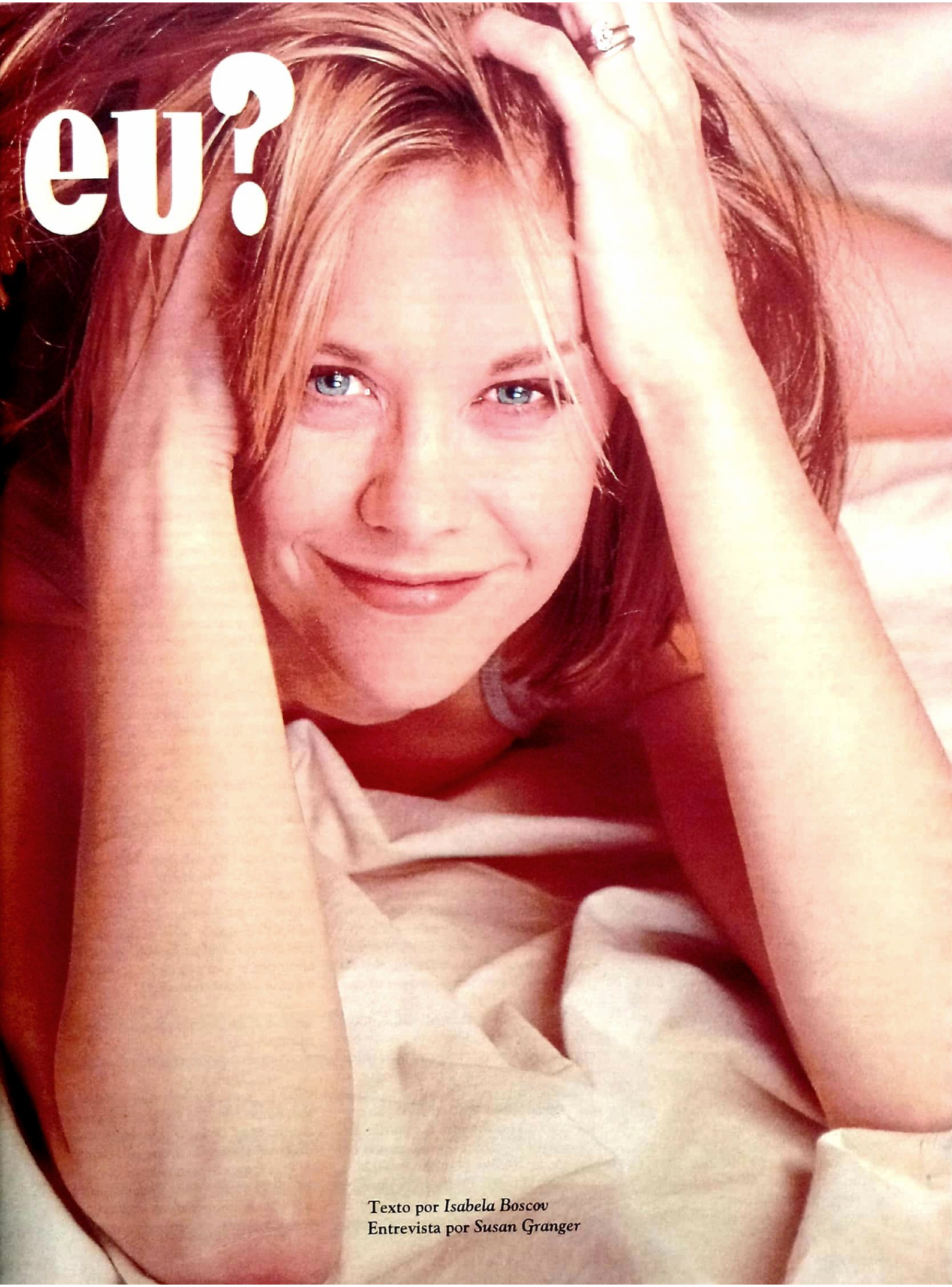
Conte-nos sobre seu novo filme.

Cidade dos Anjos é um romance livremente inspirado nos últimos vinte minutos de *Asas do Desejo*, que o alemão Wim Wenders dirigiu em 1988, sobre anjos que são enviados à Terra para consolar pessoas necessitadas. No nosso filme, Nicolas Cage interpreta um desses anjos, Seth, que se apaixona por uma mulher de carne e osso.

Consta que, ao ser convidada para fazer esse filme, você não só aceitou como disse que, sem sombra de dúvida, *Cidade dos Anjos* era o único roteiro que você tinha lido na vida que lhe parecia imperativo fazer. É verdade?

É sim. Acho que antes mesmo de terminar

eu?



Texto por *Isabela Boscov*
Entrevista por *Susan Granger*

Meg Ryan

"Dennis e eu não moramos em Beverly Hills e não vivemos como astros de cinema. Faço rodízio para levar meu filho para a escola, como qualquer mãe"

de ler o roteiro eu já sabia que *tinha* de fazê-lo. Gostei de tudo nele. Como romance, ele é ótimo, porque essas duas pessoas têm de enfrentar obstáculos incríveis, que as separam até o momento certo – ou o momento mais certo. A história cresce até o ponto em que você, como espectador, anseia para que elas achem uma maneira qualquer de permanecer unidas. Também gosto muito da personagem que interpreto, a dra. Maggie Rice. A primeira coisa que a platéia aprende a respeito de Maggie é que ela está em crise e começou a se fazer perguntas essenciais sobre a vida: se ela não tem controle sobre os acontecimentos, então quem tem? Achei que esse era um dilema fascinante.

A que exatamente se deve a crise da dra. Maggie?

Ela acabou de perder um paciente durante uma operação, pela primeira vez em sua carreira, e sem motivo aparente.

Nesse tipo de papel, fazer menos freqüentemente comunica mais. O quão difícil é partir para uma interpretação, digamos, minimalista, depois fazer tantas personagens mais abertamente emotivas?

Para isso é preciso ter muita fé no enredo, ser capaz de acreditar que a história tem força suficiente e que o melhor é não tentar "enfeitá-la". Às vezes Seth, o anjo, estava em cena comigo, mas eu ainda não era capaz de vê-lo – e, portanto, não podia reagir à presença dele. A sensação de solidão quando se faz algo assim é inegável, e é preciso ter muita confiança no diretor. À parte essa dificuldade, esse papel me deu a chance de tentar dominar aspectos mais técnicos relacionados à dra. Maggie, o que foi muito divertido.

Como assim, aspectos técnicos?

Tive, por exemplo, de aprender a me comportar como uma cirurgiã – fora e *dentro* de uma sala de cirurgia. Era preciso ter certeza de que tudo que a dra. Maggie fizesse pareceria absolutamente crível e autêntico.

Como você se preparou para as cenas em que faz cirurgia?

Assisti a várias cirurgias cardíacas e aprendi muito também sobre a etiqueta, digamos assim, que se deve seguir em uma sala de cirurgia – além de treinar algumas técnicas cirúrgicas, é claro.

Ver um paciente com o peito aberto sobre uma mesa cirúrgica não é para qualquer um. Como seu estômago reagiu à experiência?

Para dizer a verdade, os dias em que assisti a cirurgias cardíacas estão entre os mais fascinantes de minha vida. Cheguei a praticar técnicas de sutura no coração de um porco, como qualquer estudante de medicina. Mas isso não me deixou enjoada, e sim eufórica – tragam as agulhas e o coração que eu mostro como se faz (*risos*). É claro que nunca imaginei que um dia subiria num banquinho para olhar o coração de alguém batendo dentro do peito, mas tenho de confessar que é bonito. Da primeira vez, o que me impressionou foi quantas pessoas são necessárias para garantir que aquele coração continue batendo. Depois, é claro, passei a me concentrar mais na própria cirurgia – como o médico faz certa incisão ou sutura determinada veia –, até perder de vista a pessoa e pensar só no procedimento.

Qualquer cirurgião, é claro, é treinado para enfrentar situações de vida e morte de forma absolutamente científica. Como você acha que um deles reagiria a uma experiência de fé como aquela que você atravessa em *Cidade dos Anjos*?

Perguntei a um dos médicos que me treinaram se ele acreditava em Deus, e ele respondeu que não. Indaguei então se ele já havia presenciado algum milagre, e ele imediatamente disse que sim. Achei isso surpreendente; ele não percebeu que se estava contradizendo. É como se ele estivesse lutando com Deus e dizendo o tempo todo: "Não acredito em você". Mas até o fato de lutar contra algo significa reconhecer sua existência. Colocar a dra. Maggie no centro desse paradoxo foi ótima idéia. No começo do filme, a vida dela é toda pautada por essa mentalidade científica. O trabalho dela é consertar o coração dos outros, mas ela só acredita na cabeça. Até que, em uma situação de crise, ela descobre que não pode controlar tudo. Há um diálogo no filme que eu adoro. Seth, o anjo, olha uma amostra de sangue de Maggie ao microscópio e, vendo as células, diz: "Isto é você! Isto é tudo o que você é!". E ela responde: "É – estas células e também todo o espaço entre elas". Achei uma fala fantástica: Maggie tem uma mente empírica, mas também cheia de imaginação.

Como esse filme descreve os anjos?

Bem, eles não são e nunca foram homens. Embora se preocupem genuinamente com a humanidade, eles encaram os eventos, as sensações e as emoções da vida humana com certa perplexidade e compaixão. A função deles é vagar pela Terra, ouvindo pensamentos e consolando aqueles que necessitam de conforto, mas não é permitido a eles interferir no destino de ninguém.

E quanto ao anjo interpretado por Nicolas Cage, particularmente?

A história coloca a seguinte questão: o que aconteceria se um anjo quisesse não apenas experimentar os sentidos humanos – tocar, degustar, chorar –, mas também se apaixonar? O que um anjo estaria disposto a perder em troca dessas experiências? E o que seria capaz de fazer com que uma mulher racional se deixasse atrair por um ser celestial cuja existência é quase impossível aceitar?

Bem, e qual seria a resposta a essas perguntas?

Se eu disser vou entregar o filme, não é?

Você já protagonizou vários romances, como *Harry e Sally* e *Sintonia de Amor*. Mas *Cidade dos Anjos* segue uma veia completamente diferente.

Pois é, mas eu mesma tenho a sensação de que fiz muitas coisas diferentes ao longo dos anos – embora talvez eu pareça estar mais "em casa" com comédias românticas.

Mas também adoro o desafio de fazer papéis dramáticos, como em *Quando um Homem Ama uma Mulher*, *O Peso de um Passado* e *Coragem Sob Fogo*. Esses são trabalhos muito gratificantes.

Agora você está trabalhando de novo com Tom Hanks, não é?

Estou sim, numa comédia romântica chamada *You Have Mail*, escrita e dirigida por Nora Ephron, de *Sintonia de Amor*.

Por acaso *You Have Mail* não é uma versão de uma comédia clássica dirigida por Ernst Lubitsch?

Sim, é uma refilmagem de *A Loja da Esquina*, de 1940, com Jimmy Stewart. Jimmy interpretava um balconista que trabalhava na mesma loja que Margaret Sullavan, em Budapeste. Os dois se odiavam sem saber que eram correspondentes secretos. Assim, eles se apaixonam, mas sem ter a mínima idéia sobre a identidade um do outro.

Vocês vão filmar *You Have Mail* em Budapeste?

Não, não. Nossa versão se passa em Nova York, nos dias de hoje, e Tom e eu não escrevemos cartas – nós trocamos e-mails. Somos dois colegas de trabalho que se odeiam mas, de noite, mandam mensagens românticas um para o outro pelo computador, sem saber quem está do outro lado da linha.

Há algum tipo de papel que você se recusaria terminantemente a fazer?

Com certeza. Já recusei vários roteiros em que as mulheres usam a sexualidade como forma de poder. Acho isso um tédio. As mulheres vêm usando esse recurso há séculos, mas não vejo por que essa deva ser a única maneira de mostrar uma mulher poderosa em um filme. Sou incapaz de me interessar por um papel assim. Prefiro interpretar uma neurótica.

Você era adolescente quando seus pais se divorciaram. Isso influenciou seu comportamento de alguma maneira?

Durante muito tempo fui a pessoa mais responsável da minha família; eu é que punha ordem na casa. Mas não gosto de falar sobre meu passado. Não quero que minha história se resuma a ele. O que isso mudou em mim é que nunca nego meus sentimentos para meu filho, Jack. Quero que ele saiba sempre o que está se passando, sem adivinhações. Quero que ele seja forte o suficiente para enfrentar as adversidades que venham a ocorrer na vida dele.

Que idade tem seu filho hoje?

Seis anos.

Você se preocupa com o fato de ele ser filho de dois astros de cinema?

Dennis e eu não vivemos como astros de cinema. Faço rodízio para levar Jack para a escola, como qualquer outra mãe. Na verdade, nem penso em mim como uma atriz o tempo todo. Gosto do meu trabalho, mas não *sou* meu trabalho. Nem mesmo moramos em algum lugar tipo Beverly Hills. Moramos em Santa Monica (*um agradável, mas despretensioso, bairro à beira-mar em Los Angeles*) e num rancho no estado de Montana, onde é possível rodar 150 quilômetros em qualquer direção sem cruzar uma única estrada. Não há nada lá a não ser a beleza da paisagem. Dennis é texano e gosta de espaço. ■

"Perguntei ao cirurgião que me treinou para *Cidade dos Anjos* se ele acreditava em Deus, e ele disse que não. Mas, quando indaguei se ele já tinha testemunhado um milagre, ele imediatamente respondeu que sim, e nem percebeu que estava se contradizendo"

O que terá ac

Kevin

Poucos artistas em Hollywood tiveram uma ascensão tão espetacular quanto Kevin Costner. De um simples contra-regra, ele tornou-se um ator cotado a 20 milhões de dólares por filme após protagonizar imensos sucessos de bilheteria como *Robin Hood – O Príncipe dos Ladrões*, *O Guarda-Costas* – que faturou 400 milhões de dólares no mundo todo – e o elogiado *Dança com Lobos*, seu filme de estréia atrás das câmeras, premiado com sete Oscar, inclusive os de melhor filme e direção.

E poucos artistas sofreram um abalo tão grande quanto o mesmo Costner. Depois do fracasso monumental de *Waterworld*, um dos filmes mais complicados da história, o astro levou outro golpe violento com o lançamento de *O Mensageiro*, o novo trabalho que ele mesmo dirigiu e protagonizou. Depois de ter consumido quase 100 milhões de dólares na produção, *O Mensageiro* não rendeu mais do que 17 milhões nas bilheterias americanas em três semanas de exibição. *Titanic*, lançado uma semana antes, faturou mais de 200 milhões no mesmo espaço de tempo.

Pior: como ninguém se interessava em ver o filme, *O Mensageiro* acabou sendo reduzido a um circuito mínimo, passando, por exemplo, em apenas sete – *sete!* – salas de Los Angeles. Em grande parte, ele sumiu de circulação por vontade dos exibidores: em vez de projetá-lo em duas mil salas praticamente vazias e tomar um baita prejuízo, eles preferiram aumentar o circuito de um outro filme que se mostrava bem mais rentável – o próprio *Titanic*.

A imprensa bem que tentou encontrar explicações para o dramático fracasso de *O Mensageiro*. Em primeiro lugar, o roteiro original teria sido piorado por mudanças impostas por Kevin. Além disso, o trailer do filme foi recebido com gargalhadas nos cinemas, o que teria criado uma má reputação. Outro problema seria a escolha do carteiro como herói da história – logo o funcionário público que, nos últimos anos, mais tem sido motivo de piada nos Estados Unidos e também objeto de rancor no Canadá, onde meses atrás uma greve postal deixou o país de pernas para o ar. Mas, acima de tudo, todos os dedos saíram apontando para Kevin Costner – ou melhor, para o ego do artista.

Em 1985, os produtores Steven Tisch e Wendy Finerman adquiriram os direitos do livro de David Brin sobre um futuro sombrio, devastado pela hecatombe nuclear, onde um cavaleiro solitário assumia a função de carteiro para recuperar o moral e o espírito dos Estados Unidos através do restabelecimento das linhas de comunicação. Tisch e Finerman encomendaram um roteiro ao premiado Eric Roth – o mesmo com quem a dupla trabalhara no oscarizado *Forrest Gump* –, que preferiu modificar o tom da história, passando de sombrio para satírico e irônico. O projeto ficou tão bom que atraiu a atenção de diversos grandes astros, de Tom Hanks a Robin Williams, e de diretores de peso, como Richard Donner e Ron Howard. Mas, ainda assim, *O Mensageiro* não saía do papel.

O filme só deixou de ser mais uma idéia não realizada por causa do compromisso de Kevin Costner com a Warner (o mesmo estúdio para o qual ele fez *Dança com Lobos* e *O Guarda-Costas*) para protagonizá-lo. Mas, quando o astro entrou em cena, muita coisa mudou: de cara, o ator decidiu que só ele mesmo poderia dirigir o filme – Costner explicou que, se algum outro diretor tomasse um rumo do qual ele discordasse, ficaria "bastante magoado". A produtora Wendy Finerman foi prontamente ejetada do projeto, e convocou-se um novo roteirista (Brian Helgeland, o mesmo do espertíssimo *Los Angeles – Cidade Proibida*) para passar a limpo o conceito de Roth. Helgeland, entretanto, não seria o último a mexer no roteiro: Costner também fez suas contribuições.

Com isso, o filme não apenas mudou completamente de direção, como também cresceu para longas duas horas e cinquenta minutos. O próprio Brian Helgeland disse, numa entrevista recente, que deveriam ter filmado seu roteiro, e não o monstro no qual ele se tornou. "Não era um filme grande – tinha apenas 105 páginas", bradou o roteirista, "até que Costner assumiu o controle".

Na verdade, "controle" parece ser a palavra que define a carreira de Kevin Costner. Desde que abandonou a esfera dos mortais comuns para se tornar um astro milionário, ele tem exercido um poder cada vez maior nas produções de que participa. Foi assim em *Wyatt Earp*, dirigido por seu amigo Lawrence Kasdam, que passou de uma ambiciosa biografia do notório homem da lei do Oeste selvagem americano a um épico com mais de três horas de duração por causa da insistência de Kevin. O resultado foi uma malhação impiedosa da crítica e um imenso fracasso de público.

Mas *Wyatt Earp* era só o começo da galopante megalomania do astro. De- →

Fotos: Warner

Depois do fracasso de *Waterworld*, Kevin Costner pisa na bola novamente com o épico *O Mensageiro*

ontecido a Costner?

Bola fora: Kevin Costner dirige uma cena de *O Mensageiro*, um épico que consumiu 100 milhões de dólares e fracassou nas bilheterias

O que terá acontecido a

Kevin Costner?

Apesar do malho da imprensa, o astro defende *O Mensageiro* com a convicção de quem fez um épico inesquecível

pois de passar por maus bocados com o amigo Kevin Reynolds durante as filmagens de *Robin Hood – O Príncipe dos Ladrões* (o que quase acabou com a amizade), Costner produziu o épico *Rapa Nui* e, sempre fiel aos amigos, convocou Reynolds para assumir a direção. Mais uma vez o astro enfrentou uma produção complicada (o filme foi realizado na remota Ilha de Páscoa) e uma recepção gelada da crítica e do público. Foi então que *Waterworld – O Segredo das Águas* surgiu no horizonte.

A produção de *Waterworld* foi turbulenta desde o início. Se nas mãos de um diretor competente o roteiro poderia render uma ótima ficção científica, com Kevin Reynolds – novamente imposto por Costner –, ele se tornou uma cópia frouxa de *Mad Max*. O astro entrou em conflito com seu amigo e diretor e decidiu transformar a aventura idealizada por Reynolds num filme "conduzido por palavras" e "de significado profundo".

O resultado foi o rompimento definitivo da amizade dos dois Kevins, mais uma conta de duzentos milhões de dólares e um filme que fracassou nas bilheterias. O próprio Costner admitiu à época que o orçamento de *Waterworld* era uma obscenidade, mas disse que o filme havia ficado exatamente do modo como ele tinha imaginado – *ele*, e não o diretor Kevin Reynolds, eliminado da produção antes de o filme chegar à sala de edição.

Depois da maratona de *Waterworld*, Kevin bem que tentou tornar-se só um ator, à frente do elenco da comédia romântica *O Jogo da Paixão*, de Ron Shelton, que o dirigira em *Sorte no Amor*. Quando chegou às telas americanas, no verão de 1996, o filme não foi o sucesso esperado, mas também não arranhou a carreira do astro e poderia significar um recomeço – o que tornou ainda mais estranha sua insistência em se envolver em um fiasco como *O Mensageiro*.

Costner defende seu filme com a convicção de quem realizou um épico inesquecível de patriotismo e esperança. "Existe algo místico dentro de todos nós, americanos", disse o astro, numa das entrevistas para promover seu trabalho. "*O Mensageiro* é sobre essa força, esse espírito americano, que nos faz lutar pelo que é certo." Mesmo com a malhação generalizada da imprensa, Kevin acredita de coração nos princípios e na mensagem que defende em seu filme, e em nenhum momento admite o quanto o conceito por trás de *O Mensageiro* é bizarro.

Em sua defesa saiu o autor do livro em que a produção se inspira, David Brin, que levantou a voz contra a impiedade da crítica, acusando os detratores do filme de fazer parte de um complô cínico contra as instituições americanas. Mas só um cego deixaria de enxergar em *O Mensageiro* um filme ruim e megalomaníaco, resultado da imposição e da vaidade de um astro a quem falta a humildade de reconhecer suas próprias limitações.

José Emilio Rondeau

O importante é ter amigos: Kevin vaga pela América desolada com o único acompanhante que entende suas idéias

Warner

O mensageiro

Patriotismo exagerado enterra o filme de Costner

É impossível não comparar *O Mensageiro* a *Waterworld*, a aventura pós-apocalíptica que quase acabou com a carreira de Kevin Costner. Como na ficção dirigida pelo seu ex-amigo Kevin Reynolds, Costner interpreta um nômade egoísta e sem nome, que vaga por uma terra desolada preocupado apenas com sua própria sobrevivência – e que se torna um involuntário e incômodo agente da esperança.

Mas parece que o único incapaz de enxergar uma similaridade tão perigosa foi o próprio astro. Narcisista, Costner dirigiu este seu novo trabalho como se estivesse olhando para um espelho, empurrando para a platéia uma centena de closes do protagonista olhando para o horizonte, apoiado por um roteiro infantil e acompanhado pela terrível trilha sonora "épica" de James Newton Howard.

Mesmo assim, *O Mensageiro* não é o filme tão terrível que a imprensa americana impiedosamente destruiu, e sim uma aventura sem rumo, longa demais e que não deveria, em hipótese alguma, se levar tão a sério. Embora a mensagem de esperança que o roteiro tenta passar seja ingenuamente genuína, falta ao público a empatia para acreditar que um carteiro pudesse ser um símbolo de esperança, capaz de salvar da tirania um país devastado.

Se para o platéia americana já foi difícil engolir o excêntrico e patriótico *O Mensageiro*, imaginem como os atos heróicos do protagonista serão recebidos no Brasil. Agora, só resta saber como é que Kevin Costner vai se livrar de mais um fracasso.

Roberto Sadovski

(The Postman, EUA, 1997) ***Direção*** *Kevin Costner* ***Com*** *Costner, Will Patton, Larenz Tate, Olivia Williams, James Russo, Daniel von Bargen, Tom Petty, Scott Bairstow. 177 min*

CHAME ESSE PESSOAL PARA PULAR A FOGUEIRA COM VOCÊ

OFERTA

Aristogatas

R$ 24,90

A Dama e o Vagabundo

R$ 25,90

Toy Story R$ 9,90

Volta ao Mundo c/ Timão e Pumba

R$ 24,90

Jantando Fora Timão e Pumba

R$ 25,90

Robin Hood

R$ 24,90

Mogli o Menino Lobo

R$ 24,90

Os Filhotes da Selva

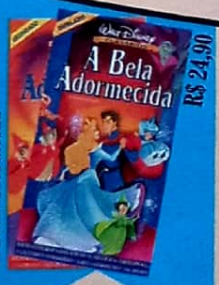
R$ 24,90

101 Dálmatas

R$ 24,90

Os Três Porquinhos

R$ 24,90

A Bela Adormecida


R$ 24,90

Oliver e sua Turma

R$ 25,90

Bernardo e Bianca

R$ 25,90

101 Dálmatas - O Filme

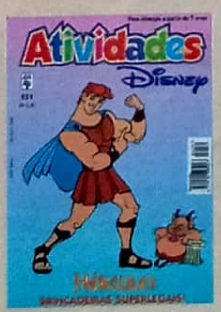
R$ 24,90

Gasparzinho

R$ 24,90

Hércules - R$ 23,90

Compre o filme Hércules
e ganhe uma revista
cheia de brincadeiras



Entrega via Sedex, despesas por conta do destinatário.

Faça já o seu pedido

(011) 290 0811

E-mail: jointvideo@jointvideo.com.br

Site: http://www.jointvideo.com.br

JOINTVIDEO
CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO/SP - FONE/FAX:(011) 290 0811

Ofertas válidas enquanto durarem os estoques.

▲ Em *Carruagens de Fogo*, de 1981, o missionário escocês Eric Liddell queria ganhar as Olimpíadas de 1924 em honra a Deus – que, acreditava, o havia feito rápido o bastante para alcançar tal meta. Mas só a ajuda divina não bastaria para transmitir a velocidade do esportista: era preciso contar com a impressionante fotografia de David Watkin e a música sintetizada de Vangelis – até hoje, sinônimo de disputa atlética na televisão.

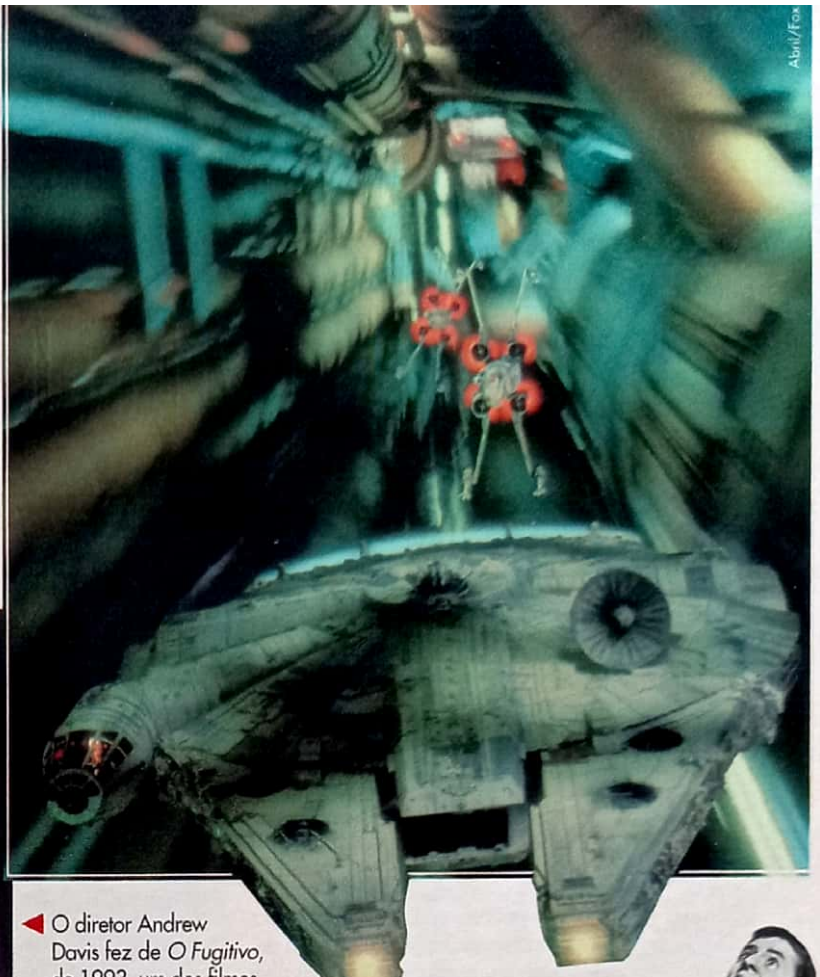
cinema em mo

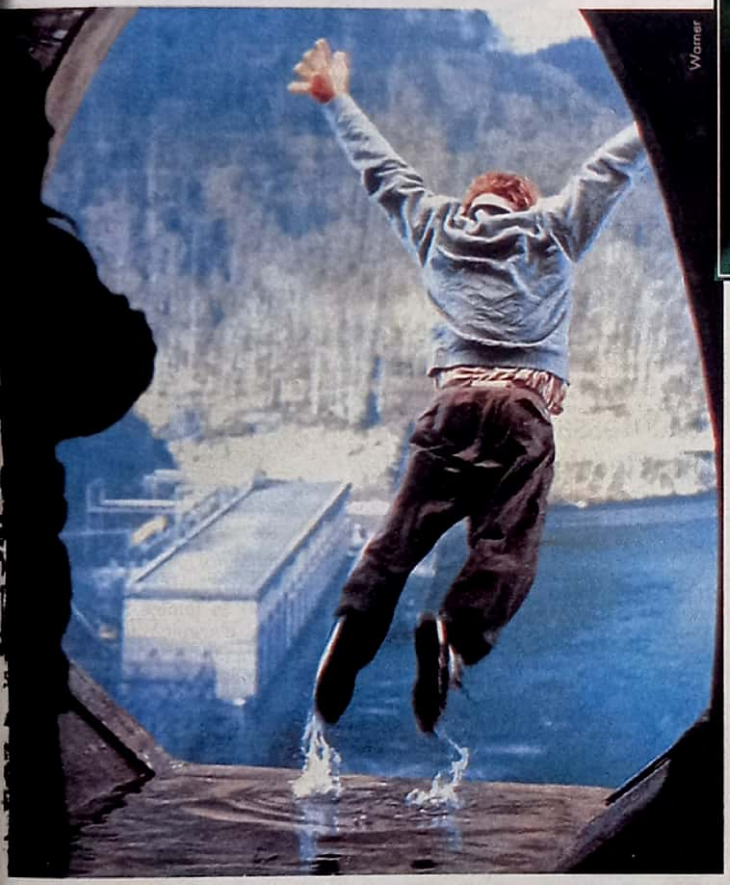
uma

Reprodução

Muito antes de haver efeitos especiais ou dublês, artistas como Bartolomeo Pagano já sabiam criar vôos diante das câmeras: a solução era ser meio ator, meio acrobata. Em *Maciste Alpino*, de 1916, o italiano encarna mais uma vez o herói que o tornou popular, mandando para os ares um soldado inimigo na base de um bem colocado pontapé.

Se há uma lição que George Lucas ensinou com sua trilogia *Guerra nas Estrelas* foi como imprimir um ritmo vertiginoso às cenas de ação. Em *O Retorno de Jedi*, lançado em 1983, as batalhas espaciais ganham nova dinâmica no clímax do filme, quando a câmera do diretor Richard Marquand se move freneticamente no espaço. A fuga da nave Millenium Falcon, saindo de uma Estrela da Morte prestes a explodir, é exemplar: com as paredes borradas pela velocidade, a cena é mais eletrizante do que qualquer passeio de montanha-russa.


Abril/Fox


Warner

O diretor Andrew Davis fez de *O Fugitivo*, de 1993, um dos filmes mais acelerados do cinema – por isso a cena em que Harrison Ford pára na beira de um túnel, com dezenas de metros de queda livre à sua frente, deixa qualquer um de dentes trincados. Quando Ford se atira no vazio, só uma palavra pode descrever a sensação: uau!

Reprodução

Certo dia, em 1946, dois comediantes pé-de-chinelo se conheceram e decidiram somar forças. Só erraram na conta, que deveria ser de multiplicação. Juntos, Joseph Levitch e Dino Crocetti (ou Jerry Lewis e Dean Martin) viraram sucesso imediato no palco, na TV e em dezoito filmes. Dez anos depois, a dupla enfrentava uma separação litigiosa, que rendeu desaforos recíprocos. Nada, porém, apaga a euforia contagiante de momentos como este.

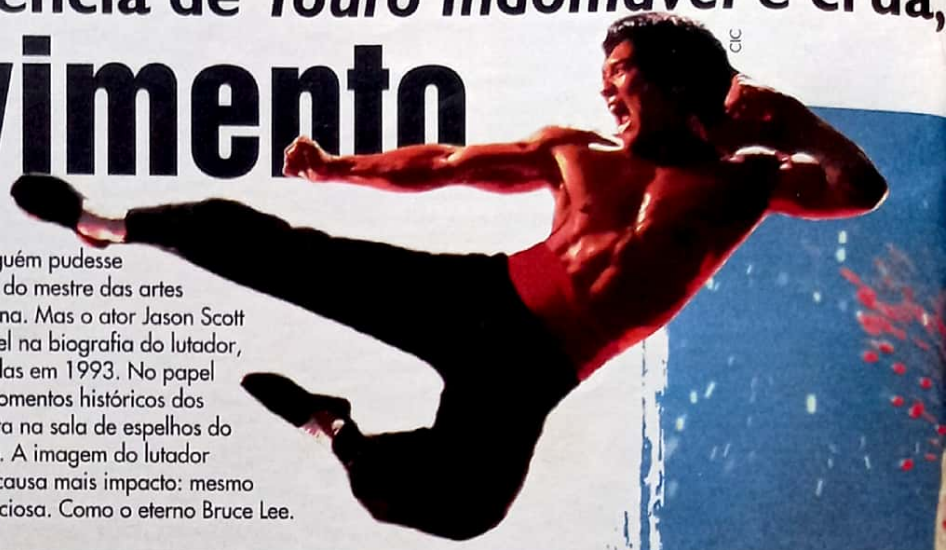
nomenagem aos artistas que fazem as *moving pictures* merecer seu nome

vimento

cinema em movimento

Gotas de sangue que podem ser a

violência de *Touro Indomável* é crua,



CIC

▶ Parecia impossível que alguém pudesse reproduzir os movimentos do mestre das artes marciais Bruce Lee na telona. Mas o ator Jason Scott Lee realizou o inimaginável na biografia do lutador, *Dragão*, que chegou às telas em 1993. No papel de Bruce, Jason recriou momentos históricos dos filmes de ação, como a luta na sala de espelhos do clásico *Operação Dragão*. A imagem do lutador congelada no ar é a que causa mais impacto: mesmo estática, é dinâmica e graciosa. Como o eterno Bruce Lee.

▶ Cega e surda, a menina Hellen Keller luta com sua tutora, Annie, que por sua vez também mal é capaz de enxergar: feita com honestidade visceral e repleta de emoções cruas, esta impressionante seqüência de oito minutos de duração é um dos muitos pontos altos de *O Milagre de Annie Sullivan*, de 1962, no qual Anne Bancroft e Patty Duke reprisaram os papéis que haviam tornado famosos na Broadway, novamente sob a direção de Arthur Penn. Apesar de a trama vir do teatro, aqui há cinema para dar e vender.

United Artists

Reprodução

Reprodução

▲ Faroeste que se preze tem de ter uma boa briga de bar, com muita cadeira quebrada e um barman que não leva desaforo para casa – como esta que animou *Ginetes Intrépidos* (o incrível batismo nacional para *The Rounders*), estrelado pelos veteranos Henry Fonda e Glenn Ford em 1965.

té contadas: a
mas não gratuita

▲ Voou testosterona para todos os lados quando dois dos mais respeitáveis machos do cinema, Charlton Heston e Gregory Peck, se encontraram em *Da Terra Nascem os Homens*, de 1958. De imparcial, porém, o diretor William Wyler não tinha nada: saiu ganhando Peck, que, com este soco caloroso, deixou bem claro que os almofadinhas da cidade grande podem ser tão bons de briga quanto os mais rústicos caubóis.

▶ Não basta chutar; tem de ser com arte. Aquilo que o técnico Zagallo deveria ensinar aos jogadores da seleção o diretor Clint Eastwood já sabe faz tempo, como demonstra nesta cena de *O Estranho Sem Nome* – que, lançado em 1973, ajudou a estabelecer Clint como cineasta de respeito. Não sem razão a violência de seu filme é tão explícita: a censura americana acabava de passar por mudanças que a tornariam bem mais tolerante do que nos velhos tempos.

◀ Martin Scorsese não é apenas um dos maiores cineastas vivos – é também um mestre dos detalhes. As bolas de sinuca em close em *A Cor do Dinheiro*. O ritmo cada vez mais acelerado, acompanhando o vício de Ray Liotta, em *Os Bons Companheiros*. E as magníficas lutas de boxe de *Touro Indomável*, de 1980. Não é só a movimentação ligeira de Robert De Niro que torna a cena vertiginosa e angustiante: quem consegue ver esse soco certeiro sem esboçar nenhuma reação? Dá até para contar as gotas de sangue. Scorsese é assim: com ele, nenhuma violência é gratuita. Mas é sempre crua.

◀ *Accatone – Injustiça Social*, de 1961, é o filme de estréia do diretor Pier Paolo Pasolini, mas revela já à primeira vista que o polêmico italiano havia mesmo nascido para o ofício: filmado com amadores, sempre em locação, ele expressa de forma agressiva, espontânea e claustrofóbica o terrível vazio que domina a vida de jovens compelidos a ganhar a vida com cafetinagem, extorsão e outros truques baixos. E, às vezes, essa energia reprimida dos personagens explode sem aviso prévio, como nesta cena de briga em um café.

Indiana Jones é um arqueólogo que não consegue ficar parado. Ele está sempre enfiado em algum lugar bizarro do mundo em busca de artefatos valiosos – e invariavelmente se mete em encrencas. Em *Caçadores da Arca Perdida*, uma briga entre o durão Indy e um gigante nazista ganha outra dimensão: é ágil, dinâmica e muito engraçada. Os culpados são dois sujeitos acima de qualquer suspeita: Harrison Ford, que nasceu para interpretar o personagem, e Steven Spielberg, que faz miséria quando tem o roteiro certo nas mãos. Que venha a quarta aventura! ◀

cinema em movimento

Onde há prados ou poeira tem de um animal que o cinema não se can

Abril/Fox

▲ Quem se importa com realismo e bom senso quando o assunto é segurar a platéia na poltrona do cinema? Roland Emmerich sabia bem disso quando fez *Independence Day*. Cidades em ruínas! O futuro da humanidade em risco! Cada detalhe é exagerado até o limite, sempre com o objetivo de conseguir o efeito mais fantástico. E nada é mais claustrofóbico do que a parede de fogo avançando pelo interior de um túnel e destruindo o que estiver pela frente. O cachorrinho se salvou? Beleza – ele foi mais esperto.

John Huston tinha olho clínico para encontrar a cena certa, aquela que, sozinha, traduzia o que cabia a todas as outras juntas dizer. *Os Desajustados*, de 1961, é uma rara coleção de momentos únicos e ao mesmo tempo entrosados. Mas poucos são tão belos como a imagem em que o velho caubói Clark Gable doma um cavalo selvagem – sem dublê –, sabendo que ambos, ele e o animal, estão fadados à extinção. Uma magnífica saída de cena para o astro Gable, que morreu pouco depois das filmagens.

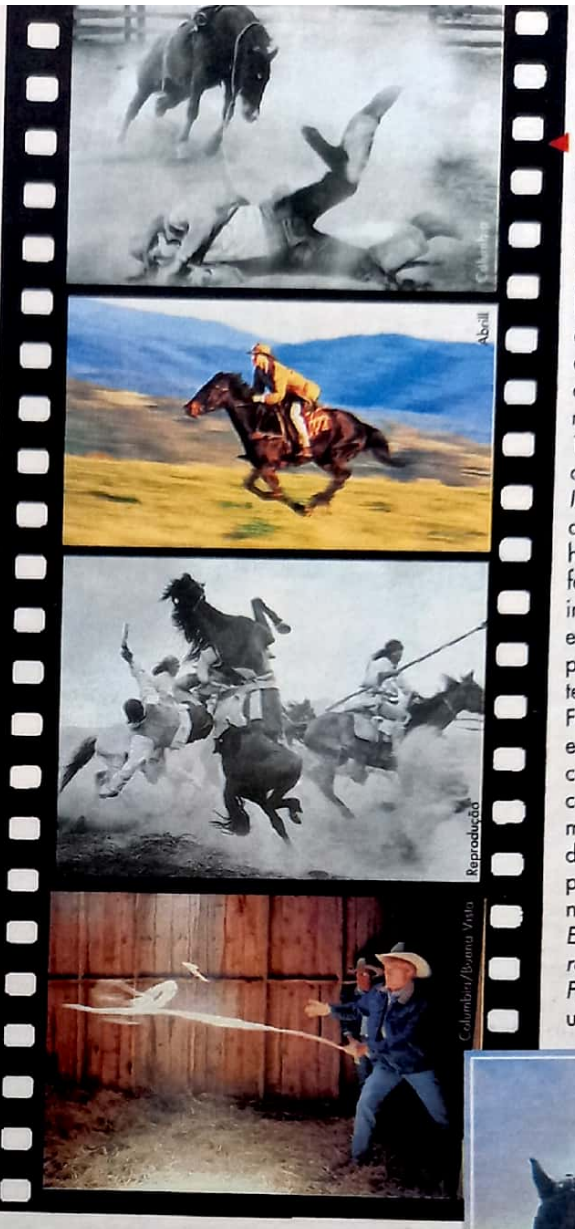
Abril/Fox

▲ Parece que não são somente balões que sobem ao céu quando alimentados por ar quente: em *Volcano – A Fúria*, bombeiros são arremessados para cima – talvez não com a mesma graça, mas com o mesmo impacto visual. É a regra de ouro dos filmes-catástrofe: quando o roteiro é uma bomba, capriche nas imagens. E nada como um vulcão furioso – de preferência, explodindo no meio de Los Angeles – para deixar os técnicos em efeitos especiais ocupados.

▲ "Uma relíquia da Guerra Fria." É assim que a chefe do agente secreto James Bond se refere a ele em *007 Contra Goldeneye*, o filme que relançou o personagem nos anos 90. Mas Bond nem liga para a falta dos velhos inimigos soviéticos – a fórmula antiga foi substituída por seqüências bombásticas, que não dão tempo ao público de perguntar quem é o inimigo. A mais legal é a perseguição em um tanque de guerra pelas ruas de São Petersburgo: 007 arrebenta paredes, destrói edifícios, atropela veículos e consegue um enfeite de capô de fazer inveja a qualquer Rolls-Royce: uma imensa estátua de bronze.

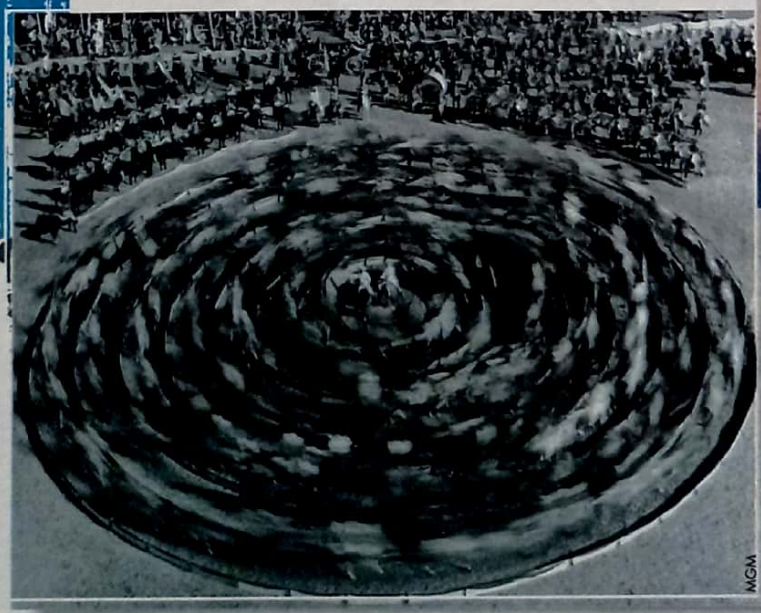
...haver um cavalo, ...a de fotografar

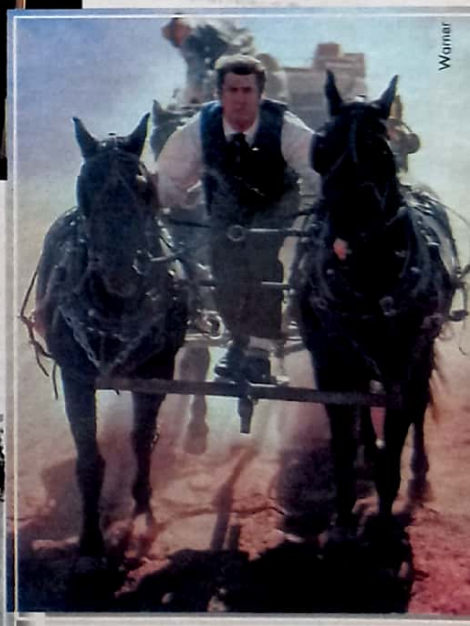
Depois que Hollywood foi invadida pelos diretores chineses de filmes de ação, sujeitos como Renny Harlin, de *Duro de Matar 2* e *Risco Total*, ficaram perdidos no tempo. Mas Harlin faz questão de provar que ainda não foi derrotado e constrói cenas de tirar o chapéu. Como esta, de *Despertar de um Pesadelo*, na qual Geena Davis e Samuel L. Jackson parecem flutuar enquanto as chamas de uma explosão correm atrás deles.



Onde há prados ou poeira tem de haver um cavalo – e o cinema não se cansa de atender a esse pedido. No caso de *Como Nasce um Bravo*, Glenn Ford parece que levou a pior; mas o tombo espetacular é parte da rotina de um domador experiente como o que ele interpreta neste refinado western de 1958. Sofisticação não é bem a meta do australiano *Fúria Indomável*, de 1988: a idéia aqui é oferecer o mínimo de história e o máximo de fotogenia, obtida por meio de infalíveis tomadas de animais em pleno galope. Poucas pessoas entendiam tanto do tema, porém, quanto John Ford, um gênio de incrível estatura que sabia domar cenas como ninguém – é só conferir este espantoso momento de *Sangue de Herói*, de 1948. Já Robert Redford parece ter inaugurado uma nova tendência com *O Encantador de Cavalos* (leia resenha na seção Novos Filmes): a de usar o laço como um verdadeiro mestre Jedi.

Esta imagem dá até vertigem: trata-se do clímax de *Bonita e Valente*, musical que George Sidney dirigiu em 1950. No meio da impressionante roda de cavaleiros estão os atores Howard Keel e Betty Hutton. Originalmente escrita para o teatro, a história acompanha um show itinerante com caubóis e índios. E a cena prova que o cinema tem mesmo vocação para revelar aquilo que, sozinho, o olho não pode ver.





Mel Gibson nem pestanejou: ele se recusou a usar seu dublê nesta cena de *Maverick*, divertido faroeste cômico de 1994. Por obra das maravilhas técnicas do cinema, a tarefa nem foi tão difícil assim: a câmera deslocou-se numa velocidade menor que a habitual, mas a impressão, nas telas, é a da mais precisa acrobacia, pois a seqüência foi acelerada para passar a impressão de perigo.

cinema em movimento

Música forte e coreografias vigoro que fizeram de *Amor, Sublime Amor*

Reprodução

Alguns truques básicos fazem milagres: com câmeras bem posicionadas e um cenário rigorosamente desenhado, o filme *Núpcias Reais (à esquerda)*, de 1951, eliminou a gravidade e levou o soberbo dançarino Fred Astaire a literalmente subir pelas paredes, continuando a coreografia no teto. Nada, porém, que exigisse muito esforço de Astaire, mestre absoluto dos movimentos charmosos e de uma leveza que só ele era capaz de sustentar.

MGM

Um dos musicais da Metro mais conhecidos e queridos do grande público, *Sete Noivas para Sete Irmãos*, realizado em 1954, ficou famoso pelos constantes desafios entre os irmãos Pontipee, que exigiam um vigoroso jogo físico. Nesta cena, a atriz Jane Powell, que interpreta Milly, ensina os cunhados como dançar adequadamente quando a intenção é cortejar uma garota. Como se vê, hoje não se paquera mais como antigamente...

sas: os segredos um marco

Reprodução

Jean Renoir mostra que, embora preferisse a tela de cinema à tela de pintura que seu pai, o impressionista Auguste, usava tão bem, a arte estava mesmo no sangue. Em uma cena prosaica de *Le Crime de M. Lange*, de 1935, não há uma única atriz que possa ser acusada de estar fora da fina sintonia de movimentos orquestrada pelo genial diretor francês – que tinha nessas tomadas múltiplas, com grande profundidade de foco, uma de suas marcas registradas.

É verdade que a ventania estava forte, mas voar já é outro assunto. Não, porém, para Mary Poppins, personagem que Walt Disney e a atriz Julie Andrews eternizaram num irresistível musical familiar concluído em 1964. Recorrendo a guarda-chuvas desobedientes e sobretudos esvoaçantes, o filme colocou humor e magia a serviço de imagens inesquecíveis, tanto que o filme levou o Oscar de efeitos especiais. Poucas vezes o cinema se rendeu tão francamente à fantasia.

Warner

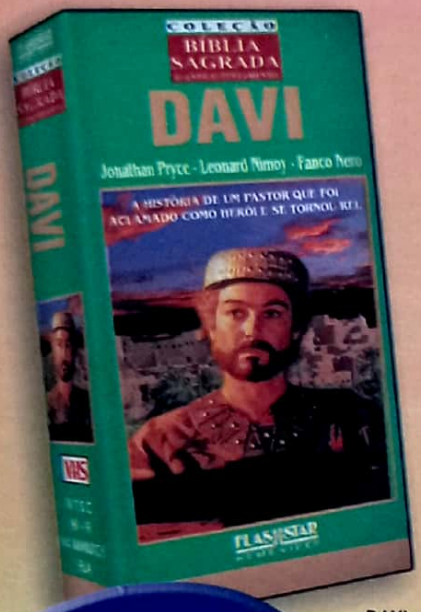
Warner

Reprodução

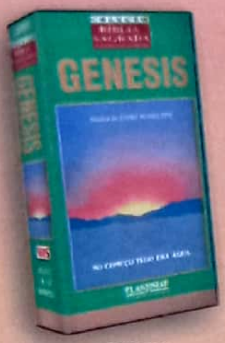
"O filme é como um campo de batalha: há amor, ódio, ação, violência, morte... Em uma palavra, emoção", versou o diretor Samuel Fuller sobre *O Demônio das Onze Horas*, que Jean-Luc Godard rodara em 1965, quando já se havia estabelecido como um dos mais revolucionários nomes da nouvelle vague francesa. É uma descrição justa como uma luva para a vertiginosa jornada empreendida por Jean-Paul Belmondo e Anna Karina, vistos aqui num momento de crise: um crime, um flagrante, uma dúvida...

Não é difícil explicar por que *Amor, Sublime Amor* revolucionou o gênero quando foi lançado, em 1961. A música de Leonard Bernstein é forte, jovem e flerta com o jazz; e as coreografias de Jerome Robbins foram brilhantemente transportadas dos palcos da Broadway – onde foram encenadas pela primeira vez, em 1957 – para as telas. Com essa combinação, o Romeu e Julieta nova-iorquino só podia dar no que deu: uma obra-prima. Acima, vêem-se os Jets, os americanos que estão no lugar dos Capuletos, dominando uma rua de Nova York. E, à direita, Rita Moreno lidera um grupo de porto-riquenhas (fazendo as vezes da porção feminina da família Montecchio) dançando no topo de um prédio, ao som da clássica "America".

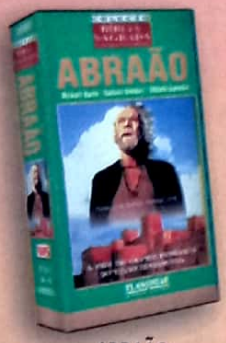
Se você não viu os filmes da Coleção Sucessos de Cinema.



DAVI



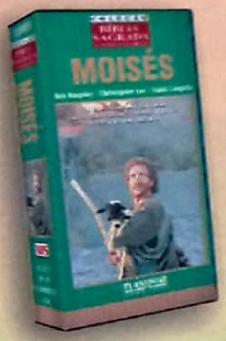
GENESIS



ABRAÃO

JACOB

JOSÉ



MOISÉS

SANSÃO E DALILA

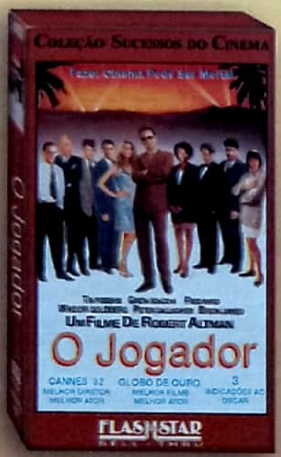
COLEÇÃO BÍBLIA
APENAS R$ 19,90
POR FITA

Você ainda não viu nada!

IMPERDÍVEL
R$ 14,90 cada

MOMENTOS DECISIVOS

TOTALMENTE SELVAGEM



O JOGADOR

A ERA DO RÁDIO

CONSULTE-NOS SOBRE OUTROS TÍTULOS

LUA DE MEL ASSOMBRADA

A VENDA NAS REDES

HOBBY VÍDEO - VÍDEO NORTE PREMIERE VÍDEO - VIDEO IN - JOINT VÍDEO

OU LIGUE GRÁTIS

0800 16-9911

COMPRAS ATÉ 5 FITAS
SEDEX COBRADO A PARTE

FLASHSTAR HOME VIDEO

NOVOS *filmes*

SEGREDOS do PODER

SET RECOMENDA

Travolta interpreta (mas não muito) Bill Clinton nesta ótima sátira do diretor de *The Birdcage*

PlayArte

John Travolta como Jack Stanton, o mulherengo candidato à Presidência dos EUA: qualquer semelhança com Bill Clinton não é mera coincidência

Algo de estranho está acontecendo quando a ficção fica cada vez mais parecida com a realidade. A comédia *Segredos do Poder*, na qual John Travolta interpreta um candidato à Presidência americana *muito* parecido com Bill Clinton, chegou às telas ianques bem no meio da avalanche de escândalos sexuais que há meses envolve o homem mais poderoso do mundo. E, enquanto Travolta cumprimentava eleitores e se esquivava de escândalos sexuais na telona, Clinton respondia, sob juramento, se tinha ou não pedido para uma certa mulher beijar seu pênis quando ainda era governador do Arkansas.

Segredos do Poder é a adaptação do best-seller *Cores Primárias*, escrito por um certo "Anônimo" – que, após muita especulação e alguma investigação, se descobriu ser o jornalista Joe Klein. O *roman-à-clef* de Klein satirizava a campanha presidencial de Clinton de 1992, criando uma história que, para todos os efeitos, era fictícia, embora batesse de frente com a realidade. A versão em celulóide, dirigida por Mike Nichols, coloca John Travolta na pele do governador Jack Stanton, um político populista casado com uma advogada implacável (Emma Thompson, exibindo um perfeito sotaque americano) e assessorado por uma legião de colaboradores – alguns especializados em operar no palanque, outros nas sombras.

Stanton, apesar do sorriso digno do *Domingo Legal*, está longe de ser o mais santo dos homens, como prega sua publicidade. Na verdade, o candidato pula a cerca compulsivamente – e, numa dessas, acaba sob acusação de ter engravidado a filha adolescente de um amigo, fato abafado por seus articuladores. Ao mesmo tempo, Stanton se esmera em exumar os podres de seus oponentes à vaga na Casa Branca, em especial os do governador Fred Picker (Larry Hagman, de *Dallas*, numa interpretação sóbria e corretíssima), um homem íntegro que se torna a única ameaça real à vitória de Stanton.

Mesmo com o conteúdo venenoso – e com o *timing* perfeito do lançamento no auge dos escândalos presidenciais –, *Segredos do Poder* não pinta um retrato feio de Clinton. Pelo contrário: além de Travolta não se cansar de declarar em público o quanto admira o presidente, seu Jack Stanton serve para lembrar ao público americano tudo o que mais adora no presidente, ao mesmo tempo que trata seus "escorregões" com um bom humor delicioso. Explica-se: na visão muito lúcida de Mike Nichols, o que o público raramente entende sobre um grande líder é que o mesmo desejo que faz dele um vitorioso na política o torna um conquistador em outros aspectos de sua vida – como o sexual. "As pessoas tendem a dividir essas facetas em 'boas' e 'ruins'. Mas elas são parte da mesma vitalidade", defende.

No final, fica óbvio que, apesar do cinismo com que desvenda os bastidores de campanha e as maracutaias que políticos têm na manga para eleger um candidato ou jogá-lo na lama, *Segredos do Poder* não é um documentário. E, mesmo com a cara de Clinton na TV a cada semana, não pode ser levado ao pé da letra: é apenas um filme. E dos bons.

(Primary Colors, EUA, 1998) **Direção**: *Mike Nichols.* **Com** *John Travolta, Emma Thompson, Billy Bob Thornton, Adrian Lester, Kathy Bates, Maura Tierney, Paul Guilfoyle, Larry Hagman. 143 min.*

Warner

John Cusack e Kevin Spacey: assassinato e excentricidades em Savannah

MEIA-NOITE NO JARDIM DO BEM E DO MAL

O diretor Clint Eastwood derrapa com a irregular adaptação do festejado best-seller de John Berendt

Despachado para a pequena – mas movimentada – cidade de Savannah, na Geórgia, o jornalista John Kelso (John Cusack) encontra uma história bem mais saborosa do que a festa que iria cobrir para a revista *Town & Country*: um crime na alta sociedade. Poucas horas depois de seu rega-bofe anual, o *marchand* Jim Williams (Kevin Spacey) mata com dois tiros seu amante, e alega legítima defesa. A polícia tem lá suas dúvidas, o indicia por assassinato, e a cidade entra em polvorosa. "Nova York é um tédio perto daqui", promete Kelso para seu editor.

Pena que essa promessa não chegue a se cumprir. Dirigido com certa lentidão e foco difuso por Clint Eastwood, *Meia-Noite* oscila entre um painel das esquisitices perpetradas pelos moradores locais e um hesitante filme de julgamento. A decepção é mais aguda quando se levam em conta os dois ótimos atores à frente do elenco e, principalmente, a enorme expectativa criada pelo sucesso do livro em que o filme se baseia.

Meia-Noite, o best-seller, foi definido como um relato saboroso das excentricidades de Savannah. Nome do autor: John Berendt, jornalista nova-iorquino. Não é mentira, porém também não é toda a verdade. E não se justifica que dois sujeitos èxperientes como Eastwood e o roteirista John Lee Hancock comprem a história exatamente como ela foi vendida, sem se perguntar se é essa mesmo a razão de tanto furor em torno de um livro. Afinal, gente esquisita existe em qualquer parte do mundo, mas o que havia lá em Savannah no momento do crime – e o que fazia toda a diferença – era o próprio Berendt. No livro e na fama que ele lhe trouxe, o autor espertamente disfarçou-se de observador casual e acidental – ainda que oportuno – desses acontecimentos. Mas a verdade é que a graça do que é narrado está toda em seu olhar, a um só tempo malicioso e cavalheiresco.

Por que cargas-d'água, então, John Berendt no filme virou John Kelso, observador passivo e personagem tecnicamente secundário? Não se trata somente de desperdício flagrante do talento de John Cusack. Trata-se, principalmente, de roubar ao filme seu melhor personagem: o cínico, gentil, discreto e inteligente John, seja ele Berendt ou Kelso, tão esperto que conseguiu devassar a intimidade de Savannah sem vulgarizá-la. Por isso, quando um fã do livro reclamar que a versão para a tela grande cortou essa, aquela e aquela outra cena ainda, você já sabe – é de John Berendt que ele está sentindo falta. Mesmo que não saiba.

(Midnight in the Garden of Good and Evil, EUA, 1997) ***Direção****: Clint Eastwood.* ***Com*** *Kevin Spacey, John Cusack, Jack Thompson, The Lady Chablis, Alison Eastwood, Irma P. Hall, Jude Law. 155 min.*

Nem os ótimos Kevin Spacey e John Cusack salvam da decepção o novo trabalho de Clint Eastwood

SET RECOMENDA O APÓSTOLO

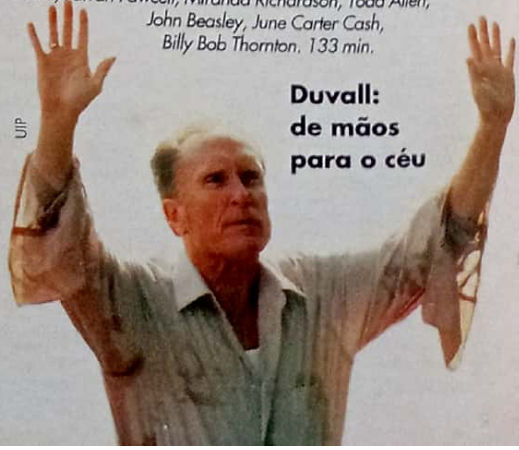
Robert Duvall deve ter recebido inspiração divina ao conceber o drama *O Apóstolo*. Um dos melhores atores americanos em atividade, ele passou quatorze anos batendo à porta dos estúdios de Hollywood em busca de financiamento para o filme. A resposta foi uma só: não. Finalmente, o astro de clássicos como *O Poderoso Chefão* quebrou uma regra silenciosa que vigora entre sua classe e investiu as próprias economias para bancar o projeto de 5 milhões de dólares.

O resultado desse calvário é nada menos que brilhante. Dirigido, escrito, produzido e protagonizado por Duvall, *O Apóstolo* é um belo retrato da redenção pela fé, mostrando como os homens que têm a iluminação para levar a palavra do criador à massa também podem ser falíveis.

Duvall é o pastor Sonny, a luz de sua congregação, no Texas. Quando está possuído pelo Espírito Santo, Sonny canta e dança de alegria, contagiando os que buscam conforto e elevando as almas caídas em tentação – menos a sua. Em casa, é um homem amargo e inseguro, que arrebenta outro pastor com um taco de beisebol quando desconfia que o sujeito está se engraçando com sua mulher, Jessie – numa atuação surpreendente da ex-pantera Farrah Fawcett. O jovem entra em coma, e o pregador decide fugir. Na estrada, Sonny tem uma revelação e passa a se chamar simplesmente "O Apóstolo". Refugiado em uma comunidade negra da Louisiana, cai nas graças dos fiéis locais por sua bondade e se dedica a rever os princípios de sua fé – mas sempre à espera da inevitável chegada da lei.

Moral da história: quando o filme passou a receber elogios fervorosos, os estúdios saíram no tapa pelos direitos de distribuição. Enquanto isso, Duvall, 67 anos e amante do tango, descansa sossegado por ter cumprido sua missão divina.

(The Apostle, EUA, 1997) ***Direção****: Robert Duvall.* ***Com*** *Duvall, Farrah Fawcett, Miranda Richardson, Todd Allen, John Beasley, June Carter Cash, Billy Bob Thornton. 133 min.*



UIP

Duvall: de mãos para o céu

Columbia Buena Vista

SEGREDO DE SANGUE

As infames piadas de sogra ganham outra dimensão com o suspense *Segredo de Sangue*. A vítima desta vez é Helen (Gwyneth Paltrow), a jovem nora de Martha (Jessica Lange). Obcecada por seu filho Jackson (Johnathon Schaech), Martha faz com que o casal troque Nova York pelo haras onde mora para controlar cada passo de Helen. Na verdade, o que a sogra do mal quer é que a moça seja rapidamente despachada deste mundo, para viver feliz para sempre com o filho e o neto que está para nascer.

Depois de uns quarenta minutos decentes, o diretor Jonathan Darby perde o controle do filme, que percorre cada um dos mais batidos clichês do suspense até o clímax... que não existe! No momento-chave, tudo é resolvido num piscar de olhos, sem impacto nenhum. Enquanto o público espera que algo de interessante aconteça, sobem os créditos e as luzes do cinema se acendem. Vai entender.

(Hush, EUA, 1998) ***Direção****: Jonathan Darby.* ***Com*** *Jessica Lange, Gwyneth Paltrow, Johnathon Schaech, Nina Foch, Debi Mazar, Kaiulani Lee, David Thornton, Hal Holbrook. 96 min.*

TEMPESTADE

Warner

Slater e Freeman: encharcados

Morgan Freeman tem mais o que fazer do que ficar se metendo em besteiras do porte de *Tempestade*. Inicialmente chamado *The Flood* ("A Inundação"), o filme mostra uma cidade que borbulha embaixo d'água durante uma tempestade, ao mesmo tempo que vira palco do jogo de gato-e-rato entre o guarda de um carro-blindado (Christian Slater) e um ladrão esperto (Morgan Freeman). Adicione uma restauradora de igrejas (Minnie Driver), um delegado meio suspeito (Randy Quaid) e 3 milhões de dólares e a confusão está formada.

Mas o "roteiro" é o que menos importa. Quanto mais os atores afundam na água, mais o filme desce junto com eles. Entre perseguições de jet-ski e diálogos preciosos como "Eu sei para onde ele vai, o que quero saber é de onde ele veio!", qualquer um que agüente mais de meia hora dessa patetada pode considerar-se um herói. Ou um masoquista.

(Hard Rain, EUA, 1998) ***Direção****: Mikael Salomon.* ***Com*** *Morgan Freeman, Christian Slater, Randy Quaid, Minnie Driver, Edward Asner, Michael A. Goorjian, Dann Florek. 95 min.*

Columbia Buena Vista

Robert Redford: baldes de lágrimas

O ENCANTADOR DE CAVALOS

O novo filme do astro Robert Redford exagera na glicose e vira um irritante espetáculo de lágrimas

Robert Redford adquiriu os direitos do romance *The Horse Whisperer* quando ainda era uma obra inacabada do escritor Nicholas Evans. Depois que o livro se tornou um best-seller, Redford o escolheu para ser o primeiro filme no qual assumiria a tarefa dupla de ator e diretor. A boa notícia para os fãs do livro é que Robert se manteve fiel à trama e ao tom. Mas os que torceram o nariz para o excesso de glicose da fábula que contrapõe a vitalidade, a pureza e a simplicidade da vida no campo à dureza e à neurose das grandes cidades ficarão mais enjoados ainda com a xaropada em que se tornou *O Encantador de Cavalos*.

O pivô da história é um acidente eqüestre que fere gravemente a jovem Grace (Scarlett Johansson), filha única de Annie MacLean (Kristin Scott Thomas, de *O Paciente Inglês*), a rica editora de uma revista nova-iorquina. Aparentemente, a jornalista se importa mais com o animal do que com a filha, pois, ao perceber o sofrimento e o desajuste provocados na moça pelo acidente, decide que a melhor cura é pegar o cavalo – que se encontra à beira da morte e da loucura – e entregá-lo aos cuidados do especialista, ou "encantador de cavalos", Tom Booker (Robert Redford), que vive numa belíssima fazenda em Montana.

Embora Grace acompanhe a mãe a contragosto, o convívio com Tom não apenas revive o animal, batizado Pilgrim (ou "Peregrino"), como serve de análise para a garota e reacende na mãe a chama do amor, que há muito tempo desaparecera de seu relacionamento com o marido (Sam Neill). Como era de esperar, mãe e filha se encantam com o rústico e cativante Tom Booker, mas o romance entre o mago dos cavalos e a jornalista tem conseqüências trágicas – um clímax calculado para deixar a platéia em prantos.

O filme tem uma qualidade – o cavalo Pilgrim –, mas esbarra em obstáculos visíveis. A personagem de Kristin é tão egoísta que fica difícil suportá-la, e o irritante narcisismo de Redford (comparável apenas ao de Barbra Streisand) atrapalha a fluência da história. Quando ele diz que ama Annie, tem a convicção de um mau ator obrigado a mentir no tribunal. Se dessem a ele um espelho para contracenar, talvez a cena soasse mais convincente.

(The Horse Whisperer, EUA, 1998) ***Direção****: Robert Redford.* ***Com*** *Redford, Kristin Scott Thomas, Scarlett Johansson, Sam Neill, Dianne Wiest, Chris Cooper.*

Depois de ouvir um "não" dos grandes estúdios, Robert Duvall decidiu bancar com o próprio bolso o belo drama *O Apóstolo*

MY GIANT

Em 1987, quando fez *A Princesa Prometida*, Billy Crystal conheceu o ator André, o Gigante – um monolito humano de quase 2m24 de altura – e ficou impressionado com sua sensibilidade. André morreu em 1993, e Billy decidiu que era hora de contar sua história. Ou quase.

Em *My Giant*, Crystal é Sammy Cayman, um falido agente de Hollywood que, em uma viagem pela Europa, conhece o colossal Max (Gheorghe Muresan, jogador de basquete dos Washington Wizards), um gigante com alma de poeta, que gosta de declamar Shakespeare e chora por seu amor, que deixou o velho continente duas décadas antes. Sammy leva Max para a América, disposto a transformá-lo num astro, e lhe arranja uma ponta em um filme de Steven Seagal (interpretando a si mesmo, com surpreendente ironia).

Embora o grande charme de *My Giant* seja o simpático Muresan, Crystal, que escreveu o roteiro, teima em concentrar-se nos problemas existenciais de seu personagem. Quando chega o final lacrimoso, a graça já acabou faz tempo.

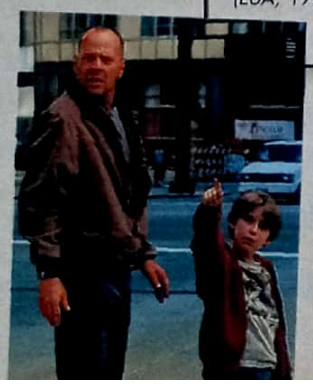
(EUA, 1998) **Direção**: *Michael Lehmann.* **Com** *Billy Crystal, Gheorghe Muresan, Kathleen Quinlan, Joanna Pacula, Zane Carney, Rider Strong, Harold Gould, Steven Seagal. 107 min.*

MERCURY RISING

Bruce Willis não consegue ver-se livre da sombra de *Duro de Matar*. Seja no Oeste americano dos anos 30 (*O Último Matador*), seja como um terrorista (*O Chacal*), seja no futuro (*O Quinto Elemento*), o marido de Demi Moore não vê como escapar da fórmula acelerada que ajudou a criar. E o thriller *Mercury Rising* não foge à regra.

Bruce é Art Jeffries, um agente federal fracassado que passa a ser o protetor de Simon Lynch (Miko Hughes), um garoto autista. Depois de decifrar um código de segurança milionário encondido num quebra-cabeça, Simon passa a ser perseguido por Nicholas Kudrow (Alec Baldwin), um superespião de Washington que apostou toda sua carreira na eficiência do tal código. Como não pode admitir o fracasso, mata os pais do moleque e parte atrás dele.

Mesmo driblando as armadilhas sentimentalóides que costumam vitimar os filmes do gênero, o diretor Harold Becker fez de *Mercury Rising* um thriller apenas razoável, que serve somente para matar a saudade dos fãs de Bruce Willis enquanto seu candidato a arrasa-quarteirão – a aventura *Armaggedon* – não chega.



(EUA, 1998) **Direção**: *Harold Becker.* **Com** *Bruce Willis, Alec Baldwin, Miko Hughes, Chi McBride, Kim Dickens, Robert Stanton, Bodhi Elfman. 114 min.*

Sorríam, rapazes: a juventude de Hollywood posa para a posteridade

Fox

THE NEWTON BOYS

Matthew McConaughey encabeça o elenco desta saga sobre os maiores ladrões da história americana

O jovem diretor texano Richard Linklater é conhecido por polaróides carinhosas e bem-humoradas da adolescência americana, sejam elas registros da década de 70 (*Jovens, Loucos e Rebeldes*), sejam de épocas mais recente (*Slacker*). Mas, para fazer *The Newton Boys*, seu primeiro filme para um grande estúdio, Linklater viajou ao passado e de lá trouxe a saga dos irmãos que ganharam fama e fortuna assaltando mais de oitenta bancos entre 1919 e1924.

O que distingue os irmãos Newton é o fato de não terem matado uma única pessoa durante sua lucrativa vida de crime, na qual raparam mais dinheiro do que Butch Cassidy & Sundance Kid, Jesse James e Bonnie & Clyde juntos. O filme, portanto, destaca-se por ser uma biografia de ladrões de muitos bons modos, na qual a violência é mantida em um nível quase inexistente. A ênfase recai sobre a história e os personagens, e não sobre a ação, com uma cuidadosa reconstituição de época realçada pela bela fotografia.

O núcleo do elenco, formado por Matthew McCounaghey, Vincent D'Onofrio, Ethan Hawke e Skeet Ulrich, até que passa por família de verdade. Há ainda adesões interessantes, como a do cantor country Dwight Yoakam, que representa um especialista em explosivos. O roteiro, por sua vez, explica a contento o raciocínio dos criminosos para justificar seus atos: já que os bancos estão segurados – e já que, no entender da gangue, as seguradoras são os piores bandidos do país –, trata-se do proverbial caso de ladrão que rouba ladrão.

O resultado, porém, não satisfaz: *The Newton Boys* se acomoda em um formato acadêmico e trivial, possivelmente por desejar manter fidelidade absoluta aos relatos que os irmãos concederam em 1973 ao repórter Claude Stamush, da revista *Life*. A aventura insossa só esquenta no final, quando os bandidos planejam e executam o audacioso assalto a um trem que transporta 3 milhões de dólares, que deverá encerrar a carreira criminosa da família. Ironicamente, o melhor do filme fica para depois que ele termina, quando vemos entrevistas com alguns dos verdadeiros irmãos Newton: mesmo no fim da vida – Joe tinha 74 anos ao ser entrevistado por Johnny Carson para o *Tonight Show*, e Willis já passava dos 86 quando deu o depoimento mostrado aqui –, os velhinhos são muito mais interessantes do que sua versão em celulóide.

(EUA, 1998) **Direção**: *Richard Linklater.* **Com** *Matthew McConaughey, Ethan Hawke, Skeet Ulrich, Vincent D'Onofrio, Julianna Margulies, Dwight Yoakam, Gail Cronauer, Jena Karam. 122 min.*

O melhor de *The Newton Boys* é a fidelidade à história dos irmãos que roubaram oitenta bancos americanos

UIP

Tim Allen e Kirstie Alley: comédia besta

NA RIQUEZA E NA POBREZA

É impossível pensar em um único motivo para que a comédia *Na Riqueza e na Pobreza* seja lançada no Brasil. O filme é protagonizado por Tim Allen e Kirstie Alley, que fizeram fama na televisão americana e são ilustres desconhecidos por estas bandas. Detalhe: nem sua notoriedade televisiva foi capaz de salvar o filme de uma bilheteria desastrosa nas telas gringas.

Tim e Kirstie fazem um casal ricaço de Nova York que, depois de uma imensa confusão com fiscais do imposto de renda – nos Estados Unidos, mais temidos do que o diabo em pessoa –, conseguem refugiar-se numa comunidade religiosa amish, disfarçados de primos distantes. Daí em diante, todas as piadas de fazenda imagináveis passam pela tela: a confusão para ordenhar vaca, a inevitável queda no chiqueiro, e por aí vai. É claro que, ao fim da tortura, os dois emergem "renascidos", trocando o esnobismo urbano pela satisfação do trabalho manual. Se é que sobrou alguém no cinema para ver o final.

(For Richer or Poorer, EUA, 1997) ***Direção****: Bryan Spicer.* ***Com*** *Tim Allen, Kirstie Alley, Jay O. Sanders, Michael Lerner, Wayne Knight, Larry Miller, Megan Cavanaugh.*

OS IRMÃOS CARA-DE-PAU 2000

Mesmo antes da morte de John Belushi, em 1982, a idéia de uma seqüência para *Os Irmãos Cara-de-Pau* já havia sido descartada. Dezoito anos depois, eis que Dan Aykroyd, a metade viva dos Blues Brothers, decide que o mundo está preparado para uma nova comédia recheada de perseguições e muita música.

Bem que o ator poderia ter idéias mais originais. O roteiro de *Os Irmãos Cara-de-Pau 2000*, escrito com o diretor John Landis, praticamente repete o primeiro filme. Aykroyd deixa a prisão disposto a continuar sua "cruzada divina". Ele quer reunir sua banda enquanto se esquiva da polícia, de um grupo neonazista e da máfia russa, levantar dinheiro num concurso e salvar um hospital. Tudo sem o charme do original, que, convenhamos, já envelheceu um bocado. Para os fãs de blues e soul, o filme é uma beleza. Aretha Franklin canta (de novo) "Respect", e há a participação de outras lendas vivas da música americana. Mas, para ouvi-las, bastaria comprar a trilha sonora.

(Blues Brothers 2000, EUA, 1998) ***Direção****: John Landis.* ***Com*** *Dan Aykroyd, John Goodman, Joe Morton, J. Evan Bonifant, Aretha Franklin, James Brown, B.B. King, Kathleen Freeman, Frank Oz, The Blues Brothers Band. 124 min.*

Mesmo sem ser eletrizante, *O Quarto Poder* mostra a enorme capacidade de manipulação da mídia sensacionalista

O QUARTO PODER

John Travolta vira joguete do repórter interpretado por Dustin Hoffman no novo filme de Costa-Gavras

Se a manipulação da opinião pública por meio da mídia é um tema explosivo, imagine um roteiro que cutuca esse vespeiro nas mãos de Costa-Gavras, o homem responsável por barris de pólvora como *Z* e *Missing*. Mas *O Quarto Poder*, que mostra a irresponsabilidade de repórteres sensacionalistas dispostos a tudo por uma boa história – até mesmo criá-la a partir do zero –, resultou um drama apenas correto, sem nunca ser eletrizante.

A vítima dos jornalistas malvados desta vez é Sam Baily (John Travolta, inchado e com cara de bobão), segurança de um pequeno museu do interior. Revoltado com sua demissão, Sam invade o local de trabalho de espingarda em punho, ameaçando sua ex-chefe e um grupo de crianças para conseguir o emprego de volta. O que ele não sabe é que o repórter Max Brackett (Dustin Hoffman), despachado para o meio do nada depois que sua carreira numa poderosa rede de televisão de Nova York foi para o espaço, também se encontra no museu. A arma de Sam dispara acidentalmente, ferindo gravemente o outro segurança – um negro –, e o circo da mídia está armado.

Mesmo sendo mantido como refém no museu, o jornalista consegue manipular o confuso Sam para criar uma reportagem capaz de reviver sua carreira. Mas, se Brackett é simpático às agruras do desempregado Sam, o mesmo não se pode dizer de Kevin Hollander (Alan Alda), âncora de um respeitado telejornal. Com a intromissão de Hollander – antigo rival de Brackett – na história, o que era tragédia passa a ser catástrofe: o recém-chegado adota um tom abertamente agressivo, revertendo a opinião pública e servindo ao propósito do diretor de provar o quanto o público é manobrável e dependente da televisão.

Apesar da importância do tema, faltou a *O Quarto Poder* aquela engenhosidade para construir filmes carregados de tensão que fez a fama de Costa-Gavras. Ele se preocupa tanto em esmiuçar as sujeiras da mídia sensacionalista que se esquece do principal: desenvolver os personagens e contar a história. O filme é, sim, capaz de balançar a crença na veracidade das imagens que aparecem na telinha, mas só até a próxima edição do *Jornal Nacional*.

(Mad City, EUA, 1997) ***Direção****: Costa-Gavras.* ***Com*** *John Travolta, Dustin Hoffman, Alan Alda, Mia Kirshner, William Atherton, Blythe Danner, Ted Levine, Robert Prosky. 114 min.*

Warner

Te peguei: Dustin Hoffman é flagrado no banheiro por John Travolta

JUNHO NOS CANAIS TELECINE.

COM 721 FILMES E 20 ESTRÉIAS NUM ÚNICO MÊS, TODOS OS DIAS VÃO SER ESPECIAIS.

ASSISTA AINDA NO TELECINE 1 A 20 FILMES INÉDITOS, ENTRE ELES:

- Os Espiritos
- Fuga de Los Angeles
- Uma Herança da Pesada

TELE CINE

Você vai ver Um Dia Especial. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando. Neste mês são 721 filmes, dos mais variados gêneros, todos com som original, legendados e sem intervalos. Ligue para a operadora de TV por assinatura da sua cidade e peça os canais Telecine. Quem não tem Telecine não tem cinema. E perde dias de grandes estréias, aventuras, romances, suspenses, comédias e clássicos.

TELE 1 CINE ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INÉDITOS NA TV BRASILEIRA.

TELE 2 CINE AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTÍFICA, WESTERN.

TELE 3 CINE DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.

TELE 4 CINE COMÉDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.

TELE 5 CINE CLÁSSICOS, CULT.

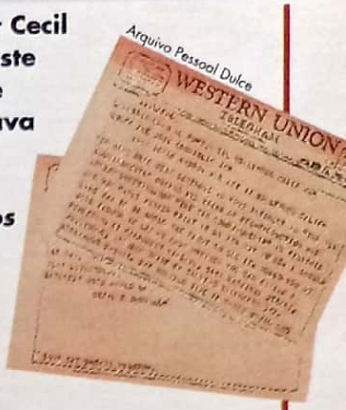
TELECINE, ISTO É CINEMA

*Consulte sua operadora Net/Multicanal/Sky sobre a disponibilidade dos canais, preço e condições de

Dulce Damasceno de Brito

Quando FÃS e ESTRELAS se encontravam

Os ídolos compareciam em peso, e o público cuidava da agitação nas *avant-premières* da velha Hollywood



Assinado por Cecil B. De Mille, este telegrama de 1956 divulgava a pré-estréia de *Os Dez Mandamentos*

Apesar do nome francês, as *avant-premières* – ou pré-estréias – foram popularizadas nos Estados Unidos, onde seguiam uma única lei: quanto mais agitação, melhor. Lembro-me de ter ficado muito emocionada na primeira vez em que compareci a uma *première* em Hollywood. Foi logo após a minha chegada, em 1952, e justamente no famoso Chinese Theatre, onde astros e estrelas gravam pés e mãos para a eternidade. O filme era *Meu Coração Canta*, no qual Susan Hayward interpretava a história real da cantora Jane Froman, que ficou paralítica depois de um acidente de avião.

Por ter investido muito nesse musical tão comovente, a Fox impôs a presença de todos seus contratados, além de outros ídolos das adolescentes da época. Em noite de gala, com todo o luxo a que tinham direito, lá estavam a estrela Susan, o estreante Robert Wagner, Cary Grant, Ginger Rogers, James Mason, Maureen O'Hara, Peter Lawford, Richard Burton, Olivia de Havilland e Jane Russell – além de uma espetacular loirinha que filmava *Os Homens Preferem as Loiras*, e que breve se tornaria um mito: Marilyn Monroe. Logo ao descer das limusines, esses artistas eram recebidos aos gritos pelos fãs que havia horas ocupavam as arquibancadas construídas pelo estúdio para que vissem seus ídolos em carne e osso – só a imprensa e os membros da indústria tinham acesso ao interior do cinema.

Fotos: Reprodução

Marilyn, Grant e Ginger eram *habitués* das sessões de gala

Posteriormente, assisti a outras impressionantes *avant-premières* que aconteciam a cada mês. Destaque para a de *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, em 1956, quando o produtor Michael Todd ficou à porta do cinema Carthay Cicle recebendo cada convidado com um aperto de mão, enquanto sua (então) noiva Elizabeth Taylor guardava lugar na platéia. Naquele mesmo ano, Liz prestigiou outra *première* histórica: a de *Assim Caminha a Humanidade*, que levou o público das arquibancadas ao delírio com sua presença e a do galã Rock Hudson. Na ocasião – 27 de setembro de 1956 –, um ano já havia passado desde a morte do astro James Dean, mas o Hollywood Boulevard foi invadido por fãs que levavam cartazes e faixas lembrando a figura do ator que era postumamente candidato ao Oscar.

Também marcante foi o lançamento do majestoso *Os Dez Mandamentos*. Mas, antes, o elegante diretor Cecil B. De Mille realizou uma exibição especial para os principais representantes da imprensa local e estrangeira em Hollywood, conforme o telegrama aqui reproduzido. E, assim, tivemos uma *avant-première* exclusiva no cinemão da Paramount.

Outra modalidade eram os *previews* diários nos diferentes estúdios, cujas "cabines" por vezes são tão grandes e bem equipadas quanto os melhores cinemas do mundo. Lembro-me de um fato curioso. Uma noite, ao comparecer ao *preview* de *Um de Nós Morrerá*, com Paul Newman, meu marido e eu chegamos atrasados à Warner e abrimos a porta da sala de projeção nº 2. Do escuro saiu correndo ninguém menos que o astro Spencer Tracy, que indicou que estávamos errados – nossa sessão era na sala nº 1. Pedimos um milhão de desculpa, mas o gentil Tracy não levou a mal nossa invasão. Só depois soubemos que ele estava lá em uma sessão privada com sua amada Katharine Hepburn, assistindo a seu último filme, *O Velho e o Mar*.

Na mesma Warner participei de uma inusitada pré-estréia, mais sofisticada do que qualquer outra. Foi a de *A Mulher do Século*. Um glamouroso cartão escrito pela estrela Rosalind Russell convidava para um coquetel às cinco da tarde, ao qual se seguiu uma projeção do filme com champanhe e caviar em bandejas de prata anexadas às poltronas. E, no final, cada um de nós ganhou uma taça de cristal com as célebres palavras de Auntie Mame: "A vida é um banquete, e tantos idiotas estão morrendo de fome".

Na época, além desses eventos, os estúdios realizavam nos melhores cinemas os *sneak-previews*, assim chamados porque ninguém sabia de antemão a que iria assistir (a palavra *sneak* significa algo escondido, sorrateiro, oculto). Na hora marcada, apagavam-se as luzes e aparecia na tela o nome do filme, saudado por "ohs" e "ahs" da platéia. A surpresa era geral, porque até os projecionistas juravam segredo. Eram coisas assim que tornavam mais glamourosa a velha Hollywood. ■

ORIENT
Automático
O CORPO.
ORIENT
AUTOMATIC
21 JEWELS
A ALMA.
Automático, sim.
Tradição que nunca sai de moda.
Para quem conhece a diferença de seu mecanismo inteligente, alimentado pela energia do seu corpo.
Esportivos, casuais ou clássicos.
Dezenas de opções de designs nas diversas versões do Orient Automático.
Escolha o seu.
Para você, ou para quem você realmente ama.
Orient Automático, o único com garantia até o ano 2001.
O relógio de corpo e alma.
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS. CONHEÇA O AMAZONAS.
AGC Central de Criação

Fotos: Abril

Harrison Ford é um herói a toda prova nesta aventura eletrizante

Harrison Ford é o presidente americano que estuda cada passo do vilão interpretado por Gary Oldman e que conta com a ajuda de sua vice (Glenn Close)

FORÇA AÉREA UM

Meses atrás, quando assistiu (duas vezes) a *Força Aérea Um*, Bill Clinton adorou o filme, e não custa imaginar que tenha sentido também uma ponta de inveja. Afinal, o que significa zerar o déficit público em comparação a desbaratar uma gangue de terroristas em pleno ar, e com as próprias mãos? Imagine que quem está a bordo do jato presidencial é, digamos, George Bush (ou o próprio Clinton), e o filme imediatamente teria de fazer uma desastrosa aterrissagem forçada. Em matéria de eleição, porém, o diretor Wolfgang Petersen leva nota dez: o presidente aqui, como se sabe, é Harrison Ford, campeão incontestável da integridade cinematográfica. E Harrison (ou melhor, o presidente James Marshall) é tão íntegro que se recusa a negociar com os ardilosos e sanguinários nacionalistas russos que tomaram seu avião mesmo sabendo que a primeira-dama, a primeira-filha e todos os membros mais graduados de seu gabinete estão sob a mira dos fanáticos.

O que Marshall faz é aquilo que qualquer chefe de estado em seu juízo perfeito faria numa situação dessas: em vez de escapar numa cápsula e garantir a continuidade do governo, ele permanece a bordo do Força Aérea Um, mas oculto, de forma a melhor explorar as fraquezas e as distrações dos terroristas. Circulando com sangue-frio pelos corredores e compartimentos de carga, o chefe de estado faz ligações via satélite para a Casa Branca, manda faxes com instruções, troca tiros, distribui socos e pouco a pouco vai tomando o controle da situação – tudo isso contra o relógio, já que Ivan Korshunov (Gary Oldman), líder da gangue, dá várias provas de que cumprirá sua ameaça de executar um refém a cada meia hora até que um general genocida do Cazaquistão seja libertado pelo governo russo.

Onde está, então, a diferença entre *Força Aérea Um* e, digamos, *Duro de Matar*? Felizmente, em vários lugares – a começar por Harrison Ford e Gary Oldman, que em meio ao tiroteio encontram tempo para injetar algum sentimento em seus personagens. Depois, na direção do alemão Wolfgang Petersen, eficiente nas cenas de ação (e elas não param de acontecer) e estiloso na condução da trama, como já provara em *O Barco* e em *Na Linha de Fogo*. E, finalmente, em detalhes como a cinematografia elegante de Michael Ballhaus, a trilha triunfalista mas inspirada de Jerry Goldsmith e as atuações certeiras do imenso e estrelado elenco de apoio.

A pena é que os clichês também comparecem em número expressivo. Será que a esta altura ainda é preciso dizer frases como "o elemento-surpresa é uma arma formidável" ou bolar cenas em que cortar o fio errado mandará tudo pelos ares? Ainda assim, *Força Aérea Um* justifica plenamente aquela certa inveja que provocou em Bill Clinton. Se serve de consolo, o presidente de verdade andou demonstrando habilidades que surpreenderiam até um ex-combatente durão como James Marshall: derrubar no braço, e em pleno exercício do ofício, acusação após acusação de assédio sexual.

Isabela Boscov

★★★

(Air Force One, EUA, 1997) Direção: Wolfgang Petersen. Com Harrison Ford, Gary Oldman, Glenn Close, Wendy Crewson, William H. Macy, Jürgen Prochnow, Dean Stockwell. 124 min. Abril

Alicia, amordaçada, simula seu seqüestro

EXCESSO DE BAGAGEM

comédia romântica ★

O sucesso de *As Patricinhas de Beverly Hills* deve ter afetado o bom senso de Alicia Silverstone. Depois de fazer uma Batgirl um tanto roliça, ela inaugurou sua produtora com esta comédia imbecil. Uma adolescente mimada forja o próprio seqüestro para chamar a atenção do pai milionário; depois de pedir o resgate, coloca uma mordaça na boca e entra no porta-malas de seu carro. Minutos antes da transação, um ladrão rouba o veículo, atravessa o cerco policial e volta para seu esconderijo. Para sua surpresa, encontra a garota e não sabe o que fazer. Misturando humor e aventura, o filme insiste num acerto de contas familiar sem nenhuma profundidade, e Benicio Del Toro não funciona como interesse romântico da protagonista. É o típico caso da comédia de erros que se transforma em uma comédia errada.

Miguel Barbieri Jr.

(Excess Baggage, EUA, 1997) **Direção**: *Marco Brambilla.* **Com** *Alicia Silverstone, Benicio Del Toro, Christopher Walken, Jack Thompson, Sally Kirkland, Harry Connick Jr. 100 min. Columbia TriStar.*

ASAS DO AMOR

drama ★★★

Em 1910, Kate (Helena Bonham Carter) divide-se entre o sonho de sua tia de vê-la bem casada e a intensa paixão que sente por um jornalista pobretão (Linus Roache). Quando descobre que a amiga Millie (Alison Elliott), uma órfã milionária que sofre de uma doença fatal, se sente atraída por seu namorado, decide unir o útil ao agradável e estimula um romance entre eles, correndo o risco de sacrificar o amor que tem por ambos. Iain Softley, o diretor de *Backbeat*, tirou do romance de Henry James um profundo retrato de amor e sordidez, merecidamente indicado a quatro Oscar, inclusive o de atriz para Helena Bonham Carter. A produção sofisticada, com locações em Londres e Veneza, é apenas moldura para o excelente trio de protagonistas, presenteado com um roteiro inspirado e perturbador.

Fátima Gigliotti

(The Wings of the Dove, Inglaterra, 1997) **Direção**: *Iain Softley.* **Com** *Helena Bonham Carter, Linus Roache, Alison Elliott, Charlotte Rampling, Elizabeth McGovern. 108 min. Cannes.*

Helena e Roache amam e sofrem na chuva

CÍRCULO DAS VAIDADES

INÉDITO NO CINEMA

drama ★★

Em uma reunião entre amigos na casa de praia do casal Ryland e Ellie, o desagradável (porém sincero) Frick eleva as tensões com suas considerações sobre a vida dos velhos colegas, fazendo com que todos reflitam sobre o significado da amizade. Pena que um elenco tão legal – encabeçado pela sempre linda Jennifer Connelly – seja desperdiçado em um teatro filmado no qual praticamente nada acontece.

(Mr. Spreckman's Boat/Far Harbor, EUA, 1996) **Direção**: *John Huddles.* **Com** *Jennifer Connelly, Edward Atterton, Dan Futterman, Marcia Gay Harden. 101 min. Europa.*

PELAS ONDAS DO AMOR

comédia ★★★

Vencedora do prêmio para diretor estreante em Cannes 96, esta charmosa produção é igualmente cínica e lírica. Com uma trilha sonora de *soul music*, o filme desenvolve um triângulo amoroso entre duas irmãs, jovens e entediadas, e um estranho DJ, um ex-hippie que volta à pequena Sunray para se recuperar de uma recente separação e que acaba por mudar a rotina do local. A diretora reserva uma surpresa surreal para o final.

(Love Serenade, Austrália, 1996) **Direção**: *Shirley Barrett.* **Com** *Miranda Otto, Rebecca Frith, George Shevtsov. 96 min. PlayArte.*

E AGORA, MEU AMOR?

comédia romântica ★★★

Esta simpática história de amor conta com outros atrativos além da sensualidade de Salma Hayek. Uma fotógrafa de origem mexicana engravida de um engenheiro de Nova York, que está trabalhando temporariamente em Las Vegas. Juntando os trapinhos, tentam superar as diferenças culturais. O romance é salpicado de mambos, mariachis e Elvis Presley, funcionando como uma oportuna discussão sobre a intolerância na América.

(Fools Rush In, EUA, 1997) **Direção**: *Andy Tennant.* **Com** *Matthew Perry, Salma Hayek, Tomas Milian, Jill Clayburgh. 108 min. Columbia TriStar.*

UM DIA EM NOVA YORK

comédia ★★★

A estréia do diretor e roteirista Greg Mottola é uma comédia simpática, pontuada por pequenas surpresas. Acompanha a viagem de toda uma família de Nova Jersey para Nova York atrás do marido da filha mais velha, que parece ter uma amante. A busca pelo suposto adúltero dura 24 horas e é ao mesmo tempo hilariante e amarga, prendendo a atenção do espectador com personagens gente-como-a-gente. Co-produzido por Steven Soderbergh.

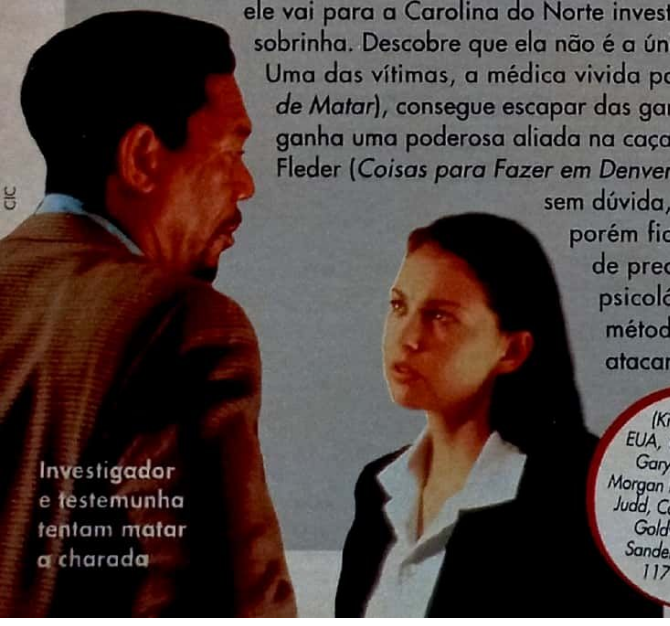
(The Daytrippers, EUA, 1997) **Direção**: *Greg Mottola.* **Com** *Hope Davis, Parker Posey, Liev Schreiber, Stanley Tucci. 102 min. Alpha.*

Europa

BEIJOS QUE MATAM ★★★

suspense Abuso sexual na infância? Carência? Insegurança? Ou simplesmente desequilíbrio mental? Qual seria, afinal, a explicação para que um homem comum rapte jovens belas e talentosas, deixe-as encarceradas em um calabouço e ainda as transforme em escravas sexuais? É a pergunta que fica no ar ao final de *Beijos que Matam*, um suspense que parece uma colagem de sucessos como *O Silêncio dos Inocentes* e *Seven*. Morgan Freeman, por sinal sempre eficiente, praticamente repete o papel do sensato policial de *Seven*. Psicólogo e detetive da polícia de Washington, ele vai para a Carolina do Norte investigar o desaparecimento de sua sobrinha. Descobre que ela não é a única jovem que sumiu na cidade. Uma das vítimas, a médica vivida por Ashley Judd (de *Tempo de Matar*), consegue escapar das garras do psicopata, e Freeman ganha uma poderosa aliada na caça ao assassino. O diretor Gary Fleder (*Coisas para Fazer em Denver Quando Você Está Morto*) fez, sem dúvida, um filme perturbador. O único porém fica por conta da absoluta falta de preocupação em traçar o perfil psicológico do criminoso. Seus métodos são cruéis e a forma de atacar, assustadora. Mas o que todos querem saber permanece sem resposta: por quê?

Suzana Uchôa Itiberê



Investigador e testemunha tentam matar a charada

(Kiss the Girls, EUA, 1997) **Direção**: *Gary Fleder.* **Com** *Morgan Freeman, Ashley Judd, Cary Elwes, Tony Goldwyn, Jay O. Sanders, Bill Nunn. 117 min. CIC.*

AMOR EM CHAMAS

INÉDITO NO CINEMA

comédia romântica ★

Steve e Monica acham que se amam, porque se dão muito bem na cama, mas brigam sem parar – e durante anos. Quando não estão reclamando, estão do lado do telefone, esperando o mesmo tocar em sinal de mais uma reconciliação. Não bastasse tanta chatice, eles ainda volta e meia recorrem ao espectador para dar sua versão da história. Só para quem quer ver uma reprise dos piores momentos de sua própria vida.

(Breaking Up, EUA, 1997) **Direção**: *Robert Greenwald.* **Com** *Russell Crowe, Salma Hayek. 90 min. Warner.*

A MULHER DO PADEIRO

comédia ★★

Escritor e cineasta, o francês Marcel Pagnol foi louvado por retratar a província e analisar o comportamento humano. Neste clássico, a trama começa com o adultério de Aurelie, a bela mulher do padeiro de uma pequena cidade. Sua fuga com um pastor inquieta a população, já que o marido deixa de fazer pão. Pena que, em sua verborragia, esta comédia de costumes tenha envelhecido. Além disso, a cópia em vídeo é irregular.

(La Femme du Boulanger, França, 1938) **Direção**: *Marcel Pagnol.* **Com** *Raimu, Ginette Leclerc, Charles Moulin. 124 min. Em p&b. Continental.*

UM SORRISO COMO O SEU

comédia ★★★

Este filme não é recomendável a casais que estão tentando ter filhos por meio de métodos não convencionais. Brincadeira! Mas os aparatos técnicos da clínica de fertilidade procurada por Greg Kinnear e Lauren Holly são aterrorizantes. Nesta agradável comédia romântica, um casal enfrenta sua primeira crise quando descobre que terá dificuldade para ter um bebê. Destaque para Joan Cusack, de *Será que Ele É?*, como a amiga de Lauren.

(A Smile Like Yours, EUA, 1997) **Direção**: *Keith Samples.* **Com** *Greg Kinnear, Lauren Holly, Joan Cusack, Shirley MacLaine. 97 min. CIC.*

COMO SER SOLTEIRO

comédia ★★

Ser jovem e viver no Rio de Janeiro tem seus atrativos, mas também seus perigos, como demonstra o longa de estréia de Rosane Svartman. Comédia descompromissada sobre um bem-sucedido "guerreiro" que inicia um amigo na "nobre arte" da conquista, tem boa trilha sonora e algumas ótimas frases e piadas. A precariedade do roteiro impede, no entanto, que o humor fuja do trivial carioca – praia, boteco e Cristo Redentor.

(Brasil, 1997) **Direção**: *Rosane Svartman.* **Com** *Heitor Martinez Mello, Ernesto Piccolo, Rosana Garcia, Cássia Linhares, Marcos Palmeira. 92 min. Europa.*

007 – O AMANHÃ NUNCA MORRE ★★★★

aventura **James Bond encontrou a fórmula para enfrentar o novo milênio. Em *007 – O Amanhã Nunca Morre*, o novo filme do agente secreto mais famoso do cinema, as irônicas aventuras protagonizadas por Sean Connery deram lugar a um típico arrasa-quarteirão ianque: careta, politicamente correto e com direito a todas as perseguições e explosões que um orçamento milionário pode comprar. E o filme funciona que é uma beleza. Desta vez, Bond (Pierce Brosnan) tem de combater o magnata da mídia Elliot Carver (Jonathan Pryce), um lunático disposto a detonar a Terceira Guerra Mundial só para aumentar a audiência de seu novo canal de televisão.**

Para ajudar o espião, entra em cena Wai Lin, uma agente do governo chinês interpretada por Michelle Yeoh – de longe a melhor coisa do filme. O roteiro é absurdo até mesmo para um filme da série, mas as cenas de ação são de cair o queixo – especialmente as protagonizadas por veículos da BMW, quando Bond é perseguido dentro de um estacionamento, ou quando ele e Wai Lin fogem de um helicóptero pelas ruas de Saigon. Para que o próximo filme fique perfeito, os produtores só precisam de um diretor de ação de verdade – em vez de operários como Roger Spottiswoode – e de um vilão mais interessante: a única coisa que as caretas de Jonathan Pryce provocam são bocejos.

Roberto Sadovski

Warner/MGM

Michelle Yeoh e Brosnan somam forças para impedir que um magnata da imprensa detone a Terceira Guerra

(Tomorrow Never Dies, EUA, 1997) **Direção**: *Roger Spottiswoode.* **Com** *Pierce Brosnan, Jonathan Pryce, Michelle Yeoh, Teri Hatcher, Judi Dench, Desmond Llewelyn, Götz Otto. 119 min. Warner/MGM.*

PAIXÃO DE OCASIÃO

comédia romântica ★★★

Mentiras que se transformam em verdades, a competição profissional se sobrepondo aos sentimentos autênticos, a pressão materna e outros clichês figuram nesta comédia romântica. Ambiciosa, a solteira Kate Mosley constata que só será promovida na agência de publicidade em que trabalha caso seus superiores percebam que ela tem a intenção de se casar. Ela aceita, para tanto, a farsa montada por uma colega, visando apresentar aos colegas o noivo de Kate. O engodo envolve Nick, o *videomaker* que a moça conheceu em uma festa de casamento. O rapaz, porém, está realmente apaixonado por Kate. Mesmo com um epílogo previsível, o filme é envolvente – graças principalmente à boa atuação do elenco, com destaque para Kevin Bacon (o sedutor Sam) e Jay Mohr (o simpático Nick).

Alfredo Sternheim

Abril/Fox

Um triângulo amoroso feliz da vida

(Picture Perfect, EUA, 1997) **Direção**: *Glenn Gordon Caron.* **Com** *Jennifer Aniston, Jay Mohr, Kevin Bacon, Olympia Dukakis, Illeana Douglas. 101 min. Abril/Fox.*

Paris

Julia e Roth divertem-se com jogos eróticos

PAIXÃO DE ALTO RISCO

drama ★★★

Recém-separada, a dentista Rachel arruma trabalho numa prisão, onde atende os condenados. Ela percebe, porém, que se está envolvendo com um deles, Philip. O misto de atração e temor – que no consultório nunca passaria de uma carícia furtiva – encontra um ótimo palco para se desenrolar quando Rachel e Philip se encontram casualmente na rua, já que uma vez por semana o rapaz é liberado para ir à faculdade. Seus encontros, porém, são testemunhados por pessoas que decidem tirar proveito da situação. Se a trama parece um pouco absurda, não desanime: a excelente atuação de Julia Ormond e de Tim Roth leva o espectador a ficar tão enredado quanto eles nessa estranha relação.

Isabela Boscov

(Captives, Inglaterra, 1994) **Direção**: *Angela Pope.* **Com** *Tim Roth, Julia Ormond, Keith Allen, Siobhan Redmond, Peter Capaldi. 115 min. Paris.*

WALLACE & GROMIT ★★★★★

animação Chega às locadoras o excelente trabalho de animação em massinha do inglês Nick Park. Ele é o criador de uma impagável dupla de heróis, o inventor Wallace e seu fiel e inteligente cão Gromit. Juntos, eles administram a Wash'N'Go, uma empresa que presta serviços de limpeza de janelas. O forte de Wallace, porém, são as mirabolantes engenhocas que inventa. O talento de Park está em criar tramas de suspense com muito humor e elaborada concepção visual. A técnica de animação é exemplar, com personagens carismáticos e cenários complexos, explorados por câmeras e enquadramentos de riqueza cinematográfica. Os curtas provocam empatia imediata em espectadores de todas as idades. A primeira fita é *Dia de Folga:* durante um feriado bancário, Wallace fica sem seu queijo predileto. Qual a solução encontrada? Uma rápida viagem à Lua, acompanhado, claro, de Gromit. Os dois outros trabalhos levaram o Oscar de curta de animação: *As Calças Erradas* mostra a dupla de heróis como vítima de um inesquecível pingüim vilão, enquanto *Tosa Completa* revela um plano para roubar carneiros e dificultar o fornecimento de lã em Londres. Há uma perseguição de caminhão/moto/avião que é imperdível. Obrigatório para quem quiser se divertir.

Christian Petermann

Cannes/BMG

Wallace se apaixona pela doce Wendolene

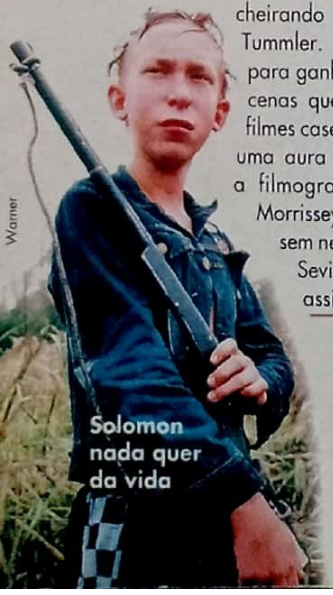
(Inglaterra) **Direção:** Nick Park. **Dia de Folga** (A Grand Day Out, 91): 22 min.; **As Calças Erradas** (The Wrong Trousers, 93): 29 min.; **Tosa Completa** (A Close Shave, 95): 30 min. Dublado. Cannes/BMG

VIDA SEM DESTINO

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

A estréia na direção do roteirista de *Kids* avança na investigação de como vive a juventude alienada. O roteiro de Harmony Korine não é agradável à maioria dos espectadores, muito menos a forma como foi levado para as telas. É um registro sem concessões da miséria humana, que se torna ainda mais trágico quando se percebe que seus protagonistas pouco se importam com o grande vazio que os cerca. O filme se passa em Xenia, Ohio, uma cidade que quase foi destruída por um tornado. Solomon é um adolescente que passa os dias cheirando cola com seu amigo Tummler. Ambos matam gatos para ganhar uns trocados. Com cenas que parecem tiradas de filmes caseiros, este trabalho tem uma aura marginal que lembra a filmografia maldita de Paul Morrissey. É pura poesia do lixo, sem nenhuma afeição. Chloe Sevigny, de *Kids*, também assina os figurinos.

Christian Petermann



Warner

Solomon nada quer da vida

(Gummo, EUA, 1997) **Direção:** Harmony Korine. **Com** Jacob Reynolds, Nick Sutton, Linda Manx, Max Perlich, Chloe Sevigny. 89 min. Warner.

PlayArte

Anjelica encara o angustiado Liotta

PHOENIX – A ÚLTIMA CARTADA

policial ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Mais de 35 anos depois de Janet Leigh percorrer as ruas de Phoenix, Arizona, em *Psicose*, outro filme insinua que a cidade esconde segredos da pesada. Disposto a fazer um *"Phoenix Confidential"* (mas sem o charme de *Los Angeles – Cidade Proibida*), o diretor Danny Cannon carrega no *noir* ao descrever as relações promíscuas de um grupo de policiais. Um deles (Ray Liotta, também co-produtor) é um apostador compulsivo e supersticioso. Sua angústia lembra a do personagem que o próprio ator interpretou em *Os Bons Companheiros*, com a diferença de que está do lado correto da lei – ainda que o filme, no longo flashback que explica a bela seqüência inicial, defenda a tese de que não há nada mais parecido com bandidos do que policiais corrompidos.

Sérgio Rizzo

(Phoenix, EUA, 1997) **Direção:** Danny Cannon. **Com** Ray Liotta, Anjelica Huston, Anthony LaPaglia, Daniel Baldwin. 107 min. PlayArte.

OS JOGADORES

aventura ★★ INÉDITO NO CINEMA

Sônia Braga tem participado de produções modestas em Hollywood. Esta é ambientada em Las Vegas. A prostituta Irene se apossa de 560 mil dólares de um cliente que morreu em sua cama. Para fugir dos verdadeiros donos do dinheiro, ela chama um amigo viúvo e pede que ele aposte a fortuna no cassino. Oscilando entre o humor e a violência, a fita resultou ingênua. O melhor é mesmo a atriz brasileira, apesar de sua atuação exagerada.

(Money Plays, EUA, 1995) **Direção:** Frank D. Gilroy. **Com** Roy Scheider, Sônia Braga, Jon Polito, Carmine Caridi. 92 min. Alpha.

O MESTRE DOS DESEJOS

terror ★★ INÉDITO NO CINEMA

É espantoso ver Wes Craven – o homem que, com *Pânico*, reinventou os filmes de terror para os anos 90 – produzindo uma besteira tão grande quanto este *O Mestre dos Desejos*. O filme segue a fórmula básica do gênero, mostrando uma criatura maligna que, na tentativa de dominar o mundo, combate uma jovem impetuosa. Não é grande coisa, mas garante boas risadas.

PlayArte

(Wishmaster, EUA, 1997) **Direção:** Robert Kurtzman. **Com** Tammy Lauren, Andrew Divoff, Chris Lemmon, Robert Englund, Tony Todd, Kane Hodder. 90 min. PlayArte.

ÚLTIMAS CONSEQÜÊNCIAS

policial ★★

Depois de sair da cadeia, Raymond Lembecke planeja roubar uma mala de cocaína de seu ex-fornecedor. Tudo dá errado, e ele é obrigado a fugir da polícia e da máfia na companhia da namorada e de dois outros criminosos. A estréia na direção de longa para cinema de Kiefer Sutherland, um coquetel de diálogos idiotas e violência desnecessária, prova que ele deveria contentar-se em ser coadjuvante de luxo.

Columbia TriStar

(Truth or Consequences, N.M., EUA, 1997) **Direção:** Kiefer Sutherland. **Com** Vincent Gallo, Mykelti Williamson, Kiefer Sutherland, Kevin Pollak, Rod Steiger, Martin Sheen. 106 min. Columbia TriStar.

GANGUE DO MAL

policial ★★ INÉDITO NO CINEMA

A corrupção e a violência dentro da própria polícia são temas bastante explorados pelo cinema. Não fosse por uma pequena surpresa do roteiro, esta trama repleta de clichês, em que policiais negros tentam provar a ação de uma gangue de colegas brancos e racistas, seria um programa indigesto. O recém-falecido J.T. Walsh (de *Breakdown*) tenta colaborar com seu talento, mas o resto do elenco parece atuar apenas por inércia.

(Gang in Blue, EUA, 1997) **Direção:** Mario e Melvin Van Peebles. **Com** Mario Van Peebles, J.T. Walsh, Cynda Williams. 90 min. Alpha.

Cannes

CLUBE DO FETICHE

comédia ★★

Os ingleses – sempre eles – acabam de inaugurar uma nova forma de abordar o sadomasoquismo: misturar comédia com, quem diria, romance. O ingênuo Peter é um funcionário do governo que se infiltra numa animada rede londrina de S&M, mas acaba se engraçando com a dominatrix do pedaço, a bela Tanya Cheex. A história é pueril, porém engraçadinha – e, no país do *Ratinho Livre*, não deve chocar muita gente.

(Preaching to the Perverted, Inglaterra, 1997) **Direção:** *Stuart Urban.* **Com** *Guinevere Turner, Christien Anholt, Tom Bell. 100 min. Cannes.*

BLACKJACK

ação ★★★

Este piloto da telessérie homônima apresenta algumas das marcas registradas de John Woo – confrontos alucinantes, coreografias em câmera lenta, uma arma em cada mão. Sofre, porém, de diálogos prolixos, que arrastam um pouco o ritmo. Dolph Lundgren é um ex-oficial da Justiça Americana que agora trabalha como guarda-costas – no caso, da filha de um rico proprietário de um cassino e de uma bela modelo ameaçada por um psicopata.

(EUA, 1997) **Direção:** *John Woo.* **Com** *Dolph Lundgren, Saul Rubinek, Kam Heskin, Phillip MacKenzie. 112 min. Flashstar.*

FREE WILLY 3 – O RESGATE

aventura ★★★

As baleias definitivamente assumem o papel principal – com direito até a um parto no mar – neste terceiro episódio da série *Free Willy*, uma simpática e açucarada variação sobre o mesmo tema ecológico, com produção de Richard Donner (de *Máquina Mortífera*). O adolescente Jesse tenta desmascarar os pescadores que podem impedir a orca Willy de ser pai. Ele conta com a ajuda do pequeno Max, filho do capitão do baleeiro.

(Free Willy 3: The Rescue, EUA, 1997) **Direção:** *Sam Pillsbury.* **Com** *Jason James Richter, August Schellenberg, Vincent Berry, Patrick Kilpatrick. 86 min. Warner.*

THE MAXX

desenho ★★★

Talvez *The Maxx*, a bizarra criação do desenhista Sam Kieth, seja a mais fiel tradução de um personagem dos quadrinhos para a telinha. Maxx é um gigante que vive em um mundo entre a fantasia e a realidade: ele mora em uma caixa num beco escuro, mas é um super-herói em seus sonhos. Mesmo que a história provoque curto-circuito no cérebro, o visual alucinado coloca esta opção bem acima da média.

(EUA, 1996) **Direção:** *Gregg Vanzo. Com legendas. 122 min. CIC.*

FLUBBER

comédia ★★

Philip Brainard é o cientista distraído por definição, tanto que já se esqueceu duas vezes de comparecer ao próprio casamento. Mas é também um gênio, razão pela qual deixará padre e noiva novamente a ver navios: às vésperas do casório, Brainard cria uma borracha com uma capacidade infinita de absorver energia. Infinitas ainda são as possibilidades da invenção – tênis e carros voadores, por exemplo – e as confusões que ela irá trazer. Mocinhos e bandidos logo estarão guerreando pela fórmula da flubber – com conseqüências que raramente superam o mais batido pastelão. Os efeitos são bem-feitos, mas elenco e diretor seguem no piloto automático. Visualmente mais sofisticado, mas menos engraçado que o original *O Fantástico Super-Homem*, de 1961.

Isabela Boscov

Abril

Criador sorri para a criatura

(EUA, 1997) **Direção:** *Les Mayfield.* **Com** *Robin Williams, Marcia Gay Harden, Clancy Brown. 93 min. Abril.*

TEMPO IRREAL

ficção ★★★

Abril

Corrida contra o tempo

O preço da independência artística por vezes é bastante alto. O diretor Jim McBride (de *A Fera do Rock*) trabalha pouco e faz apenas aquilo que lhe agrada – sempre na companhia do diretor de fotografia brasileiro Affonso Beato. Ao que parece, está difícil arranjar financiamento para novos projetos. Ele retorna agora com um telefilme. A história transcorre nos dias de hoje e é uma verdadeira corrida contra o tempo: David Larkin tem uma bela família e um bom emprego, mas descobre não existir. Explica-se: morto em um acidente de carro, ele foi "ressuscitado" com partes cibernéticas e sua memória foi implantada, criando uma nova personalidade. Pior: como ele tomou consciência desse fato, seu corpo se desligará automaticamente à meia-noite do mesmo dia. Bem conduzido, o diretor realiza um passatempo eficiente, que em nenhum momento cai no ridículo.

Christian Petermann

(Dead by Midnight/Midnight Man, EUA, 1997) **Direção:** *Jim McBride.* **Com** *Timothy Hutton, Suzy Amis, John Glover. 95 min. América.*

PACOTE ALFRED HITCHCOCK ★★★

suspense

No início, Alfred Hitchcock ainda não sabia demais. Este novo pacote – que inclui os relançamentos de *The Lodger* (1926) e *A Dama Oculta* (1938) – mostra que até mesmo os grandes nascem pequenos (com exceção, talvez, de Orson Welles). Na década de 30, Hitchcock posava para seu retrato do artista quando jovem. Inegavelmente talentoso, não era senhor de seu destino – o estúdio pautava alguns de seus filmes – nem de seu ofício, cometendo enganos de roteiro, de narração e de escolha de atores que mais tarde lamentaria. Mas os acertos já se faziam notar, sobretudo em *O Homem que Sabia Demais* – cuja refilmagem, de 1956, o próprio cineasta considerava superior. De fato, a primeira versão prepara com menos cuidado o clímax, que também é bem mais rápido. Bastaria Peter Lorre como vilão, no entanto, para que o espetáculo – sobre uma pacata família envolvida em uma trama de espionagem – já valesse a pena. O elenco ajuda ainda *Mistério no Número 17*, estruturado em dois atos: no primeiro, diversos personagens se cruzam em uma casa vazia; no segundo, muita ação, com a ajuda de miniaturas de ônibus, trens e balsa. Primeiro filme sonoro de Hitchcock, *Chantagem e Confissão* foi exibido em duas versões, uma das quais "parcialmente falada". Na cópia lançada por aqui, o primeiro diálogo aparece aos nove minutos – e o crime que desencadeia a ação, só aos 32. O homem tinha muito o que aprender – e aprendeu.

Sérgio Rizzo

(Blackmail, Inglaterra, 1929) **Com** *Anny Ondra, Sara Allgood, John Longden, Charles Paton. 83 min.*

(Number Seventeen, Inglaterra, 1932) **Com** *Leon M. Lion, Anne Grey, John Stuart, Donald Calthrop. 64 min.*

(The Man who Knew Too Much, Inglaterra, 1934) **Com** *Leslie Banks, Edna Best, Peter Lorre, Frank Vosper. 75 min. Todos: p&b. Todos: Continental.*

Continental

Peter Lorre (*à esq.*) é o vilão de *O Homem que Sabia Demais*

NO LIMITE
(THE EDGE)
Com Anthony Hopkins
e Alec Baldwin
você vai chegar ao limite.
ANTHONY HOPKINS e ALEC BALDWIN: espetacular aventura que vai levar você ao limite da tensão. Um acidente de avião em pleno Alasca, obriga dois homens completamente diferentes a se unirem na luta pela sobrevivência. Para fugir de um enorme urso que quer devorá-los e descobrir o caminho de volta, eles têm que vencer seus próprios medos e acima de tudo confiar um no outro. Com a participação da belíssima top model ELLE MACPHERSON e uma fotografia primorosa, " NO LIMITE " é uma aventura com ação e suspense em doses exatas.
Hoje na sua locadora.
HOME ENTERTAINMENT
Abril Video

mais TAKES

Vítimas indefesas: ***Ou Tudo ou Nada*** **(à esq.) e *Boogie Nights* ganharam nomes muito bizarros na China**

Que filme é este?

Distribuidores chineses rebatizam filmes ocidentais com resultados hilariantes

Se um dia você estiver na China, preste bastante atenção ao título do filme a que vai assistir: por trás de nomes bizarros muitas vezes se esconde um grande sucesso do cinema americano. O motivo, segundo os distribuidores chineses, é que os estúdios ianques não sabem dar nome a suas produções, deixando a eles a difícil tarefa de tornar um filme imediatamente reconhecível para a platéia oriental.

Assim, *Boogie Nights – Prazer Sem Limites* passou a ser chamado *Seu Instrumento Poderoso o Fez Famoso*, numa alusão claríssima ao dote todo especial do protagonista; *Nixon*, de Oliver Stone, virou *O Grande Mentiroso*; *O Paciente Inglês é Nunca Pergunte Quem Sou Eu*; e *Ou Tudo ou Nada*, cujo título original *The Full Monty* é intraduzível, foi transformado em *Seis Guerreiros Despidos* – ou *Seis Porcos Nus*, dependendo do dialeto falado na região do país.

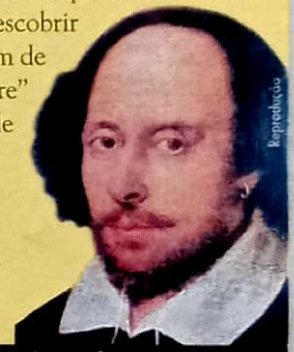
Mas a coisa fica ainda mais bizarra. *O Profissional*, um thriller dirigido pelo francês Luc Besson que mostrava um assassino disposto a mudar de vida por causa de uma garotinha, virou *Este Assassino Não É Tão Frio Quanto Pensava*. Tudo bem, dá até para entender melhor do que se trata. Mais legal ainda ficou *Fargo*, a excelente comédia dos irmãos Coen, que foi rebatizado *Assassinato Misterioso na Montanha Cremosa*. Explica-se: em cantonês, "montanha cremosa" pronuncia-se "fah go". E *Melhor É Impossível* ganhou uma alcunha fantástica: o rabugento personagem de Jack Nicholson, na China, é *Mr. Cat Poop* – em bom português, *Sr. Cocô de Gato*. Alguém se habilita a fazer alguma piada de português agora? ■

Helen Hunt acompanha o "Sr. Cocô de Gato"

WILLIAM SHAKESPEARE

NOVOS DISCÍPULOS PARA O BARDO

Eles podem ser os maiorais em Hollywood, mas os astros Kevin Kline e Dustin Hoffman admitem não passar de iniciantes quando o assunto é William Shakespeare. A dupla vai participar de um curso batizado "Playing Shakespeare", que será realizado na Academia de Música do Brooklyn, em Nova York. O curso será ministrado por John Barton, um dos fundadores da Royal Shakespeare Company de Londres. Ele diz que irá ensinar os astros a "descobrir a linguagem de Shakespeare" por meio de aulas de expressão corporal e linguagem. Quem diria...



William: ensinando os astros

JERRY LEWIS

EM BUSCA DO FILME PERDIDO

O cineasta americano Harmony Korine, que escreveu o polêmico *Kids*, tem um objetivo na vida: descobrir onde está a única cópia de *The Day the Clown Cried*, de 1971, escrito, dirigido e protagonizado por Jerry Lewis. O filme, que nunca foi lançado por causa de problemas legais, mostra Lewis como um palhaço nazista que levava crianças para morrer na câmara de gás de um campo de concentração. "Existe apenas uma cópia no mundo", diz Korine, "e não descansarei em paz enquanto não colocar as mãos nela". Você e provavelmente toda a população da França, meu caro.

Lewis: o palhaço já chorou

mais TAKES

Super-Homem: derrubado pela Warner?

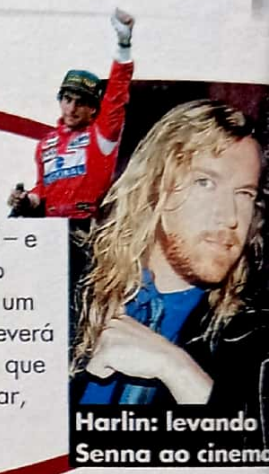
Reprodução

SUPERMAN REBORN
SUPERPRODUÇÃO ADIADA MAIS UMA VEZ

As coisas estão pretas para o Homem de Aço. As filmagens de *Superman Reborn* deveriam começar no início de junho, mas a Warner decidiu adiar a produção mais uma vez. O motivo, segundo uma nota oficial divulgada pelo estúdio, foi a falta de um bom roteiro, já que o diretor Tim Burton decidiu ignorar a história bolada por Kevin Smith para seguir em outra direção. Embora a Warner garanta que o filme será feito, os rumores na Internet dão conta do fechamento completo da produção – e dizem que um novo *Batman* pode ocupar a vaga de *Superman Reborn* no verão americano de 1999.

AYRTON SENNA
PILOTANDO NA TELONA

O diretor Renny Harlin, responsável por sucessos como *Risco Total* – e por fracassos do tipo *A Ilha da Garganta Cortada* –, pode ser o responsável pela biografia do piloto Ayrton Senna, morto durante um Grande Prêmio de Fórmula 1 em 1994. O filme, ainda sem título, deverá se concentrar na carreira de Senna nas pistas, desde os tempos em que era piloto de kart até o trágico acidente que o matou – sem ignorar, é claro, as mulheres que passaram por sua vida.



Harlin: levando Senna ao cinema

TARZAN
DISPUTA IRREGULAR

Tarzan, o Homem-Macaco, voltou a ser assunto em Hollywood. A Disney está preparando um superdesenho animado para estrear nas telas ianques no verão do ano que vem e promete uma versão fiel ao original – ao mesmo tempo que não abre mão de estonteantes cenas de ação. Quem ficou a ver navios foi o canastrinho Casper Van Dien, protagonista da aventura *Tarzan and the Lost City*. O que prometia ser "o Tarzan para o próximo milênio" acabou se tornando um tremendo fiasco: o filme faturou apenas 1 milhão de dólares em seu fim de semana de estréia nos Estados Unidos.

Divulgação

Reprodução

Casper e o desenho Disney: dois lados do mesmo herói

EM BUSCA DA FELICIDADE

Divulgação

"O casamento não me trouxe a alegria profunda que eu estava procurando."

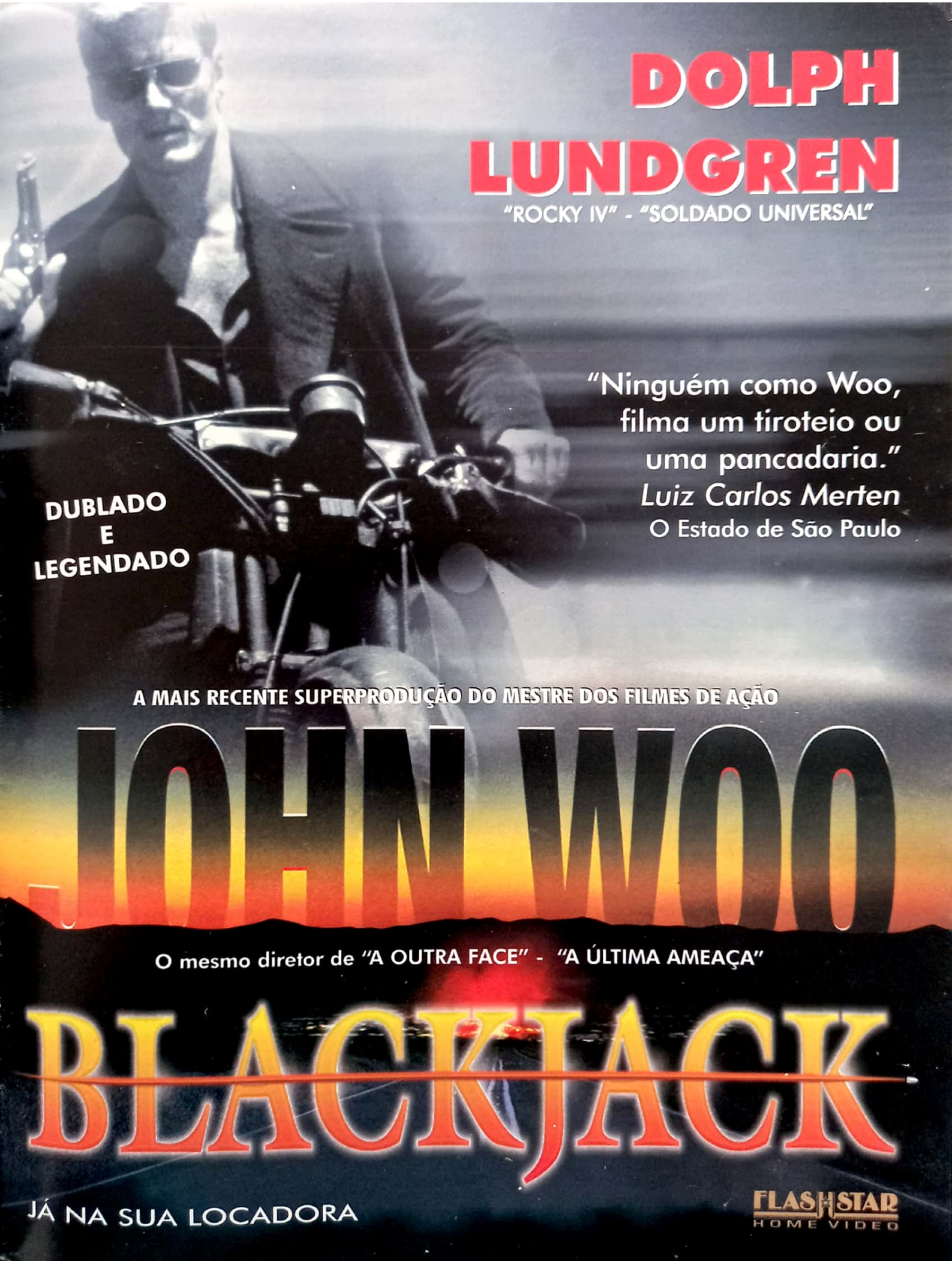
De Richard Gere, *ex-marido da modelo Cindy Crawford, deixando todo mundo curioso sobre quem seria sua mulher ideal*

MÚSICA DE CINEMA
TRILHAS DA LATA

A gravadora Paradoxx está lançando uma coleção para cinéfilo nenhum botar defeito: são dez CDs em uma simpática embalagem de metal com temas dos maiores sucessos do cinema. Cada disco tem um tema diferente, como ficção científica ou os filmes de Tom Cruise e Harrison Ford – sem falar da trilha completa de *Lawrence da Arábia*, o clássico de David Lean musicado por Maurice Jarre. O único problema é que alguns dos temas são repetidos à exaustão nos discos da coleção – um detalhe menor que não compromete a iniciativa.

Divulgação

A coleção: som de primeira


DOLPH
LUNDGREN
"ROCKY IV" - "SOLDADO UNIVERSAL"
"Ninguém como Woo, filma um tiroteio ou uma pancadaria."
Luiz Carlos Merten
O Estado de São Paulo
DUBLADO E LEGENDADO
A MAIS RECENTE SUPERPRODUÇÃO DO MESTRE DOS FILMES DE AÇÃO
JOHN WOO
O mesmo diretor de "A OUTRA FACE" - "A ÚLTIMA AMEAÇA"
BLACKJACK
JÁ NA SUA LOCADORA
FLASHSTAR HOME VIDEO

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Jorge de Souza

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editores: Christian Petermann, Roberto Sadovski
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboram nesta edição:
Texto: Alfredo Sternheim, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Marina de Souza (revisão), Miguel Barbieri Jr., Rodrigo Salem, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê

STAFF EDITORIAL

Direção de Jornalismo: Cynthia de Almeida
Direção de Arte: Rodolfo Tucci

Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Christina Mucci
Sistemas Editoriais: Walter Toscano

COMERCIAL

Diretor: Sérgio Fernandes
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Lauriano
Assistente de Produto: Luciane Nogueira

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE

Diretora: Ana Serra
Supervisora: Malú Marot
Contatos Comerciais: Andréa Madrid, Marlene Araújo, Julia Farina, Marcia Braga
Supervisão: Igor Ismael Assan
Coordenação: Carla M. Zucas, Claudio J. da Silva
Gerente MKT Publicitário: Cintia Mourão

SET edição 132, junho de 1998, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1592. **Assinatura:** Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume 769, Lapa, CEP 05066-900, São Paulo, SP. **Serviço ao assinante:** (011) 823-9222. **Números atrasados:** (as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque): ao preço da última edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505 - Osasco/SP - Cep 06053-990 - Fone (011) 810-4800 - Fax (011) 868-3018, pelo email: **dinap.na@email.abril.com.br**, via internet **http://www.dinap.com.br**. Horário de atendimento: de segunda a sexta, das 8:00 às 21:30, sábado das 8:00 às 13:00. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Solo.

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

IVC

EDITORA AZUL / ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 7.221, CEP 05425-902, Tel.: (011) 3037-2000, Caixa Postal 66254, Fax: (011) 30374814.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel.: (021) 532-0313. Caixa Postal 4816, Fax: (021) 532-1486 / 532-1583.

PRÓXIMAS atrações

o que você vai ver na SET de julho

GODZILLA

★ Matthew Broderick encontra a mais divertida ameaça destas férias: *Godzilla*, o sucesso da mesma dupla de *Independence Day*

PERDIDOS NO ESPAÇO

★ William Hurt, Heather Graham, Gary Oldman e Matt LeBlanc revivem o seriado dos anos 60

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

INTERESSE GERAL

Terra
VIAGEM, NATUREZA E ECOLOGIA

Saúde! É VITAL
PREVENÇÃO E SAÚDE

Viagem e Turismo
ROTEIROS TURÍSTICOS

ENTRETENIMENTO

contigo!
SEMANAL DE TV E NOVELAS

SHOWBIZZ
ROCK, POP E COMPORTAMENTO

SET
CINEMA E VÍDEO

Ação GAMES
VIDEOGAMES E JOGOS PARA COMPUTADOR

FEMININAS

AnaMaria
A PARCEIRA DO DIA-A-DIA DA MULHER

carícia
COMPORTAMENTO ADOLESCENTE

BOA FORMA
BELEZA, FITNESS E SAÚDE

HORÓSCOPO
A REVISTA DOS ASTROS

ESPORTIVAS

FLUIR
SURF É FLUIR

NOSSOS REPRESENTANTES

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (061) 223-21347/321 - 0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Te.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel.: (085) 254-1666/6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

NÃO QUEBRE A CABEÇA VIAJANDO POR AI, VÁ DIRETO A WN VIDEO.

MONTE SUA LOCADORA COM A WN VIDEO.
OBSERVE COMO É FACIL: A WN VIDEO ESTÁ VENDENDO
270 FITAS COM VÁRIOS LANÇAMENTOS E ACESSÓRIOS PARA A

MONTAGEM DE SUA LOCADORA POR APENAS:

R$ 2.700,00

RPZ/262-7518

APROVEITE! É POR TEMPO LIMITADO.
SEJA O SEU PRÓPRIO PATRÃO, MAS COMPRE NO LUGAR CERTO.

VENHA NOS CONHECER E COMPROVE TUDO O QUE PODEMOS LHE OFERECER COM A MAIOR TRANQUILIDADE

- ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES AO LADO DA LOJA.
- FITAS COM A QUALIDADE WN VIDEO.
- FACILIDADES NO PAGAMENTO COMO VOCÊ NUNCA VIU.
- TRANQUILIDADE DE RECEBER A MERCADORIA EM QUALQUER LUGAR.

SÓ A WN VIDEO PODE OFERECER ESSAS VANTAGENS AOS SEUS CLIENTES.

BRINDES
1 ESTOJO
EXPOSITORES
DE PAREDE E CENTRAL
PAPELARIA
SUPORTE PORTA POSTER
KIT WN
POSTER A VONTADE
ACESSÓRIOS COMPLETOS
E MUITO MAIS!

SE VOCÊ PENSA QUE JÁ VIU PREÇOS BARATOS, É PORQUE NÃO VIU OS PREÇOS DA WN VIDEO.

COLECIONADOR
NÃO DEIXE DE CONHECER A WN VIDEO. TEMOS MUITAS RARIDADES PARA VOCÊ.

LIGUE JÁ: 6959-7959
E SOLICITE A NOSSA LISTAGEM.

WN

TELEVENDAS: 6959-7959
RUA DR. GABRIEL PIZZA, 334 - 02036-010
SÃO PAULO - SP - (AO LADO DO METRO SANTANA)
SEGUNDA À SEXTA DAS 9 ÀS 19h
SÁBADO DAS 9 ÀS 16 h
TELEFAX: (011) 290-8143

Lado a lado com o inimigo

Quem vê esta foto até imagina que a atriz Tippi Hedren sempre se deu bem com o pior inimigo que enfrentou em sua vida: os corvos que a atacaram sem piedade no sótão da casa de seu namorado (interpretado por Rod Taylor) em *Os Pássaros*, de 1963. Além de ser uma das obras-primas de Alfred Hitchcock, o filme é um exemplo perfeito das mais perversas obsessões do diretor – quem, além dele, teria a ousadia de estragar uma festa infantil com uma terrível perseguição de vilões alados? *Os Pássaros* serviu também para lançar a ex-modelo Tippi como atriz e loira gelada – mas por pouco tempo. À exceção de mais um filme com o diretor (*Marnie*) e umas poucas produções nos anos 60 e 70, sua carreira não vingou. Mas ao menos uma coisa ela tirou do filme: sua personagem, Melanie Daniels, a marcou tanto que até "batizou" sua filha – Melanie Griffith, com quem Tippi viria a contracenar em *Morando com o Perigo*.

HARRISON FORD PRESIDENTE DOS EUA. UM ESCÂNDALO NA SUA LOCADORA.

Harrison Ford está vivendo o papel de maior responsabilidade de sua vida.

Ele é o Presidente dos EUA, pronto para enfrentar um grupo de terroristas que seqüestrou o FORÇA AÉREA UM, o avião mais seguro do mundo.

Depende dele a vida dos passageiros que estão no vôo presidencial e a segurança de todo o país.

Alugue FORÇA AÉREA UM. Afinal, quando o presidente é Harrison Ford, seu voto é sempre recompensado.

© Buena Vista International. Todos os Direitos Reservados.

HARRISON FORD

UM FILME DE WOLFGANG PETERSEN

FORÇA AÉREA UM

(AIR FORCE ONE)

JÁ NA SUA LOCADORA.

BEACON

TOUCHSTONE HOME VIDEO

Abril Vídeo

DPZ

carlton.

um raro prazer.

alcatrão: 11 mg
nicotina: 0,9 mg
monóxido de
carbono: 12 mg

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR DURANTE A GRAVIDEZ
PODE PREJUDICAR O BEBÊ.